



I CONGRESSO RJE REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO

VI CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO

2 A 5 DE OUTUBRO DE 2019

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL



Rede Jesuíta de Educação



I CONGRESSO RJE

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO

VI CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO

2 A 5 DE OUTUBRO DE 2019

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL



I CONGRESSO RJE REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO

VI CONGRESSO INACIANO DE EDUCAÇÃO

2 A 5 DE OUTUBRO DE 2019

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL



Rede Jesuíta de Educação

Realização:

Rede Jesuíta de Educação Básica

Provincial (2014-2019)

Pe. João Renato Eidt, S.J.

Secretário para Educação

Pe. Sérgio Mariucci, S.J.

Diretor-Presidente da RJE

Ir. Raimundo Barros, S.J.

Coordenação Geral do Congresso

Pedro Risaffi – Secretário Executivo da RJE

Comitê Científico:

Fernando Guidini – Diretor Acadêmico – Colégio Medianeira

Ir. Marcos Epifanio B. Lima – Diretor-Geral Colégio São Francisco Xavier

Maria Margareth Santos – Diretora Acadêmica – Colégio Diocesano

Mariângela Risério – Diretora-Geral – Colégio Antônio Vieira

Pedro Risaffi – Secretário Executivo da RJE

Renato Laurato – Diretor Acadêmico – Colégio São Luís

Rita Mury – Coordenadora de Série – Colégio Santo Inácio

Equipe de Liturgia:

Carmen Torres – Assessora para o SEFE – Colégio São Luís

Cláudio Cassimiro – Assessor para o SEFE – Colégio São Luís

Cléber Silveira – Coordenador SEFE – Colégio São Luís

E. João Francisco Haetinger – Agente Formação Cristã – Colégio Catarinense

Felipe Bernardo – Regente do Coral São Luís – Colégio São Luís

Gilberto Chimenti – Assessor para o SEFE – Colégio São Luís

Ir. Jorge Luiz De Paula – Diretor Acadêmico – Escola Santo Afonso Rodriguez

Renilda Teixeira – Assessora para o SEFE – Colégio São Luís

Silvia Duim – Assessora para o SEFE – Colégio São Luís

Equipe de Logística:

Fernanda Lanna – Coordenadora de Eventos e Projetos – Colégio São Luís

Liliane Oliveira Barbosa – Assistente de Eventos – Colégio São Luís

Luciana Alde – Diretora de Desenvolvimento Institucional – Colégio São Luís

Marta Marcondes Cunha – Assessora de Eventos Internos – Colégio São Luís

Equipe de Comunicação:

Alexandre Valente – Gestor de Projetos da RJE
Ana Sigaud – Gerente de Comunicação e Marketing – Colégio São Luís
André Cantarino – *Designer* Gráfico – Colégio São Luís
Carina Diniz de Dias Lira – Jornalista – Colégio São Luís
Danilo Matheus – Assistente de Comunicação – Colégio São Francisco Xavier
Francisco David Rodrigues – Especialista de Comunicação e Marketing – Colégio São Francisco Xavier
Gael Bergamo Duarte Costa – Assistente de Comunicação – Colégio São Luís
Juliana Dias Alves – Analista de Comunicação – Colégio São Luís
Marco Aurélio Ribeiro – Editor de Imagens e Vídeo – Colégio São Luís
Renan Wermelinger – Analista Administrativo da RJE
Thais Albieri – Coordenadora de Publicações – Colégio São Luís
Tiago Agostinho – Coordenador de Comunicação Institucional – Colégio São Francisco Xavier

Grupo de Trabalho de 2018 – Concepção da Proposta do Congresso:

Fábio Luiz Márian Pedro – Diretor Administrativo – Colégio Catarinense
Juliana Argolo – Diretora Administrativa – Colégio Antônio Vieira
Julival Alves – Assessor Pedagógico – Colégio Diocesano
Luciana Alde – Diretora de Desenvolvimento Institucional – Colégio São Luís
Pedro Risaffi – Secretário Executivo da RJE
Rita Mury – Coordenadora Pedagógica – Colégio Santo Inácio
Roberto Tristão – Diretor Acadêmico – Colégio Loyola

Equipe Editorial:

Aidil Brites – Gestora do Setor de Comunicação – Colégio Antônio Vieira
Ana Paula Marques – Diretora Acadêmica – Colégio Antônio Vieira
Julival Alves – Assessor Pedagógico – Colégio Diocesano
Luciana Oliveira de Sousa – Professora – Colégio Diocesano
Maria Margareth Santos – Diretora Acadêmica – Colégio Diocesano
Mariângela Risério D’Almeida – Diretora Geral – Colégio Antônio Vieira
Pe. Emmanuel da Silva Araújo, S.J. – Assistente Espiritual do Colégio Antônio Vieira
Pedro Risaffi – Secretário Executivo da RJE

Transcrição, Tradução e Adaptação das Conferências: Ana Paula Esteves de Carvalho e Juan Facundo Sarmiento

Diagramação e Impressão: Edições Loyola

Ilustrações: Fabio Woody

As ilustrações foram desenvolvidas ao vivo durante as conferências do congresso.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Congresso RJE da Rede Jesuíta de Educação (10. : 2019 : São Paulo).
– (Itinerários de fé cristã ; 1).

I Congresso RJE da Rede Jesuíta de Educação : VI Congresso
Inaciano de Educação / [realização Rede Jesuíta de Educação
Básica ; diretor presidente da RJE Raimundo Barros]. – São Paulo :
Aneas Edições Loyola, 2020.

ISBN 978-65-5504-068-5

1. Educação cristã 2. Jesuítas - Educação 3. Jesuítas - Educação
- Congressos I. Barros, Raimundo. I. Título.

21-57968

CDD 377.106

Índice para catálogo sistemático:

1. Rede Jesuíta de Educação : Congressos 377.106

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Impressão: Edições Loyola, 2021

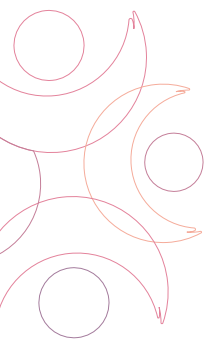
Escritório Central para Educação Básica

Rua Bambina, 115 | Botafogo

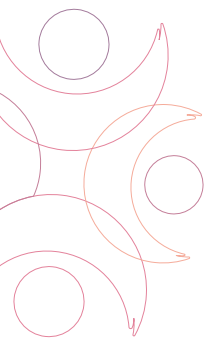
22251-050 | Rio de Janeiro-RJ | Brasil

Índice

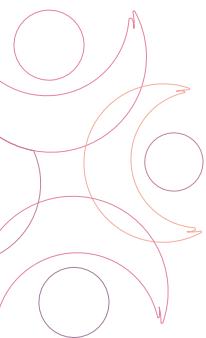
Apresentação.....	9
Carta do Congresso.....	13
Programação do Congresso	23
Mensagem de Abertura do Congresso	25
Homília Missa de Abertura	29
Discurso de Entrega da Medalha do Mérito Inaciano ao Pe. Mário Sündermann	33
Conferências	37
Introdução	39
Educação Jesuíta para a Cidadania Global	41
Desafios e Práticas Inovadoras em Educação para a Cidadania.....	61
Educação para a Cidadania Global – Formação de Professores	97
Mesa de Reflexão: A Promoção de uma Educação para a Cidadania Global – Traçando Rotas.....	123
Educação de Qualidade para Todos: Desafio aos Centros Educativos	125



Oficinas	163
Introdução	165
Oficinas.....	167



Mesas-Redondas e Pôsteres	179
Introdução	181
Mesas-Redondas.....	183
Pôsteres	189



Carta dos Estudantes Participantes do Congresso	195
--	-----



Rede Jesuíta
de Educação

Apresentação

Esta publicação é resultado do trabalho de muita gente que se empenhou na realização do I Congresso da Rede Jesuíta de Educação e VI Congresso Inaciano de Educação. Foi um tempo para celebrar a caminhada da Rede Jesuíta de Educação Básica RJE nos primeiros cinco anos de vida e para reafirmar o compromisso com a educação para a cidadania global.

Como I Congresso da Rede Jesuíta de Educação, um dos objetivos foi trazer para o espaço comum a caminhada feita nas dezessete Unidades da Rede. Tempo para celebrar os avanços alcançados e partilhar experiências; tempo para dialogar sobre a

temática da cidadania global com base na educação jesuítica.

O I Congresso serviu para marcar a história da RJE, mas também para reafirmar uma caminhada muito mais longa que vem sendo feita no apostolado educativo da Companhia de Jesus no Brasil. Por isso, foi também o VI Congresso Inaciano de Educação.

Como VI Congresso, um dos objetivos foi mostrar conexões com a caminhada feita nas últimas décadas, com os compromissos firmados em diferentes tempos e com a continuidade do processo de renovação do apostolado educativo.

Celebrar a vida, reafirmar compromissos, partilhar experiências e fortalecer a caminhada. Ações concretas que foram realizadas durante todas as atividades do congresso e também nas atividades preparatórias. Celebrar cinco anos de vida da RJE pode parecer exagero, mas a caminhada feita mostra que muitos passos foram dados; a RJE se constituiu como espaço colaborativo, de formação, de engajamento e, acima de tudo, de trabalho em comum e, por isso mesmo, celebrar os cinco anos se mostrou necessário e motivo de alegria.

Como experiência de reafirmar o compromisso com a cidadania global, o congresso serviu para conectar

todos os educadores com os compromissos do JESEDU-Rio 2017, compromissos estes assumidos por todas as redes de educação básica da Companhia de Jesus espalhadas pelo mundo.

A cidadania global é compromisso da educação da Companhia de Jesus e o congresso foi uma oportunidade para trazer esse tema para o diálogo comum. Poder escutar especialistas, participar de experiências, dialogar com os pares e traçar estratégias para ações futuras foram dinâmicas que aconteceram e que valorizaram sobremaneira os três dias de atividades.

Para a partilha de experiências, o congresso valorizou os trabalhos feitos por educadores de todas as Unidades da Rede que integraram programas de formação continuada, como a especialização em educação jesuítica e o mestrado em gestão educacional. Eles tiveram a oportunidade de mostrar para uma comunidade mais ampla o resultado de seus estudos, pesquisas, projetos etc.

Assim, ao celebrar os cinco anos de vida da RJE, reafirmar o compromisso com a educação para a cidadania global e partilhar experiências dos educadores da Rede, o congresso assumiu o papel de fortalecimento da caminhada da educação básica nos colégios da Companhia de Jesus no Brasil.

Agora você tem o registro do experimentado e vivido durante o congresso. E, mais do que o registro histórico, esta publicação se propõe marcar um tempo em que realidade e sonho se encontram e lançam luzes para um caminhar mais comprometido com uma educação de qualidade, que colabore na formação de mulheres e homens para os demais.

Ir. Raimundo Barros, S.J.

Diretor-Presidente da Rede Jesuíta de Educação Básica

Carta do Congresso

Nos dias 2 a 5 de outubro de 2019, realizou-se o I Congresso da Rede Jesuíta de Educação e VI Congresso Inaciano de Educação, sediado no Colégio São Luís, em São Paulo. Reuniram-se educadores e estudantes das dezessete Unidades educativas da Companhia de Jesus no Brasil, jesuítas e leigos atuantes na RJE, além de profissionais representantes da Federação Latino-Americana de Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI) (Colômbia), da Jesuit Schools Network (EUA), da Jesuïtes Educació (Barcelona), do Sistema de Qualidade na Gestão Escolar (SQGE) (Uruguai) e da Plataforma *Educate Magis* (Irlanda), profissionais da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), representantes da Fundação Fé e Alegria e do Programa Magis Brasil, bem como educadores de instituições católicas convidadas para discussão, reflexão, troca de experiências, explicitação e proposição de práticas e desafios associados ao tema da educação para a cidadania global.

Para contribuir com as reflexões e as proposições, participaram, como palestrantes, o Prof. Dr. Pe. José Alberto Mesa, S.J., Secretário Mundial para a Educação Secundária da Companhia de Jesus, o Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Klein, S.J., Delegado para Educação da Conferência dos Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL), a Profa. Dra. Bernardete Gatti, pesquisadora da área de educação e formação de professores, e o Prof. Dr. Fernando Reimers, Diretor da Iniciativa de Inovação Educacional e do Programa de Política Educacional Internacional da Escola de Educação da Universidade de Harvard.

O I Congresso RJE e VI Congresso Inaciano de Educação foi concebido em celebração e exame dos cinco anos de criação da Rede Jesuíta de Educação Básica no Brasil, num contexto em que a cidadania global se apresenta como um imperativo conceitual necessário à formação de homens e mulheres aptos ao enfrentamento dos desafios planetários do século XXI, sendo ainda objeto do acordo n. 12 do Congresso Internacional dos Delegados de Educação da Companhia de Jesus (JESDU-Rio 2017), ocorrido no Rio de Janeiro em 2017. Nesse acordo,

Os delegados se comprometem a trabalhar com as equipes diretivas dos colégios para que toda a equipe docente e demais colaboradores recebam formação em cidadania global, de modo que possam ajudar

os estudantes a compreender o seu futuro como cidadãos do mundo (JESEDU-Rio 2017, acordo n. 12).

A Rede Jesuíta de Educação concebe, então, o I Congresso da RJE e VI Congresso Inaciano de Educação como um espaço de reflexão, diálogo e proposições sobre o tema da educação para a cidadania global, em relação direta com as expectativas e experiências vividas de educadores e estudantes das Unidades educativas e com as principais diretrizes e ações coordenadas pela RJE, desde sua criação.

Cidadania Global: Um Conceito em Construção e a Possibilidade de Sua Efetivação nas Unidades Educativas da Companhia de Jesus

Para servir à missão e identidade da Companhia de Jesus, o conceito de cidadania global deve ser concebido e construído com base numa perspectiva inaciana. Uma força-tarefa da Companhia, reunindo colaboradores de todos os continentes, chegou ao seguinte entendimento:

Cidadãos globais são aqueles que constantemente buscam aprofundar sua consciência de seu lugar e responsabilidade, local e global, em um mundo cada vez mais

interconectado; aqueles que se solidarizam com outros na busca de um planeta sustentável e um mundo mais humano, como verdadeiros companheiros na missão de reconciliação e justiça (*Ciudadanía Global: Una Perspectiva Ignaciana*).

Como Alcançar em Nossas Unidades Educativas uma Educação para a Cidadania Global?

A Cidadania Global como Fidelidade e Cumprimento à Missão da Companhia de Jesus (Pe. José Alberto Mesa, S.J. e Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.)

A Congregação Geral n. 35 aponta que

servir à missão de Cristo, hoje, implica prestar especial atenção ao contexto global. Esse contexto requer de nós atuar como um corpo universal com uma missão universal, constatando, ao mesmo tempo, a radical diversidade de nossas situações. Buscamos servir aos demais, em todo o mundo, como uma comunidade de dimensões mundiais e, simultaneamente, como uma rede de comunidades locais (CG 35).

1. Essa compreensão imputa às redes educativas e colégios da Companhia de Jesus o

reconhecimento da necessidade de guiar suas práticas pelas diretrizes e orientações globais da Companhia, por meio de espaços de integração, aprendizagem e construção colaborativas em rede, como a *Educate Magis*. “Se queres ir rápido, vá sozinho. Se queres chegar longe, vá com outros” (Provérbio africano).

2. Para caminhar juntos, é necessário que se estabeleçam espaços de escuta e participação ativas de estudantes, pais, professores, gestores e atores técnico-pedagógicos, técnico-administrativos e de serviços.
3. Os currículos escolares devem estar comprometidos com as Preferências Apostólicas Universais – 2019 a 2029:
 - a. Mostrar o caminho para Deus mediante os Exercícios Espirituais e o discernimento.
 - b. Caminhar com os pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade, numa missão de reconciliação e justiça.
 - c. Acompanhar os jovens na criação de um futuro cheio de esperança.
 - d. Colaborar no cuidado da Casa Comum.
4. Uma educação para a cidadania global deve tocar os planos de ensino, o currículo, a cultura escolar, a pedagogia.

5. A educação para a cidadania global deve ser entendida como elemento constitutivo da formação integral e uma maneira de responder à missão universal de reconciliação com os demais, com a criação e com Deus.
6. Uma educação para a cidadania global deve também assumir a defesa do direito universal a uma educação de qualidade, implicando que os centros educativos se mobilizem e se associem a instituições e pessoas comprometidas em garantir uma incidência pública e política efetiva nessa direção.

Implicações Curriculares e de Formação de Professores a uma Educação para a Cidadania Global (Fernando Reimers)

7. Uma educação para a cidadania global deve considerar, nos currículos escolares, preocupações mundiais como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.
8. Os currículos devem ser orientados para a formação integral, articulando habilidades cognitivas, interpessoais e intrapessoais.
9. São necessários currículos e processos de formação docente que contemplem desde a compreensão de propósitos educativos amplos até

a exploração pontual de práticas e abordagens pedagógicas particulares, baseadas na inovação e na aprendizagem ativa dos estudantes.

10. Pode-se desenvolver um currículo específico voltado para a cidadania global, com objetivos e planos de trabalho alcançáveis nos diferentes segmentos da educação básica.

Desafios de Formação Docente Fundamentais a uma Educação para a Cidadania Global (Bernardete Gatti)

11. “... para ter uma escola justa precisamos de professores, gestores e formadores de professores que assumam esse compromisso” (B. Gatti).
12. O compromisso de educar para a cidadania global passa por processos de formação consistentes que não têm sido alcançados pelas instituições de ensino superior, fazendo recair sobre os processos de formação continuada uma responsabilidade crescente com o aprimoramento da prática educativa.
13. Modelos eficazes de formação docente agregam profissionais formadores bem qualificados, comprometidos com a pesquisa da prática e em permanente interação com a realidade da educação básica.

14. A qualificação da prática educativa exige o reconhecimento e a valorização dos professores como profissionais e agentes de transformação social, sobretudo nos anos iniciais da educação básica.

Revelações das Experiências no I Congresso da RJE e VI Congresso Inaciano de Educação

Riqueza boa é a riqueza partilhada.
Riqueza que não é partilhada empobrece
(Ir. Raimundo Barros, S.J.).

Os registros e relatos dos participantes apresentam as seguintes evidências:

- I. O I Congresso da RJE e VI Congresso Inaciano de Educação foi vivido como um espaço privilegiado de compartilhamento de riquezas experienciais das diferentes Unidades educativas da RJE, dos produtos das frentes de formação definidas em nível de Rede, e das ações da Companhia que estão em desenvolvimento no Brasil, na América Latina e no mundo, bem como de fortalecimento do sentimento de pertença em rede.
- II. A participação dos estudantes foi percebida como imprescindível para o entendimento dos

enfrentamentos locais e de rede na direção da consolidação de uma educação para a cidadania global, bem como na compreensão dos desafios diversos associados ao currículo de formação integral.

- III. Os produtos de conhecimento desenvolvidos pelos educadores da Companhia de Jesus no Brasil evidenciam uma capacidade privilegiada da RJE de pesquisa e geração de conhecimento a partir de suas práticas, contribuindo para a elevação e o aprimoramento de sua qualidade educativa.
- IV. A diversidade de experiências e conhecimentos compartilhados evidencia que algumas necessidades locais, às quais se submetem isoladamente algumas unidades educativas da RJE, podem ser facilmente supridas se os profissionais e estudantes da RJE utilizarem mecanismos facilitados de conexão e comunicação para compartilhamento de práticas e saberes.

Indicativos de Reflexão e Ação às Unidades Educativas da RJE

- I. Propõe-se que os itens 1 a 14 desta carta sejam recebidos pelas Unidades da RJE como pontos norteadores de reflexão e definição de ações e

estratégias para a consolidação de uma educação para a cidadania global, a serem implementadas ao longo dos anos de 2020 a 2024.

- II. Que a síntese apresentada nesta carta possa ser considerada nessa avaliação e em possíveis indicações de atualização do PEC.

Indicativos Finais e de Avaliação

- I. Fica prevista para o ano de 2024 a realização do II Congresso da RJE e VII Congresso Inaciano de Educação, em celebração e exame dos dez anos da RJE, como espaço de compartilhamento e avaliação das experiências e saberes produzidos por educadores e estudantes, avaliação do alcance dos propósitos assumidos e reflexão sobre os desafios superados e a enfrentar.
- II. O congresso a ser realizado em 2024 deve primar pela continuidade da participação dos estudantes, como reconhecimento, potencialização e valorização de seu protagonismo na concepção e reflexão das práticas de formação integral.

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2019.

Programação do Congresso

Quarta-feira, 2 de outubro 2019	
16h00	Credenciamento
17h30	Missa e Cerimônia de Abertura
19h00	Grupos de Partilha
19h30	Confraternização

Quinta-feira, 3 de outubro 2019	
08h00	Oração da Manhã
08h30	Conferência de Abertura: Educação Jesuíta para a Cidadania Global, com o Pe. José Alberto Mesa, S.J.
10h00	Lanche
10h30	Desafios e Práticas Inovadoras em Educação para a Cidadania, com o Prof. Dr. Fernando Reimers
12h00	Almoço
14h00	Experiências em Educação para a Cidadania Global: Oficinas
15h30	Apresentações de Pôsteres
16h00	Lanche
16h30	Experiências em Educação para a Cidadania Global: Oficinas
18h00	Pausa Inaciana
18h20	Grupos de Partilha

Sexta-feira, 4 de outubro de 2019

08h00	Oração da Manhã
08h30	Palestra: Educação para a Cidadania Global – Formação de Professores, com a Profa. Dra. Bernardete Gatti
10h00	Lanche
10h30	Experiências em Educação para a Cidadania Global: Oficinas
12h00	Almoço
14h00	Experiências em Educação para a Cidadania Global: Mesas-Redondas
15h30	Apresentações de Pôsteres
16h00	Lanche
16h30	Mesa de Reflexão: A Promoção de uma Educação para a Cidadania Global – Traçando Rotas Participantes: Pe. José Alberto Mesa, S.J. e Profa. Dra. Bernardete Gatti Mediação: Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.
18h00	Pausa Inaciana
18h20	Grupos de Partilha

Sábado, 5 de outubro de 2019

08h00	Oração da Manhã
08h20	A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade – Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.
09h00	Apresentação do Trabalho da Equipe de Imprensa dos Estudantes
09h05	Apresentação da Carta dos Estudantes Participantes do Congresso
09h10	Fala de Encerramento do Congresso – Ir. Raimundo Barros, S.J.
09h45	Apresentação da Pós-Graduação Cidadãos para o Mundo (FAJE)
10h15	Lanche
10h45	Aula Inaugural da Pós-Graduação Cidadãos para o Mundo
10h45	Grupos de Partilha por Colégio
11h45	Missa de Encerramento

Mensagem de Abertura do Congresso

(Ir. Eudson Ramos, S.J., Sócio do Provincial)

Boa noite a todos(as),

Em nome do Pe. João Renato Eidt, Provincial dos Jesuítas do Brasil, quero expressar a união de toda a província com a Rede Jesuíta de Educação ao iniciar este I Congresso.

Saúdo as autoridades educativas aqui presentes e que representam os diferentes níveis (universal, latino-americano e nacional) da missão com a educação na Companhia: Pe. José Alberto Mesa (Secretário Mundial para Educação Secundária e Pré-Secundária da Companhia de Jesus), Pe. Luiz Fernando Klein (Delegado para Educação da Conferência dos Provinciais da América Latina e Caribe), Juan Felipe Carrillo (Secretário Executivo da FLACSI, representando o presidente – Pe. Saúl Cuautle) e Ir. Raimundo Barros (Diretor-Presidente da RJE).

Saúdo igualmente o Pe. Carlos Alberto Contieri (Superior do Núcleo Apostólico São Paulo e Santa Rita do Sapucaí e Reitor do Colégio São Luís) e os(as)

demais Diretores(as) Gerais dos colégios, equipes diretivas, coordenadores e educadores. Faço um destaque aqui aos representantes dos(as) estudantes de nossas unidades. Peço que fiquem de pé e recebam nossa acolhida calorosa! Nossa missão é compartilhada com vocês! Obrigado por terem vindo construir e reforçar esse compromisso com toda a Rede.

Este Congresso marca uma caminhada de cinco anos que a Rede de Educação tem realizado na província brasileira da Companhia de Jesus. Torna-se muito apropriado reforçar o compromisso por uma Educação para a Cidadania Global agindo localmente nas realidades que cada um(a) de nós está aqui representando.

A Rede é a nossa grande riqueza! E foi exatamente nesse movimento de criação e consolidação que a RJE iniciou sua caminhada e se encontra agora em nossa província. O compromisso que aprofundamos neste Congresso foi o tema que os delegados reunidos no JESSEDU-Rio 2017 ousaram propor a todo o apostolado educativo da Companhia universal. Queremos promover um trabalho integrado, refletindo nossa identidade e missão como corpo apostólico que formamos todos juntos, leigos(as) e jesuítas.

Alguns(mas) de nós lamentaram que o apostolado educativo não tivesse sido posto entre as Preferências

Apostólicas Universais que foram anunciadas pelo Padre Geral no início deste ano. No entanto, não há motivos para lamentações, pois o apostolado educativo possui condições ideais para cumprir fielmente essas preferências apostólicas nos próximos dez anos: oferece espaços para o aprofundamento de nossa fé por meio do discernimento e da espiritualidade inaciana; confronta nossa reflexão e compromisso com os descartados da sociedade e vulnerados na dignidade; contribui para que o público juvenil elabore um projeto de vida contemplando um futuro cheio de esperança; nossa Casa, nossa Ecologia, não é propriedade privada, mas é Comum, é Integral. Esta é a motivação que o Papa Francisco tem insistido para que nos comprometamos com a vida existente na Amazônia, em primeiro lugar, mas também em todos os biomas dos quais viemos. O apostolado educativo tem à sua disposição os meios e as ferramentas para contribuir com essa missão que a Igreja confia à Companhia de Jesus.

Nossa Província acompanha todo o movimento da cidadania global e busca promover a formação de cidadãos(ãs) para que possamos viver nesse contexto. São vários os avanços e conquistas que a Rede alcançou nos últimos cinco anos, sobretudo com base nas experiências de aprendizagens obtidas em cada uma das nossas escolas. Estamos cientes dos desafios nos cenários locais e globais pelos quais

estamos atravessando e, por isso mesmo, reforçamos o nosso compromisso com a formação integral da pessoa como sendo nossa estratégia para contribuir eficazmente para um mundo mais justo.

Nestes próximos dias, os olhares das demais ações apostólicas estarão voltados para este Congresso que hoje iniciamos. A responsabilidade é grande, mas saibam que ela é compartilhada. Somos uma Rede e formamos um corpo apostólico, sendo assim trabalhamos com muitas pessoas que se sentem comprometidas com a vida, com o Reino e com a justiça.

Encerro minhas palavras agradecendo a presença de todos(as) vocês e reforço o dever assumido de sermos construtores(as) de uma cidadania que não massifica nem rotula, mas respeita pessoas, diferenças e culturas. Em tempos difíceis nos quais vivemos, precisamos resgatar a educação como meio constante de nossa ação. “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Paulo Freire).

Obrigado!

Homília Missa de Abertura

(Pe. Carlos Contieri, S.J., Reitor do Colégio São Luís e Superior
Núcleo Apostólico São Paulo e Santa Rita do Sapucaí)

Memória dos Santos Anjos da Guarda

Na abertura do nosso I Congresso da RJE, celebramos, nesta liturgia, a memória dos Santos Anjos da Guarda, uma oportunidade de poder reler a nossa história pessoal e institucional e reconhecer que Deus cuida de nós por meio de tantas pessoas e múltiplas mediações. Efetivamente, o “anjo de Deus não precisa de asas”, pois ele está colado ao pó desta terra como eu e você. No livro do Apocalipse, por exemplo, os anjos que guardam e protegem as sete Igrejas da Ásia Menor são os bispos. De João Batista é dito nos evangelhos sinóticos que ele é o *anguelos* [o mensageiro] que precede e prepara o caminho do Messias. A memória dos Santos Anjos da Guarda nos abre para o reconhecimento de que Deus nos precede, sua palavra nos precede, seu amor está na origem de tudo. Em razão de nossa fé, somos mensageiros, portanto anjos do amor, da misericórdia, do perdão, da bondade de Deus.

O trecho do Evangelho que nós ouvimos é parte do discurso sobre a Igreja (Mt 18). Esse discurso é

composto de uma série de instruções que Jesus dá aos seus discípulos sobre a vida comunitária. A pergunta pelo “maior” – “quem é o maior” é a questão pelo mais importante, por aquele que tem um lugar de destaque, de privilégio. Tal pergunta dos discípulos a Jesus revela as disputas internas à comunidade cristã. Não se trata de uma disputa de antanho; infelizmente, continua a ser uma realidade presente, e muito presente. A resposta de Jesus, utilizando-se de uma comparação, poderia ser compreendida nestes termos: o maior é o menor, ou seja, aquele que serve (cf. Mc 9,35).

O serviço é um traço característico do discípulo e da comunidade cristã. Mas, para que seja um modo de vida, é preciso conversão, com a consequente mudança radical de mentalidade. A “criança”, aqui, é símbolo do próprio Cristo, que se fez servo de todos e que, sendo de condição divina, assumiu plenamente a nossa humanidade (Fl 2,6-7a). Os “pequenos” são os que se sentem desprezados (v. 10) e que são tentados a abandonar a fé. Nos versículos 12 a 14, eles são identificados com as ovelhas. Em favor deles, é exigida da comunidade cristã uma atenção especial para que ninguém se perca (cf. Jo 17,12), a exemplo do pastor que incansavelmente vai atrás da ovelha que se perdeu até encontrá-la (Lc 15,4-7). Na vida cristã, a ideologia do “cada um por si” não pode ocupar espaço nem

mover nenhuma decisão. Na Igreja, cada membro é importante e deve ser tratado com o mesmo cuidado com que Deus mesmo cuida de cada um de nós. Isso vale para a nossa relação com os nossos alunos. Para eles, em razão de nossa fé cristã e de nossa tradição inaciana, nós somos *angueles*, mensageiros, pessoas que vão à frente para cuidar, conduzir, abrir portas, ser testemunhas da esperança, protagonistas de um mundo novo.

No último dia 12 de setembro, o Papa Francisco lançou o convite para um “Pacto Educativo”: um encontro mundial, a ser realizado em Roma no dia 14 de maio de 2020, com o tema: “Reconstruir o Pacto Educativo Global”¹. A finalidade do encontro é “reativar o compromisso em prol das e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla *aliança educativa* para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna”. Para a mudança do mundo, é preciso, diz o Papa, construir

1. A data do evento foi alterada por conta da pandemia da Covid-19.

uma “cidade da educação”, onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Numa cidade assim, é mais fácil encontrar a convergência global para uma educação que saiba fazer-se portadora duma aliança entre todos os componentes da pessoa: entre o estudo e a vida; entre as gerações; entre os professores, os alunos, as famílias e a sociedade civil, com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, desportivas, políticas, empresariais e solidárias. Uma aliança entre os habitantes da terra e a “casa comum”, à qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões.

Francisco é um anjo que nos precede no caminho, que põe na pauta da Igreja os temas fundamentais do tempo presente e nos alerta para o imponderável do futuro.

Que Deus nos ilumine nestes dias de Congresso e nos dê a graça do bom espírito. Que este nosso Congresso fortaleça a RJE, nos possibilite a partilha de tantos bens recebidos, nos abra para os temas candentes da educação do nosso tempo e nos ofereça a oportunidade de nos alegrarmos pela vocação de educadores.

Discurso de Entrega da Medalha do Mérito Inaciano ao Pe. Mário Sündermann

(Profa. Mariângela Risério, Diretora-geral
do Colégio Antônio Vieira)

No momento histórico da realização do I Congresso da Rede Jesuíta de Educação, inauguramos um tempo de celebração pelos cinco anos de caminhada da RJE, no qual queremos fazer memória, homenagear e agradecer pela contribuição de tantos na construção e consolidação da Rede. Para isso, idealizou-se o Mérito Inaciano, concedido na forma da entrega de uma medalha, como a maior honraria da Rede Jesuíta de Educação. Ele foi inspirado nos princípios que norteiam a educação da Companhia de Jesus, com vistas à formação integral da pessoa humana.

A medalha é uma láurea honorável de elevada significação àquelas pessoas ou instituições que desenvolvem trabalhos relevantes na Rede Jesuíta de Educação, em sintonia com valores defendidos por Santo Inácio de Loyola, e que prezam pela emancipação do sujeito no sentido de ajudá-lo a assumir o seu protagonismo como agente transformador da sociedade, no cumprimento da missão

de “em tudo amar e servir”. Mais que um axioma da espiritualidade Inaciana, “amar e servir” é também a consumação sublime do insigne mandamento de N.S.J.C.: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12,30-31). É com esse espírito de gratidão que queremos homenagear hoje o Pe. Mário Sündermann, S.J.

Falar do Pe. Mário é falar das narrativas que se depreendem de sua vida como jesuíta na função de Delegado para a Educação Básica no período de 2014- 2017, no contexto de criação da nova Província do Brasil.

A sua gestão como Delegado para a Educação Básica inaugurou um novo tempo para os Colégios e Unidades Educacionais da Província dos Jesuítas do Brasil (BRA). Essa foi uma tarefa de grande envergadura, que requeria pessoa de coragem, competente, com grande coração e com grandes ideais.

Aos poucos, a Rede foi sendo tecida, estruturada, construindo sua história, sua identidade. Rede de instituições, de pessoas, de sentidos. A gestão de Pe. Mário construiu de forma propositiva e inclusiva, convocando e mobilizando a participação e o compromisso de todos com a missão.

Nestes primeiros anos de Rede, ele despertou e mobilizou ideais, desejos e sentidos. Desejos de sermos um só corpo, articulado, integrado, unido pelos

mesmos ideais. Sonhou muito, sempre sonhando em mutirão. Marcado por uma forte espiritualidade inaciana, caracterizou-se como um líder de serviço, dando o melhor de si para o êxito da missão: em tudo amar e servir.

Dedicado e determinado, com visão de futuro, compreendia que as escolas estavam vivendo um tempo de travessia, uma profunda mudança cultural, e que era necessário rever, reposicionar e revitalizar o trabalho apostólico da Companhia de Jesus na área da Educação Básica no Brasil. E que as escolas precisavam deixar de ser um centro de ensino para se tornarem um centro de aprendizagem do século XXI.

Na sua gestão, marcada pela colaboração e participação, organizou e articulou a criação do primeiro documento de educação dos colégios jesuítas do Brasil. O PEC sintetizou com maestria o contexto presente e o futuro das escolas, tendo como finalidade intensificar e consolidar a identidade da Rede nascente.

Cidadão global, buscou por meio de visitas às redes jesuítas internacionais, como a Fundació Jesuïtes Educació de Barcelona, novos horizontes que pudessem inspirar a Rede Jesuíta de Educação no Brasil. Incansável na busca do *magis*, articulou-se com a FLACSI para a implantação do SQGE no Brasil, no

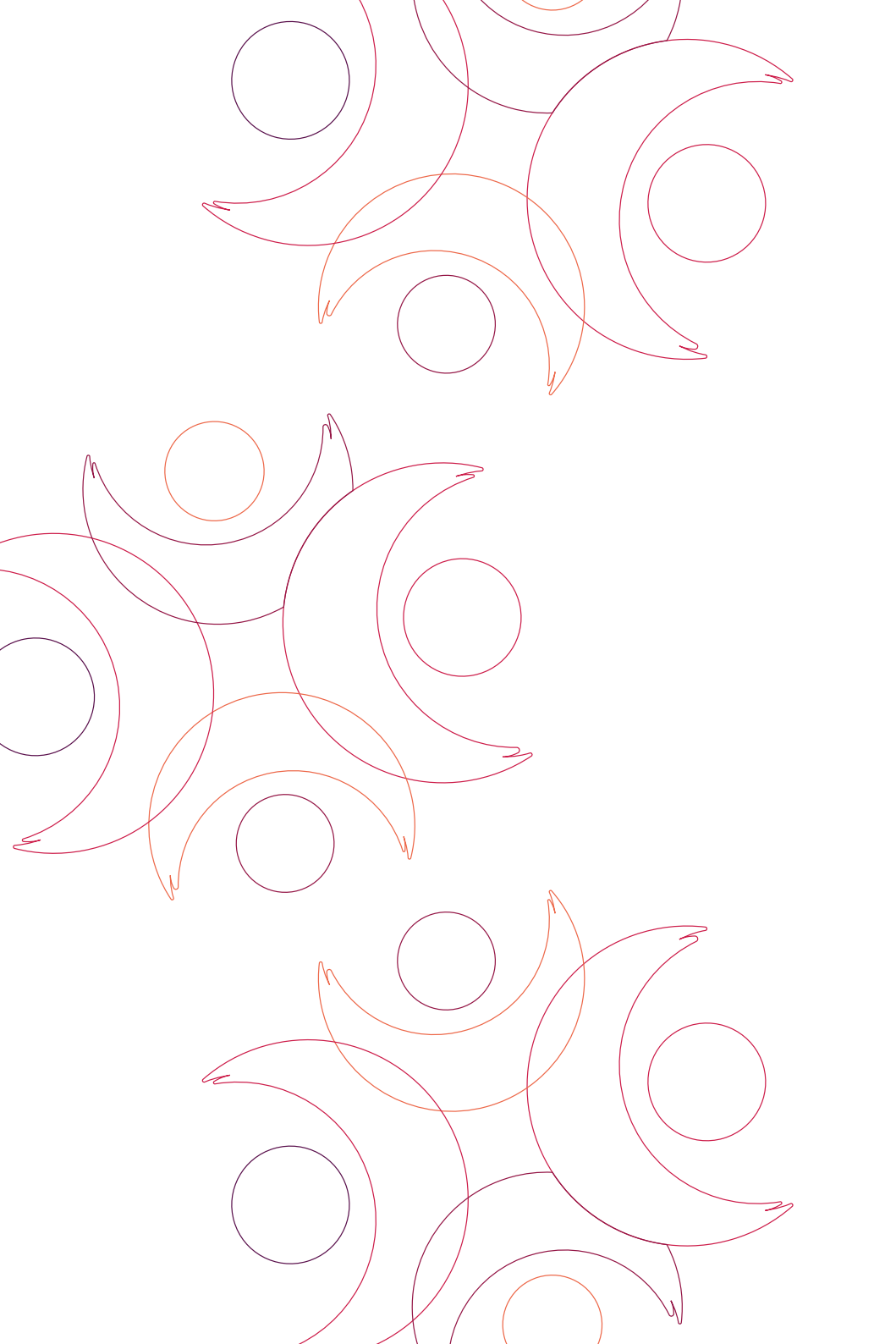
intuito de qualificar e alinhar estrategicamente a gestão das Unidades para as transformações provenientes do contexto global e local.

Construiu parcerias com universidades e programas de formação docente, entendendo que sem ela não é possível a excelência acadêmica. Valorizou e fortaleceu a criação de projetos e intercâmbios culturais juvenis entre as Unidades.

Por tudo isso, por tanto mérito, a Rede Jesuíta de Educação Básica, na pessoa do seu diretor-presidente, Ir. Raimundo Barros, S.J., tomou a iniciativa de prestar esta homenagem, outorgando ao Pe. Mário Sündermann a medalha de Mérito Inaciano.

Conferências





Introdução

(Ir. Marcos Epifanio Barbosa Lima, S.J.,
Diretor-Geral do Colégio São Francisco Xavier)

As quatro conferências, cujos textos autorais estão nas próximas páginas, foram ministradas por educadores e pesquisadores de notório saber e possuidores de qualificação na docência e na gestão de seus temas específicos, quais sejam: Prof. Dr. Pe. José Alberto Mesa, S.J. – “Educação Jesuíta para a Cidadania Global”; Prof. Dr. Fernando Reimers – “Desafios e Práticas Inovadoras em Educação para a Cidadania”; Profa. Dra. Bernardete Gatti – “Educação para a Cidadania Global – Formação de Professores”; Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Klein, S.J. – “A Promoção de uma Educação para a Cidadania Global – Traçando Rotas”.

Tal qualificação teórico-prática dos palestrantes está presente no material sob o eixo da Cidadania Global em algumas de suas vertentes e quer contribuir para a oferta de construção mais sólida quanto a um modo de proceder que aprofunde os entendimentos sobre o poder do bem comum e do cuidado inter-relacional, pela oferta de uma educação integral e de qualidade como um direito universal.

O presente repositório contido nesses Anais com as falas realizadas nas conferências tem ainda a

potência de reverberar através do texto escrito as proposições pertinentes e instigadoras que permearam todo o evento. As leituras, pesquisas e estudos que se valham das premissas e ponências contidas nessas falas – que também podem ser acessadas em vídeo no canal do YouTube Rede Jesuíta de Educação² – tendem a ganhar maior qualificação e assertividade dada a profundidade com que os temas foram apresentados e dialogados na ocasião do referido Congresso.

2. Vídeos das Conferências disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/RedeJesu%C3%ADtadeEduca%C3%A7%C3%A3oB%C3%A1sica/videos>. Acesso em: 27 jul. 2020.

Educação Jesuíta para a Cidadania Global

(Pe. José Alberto Mesa, S.J.,
Secretário Mundial para Educação Secundária
e Pré-secundária da Companhia de Jesus)



https://www.youtube.com/watch?v=uJ2OTXmmTW4&list=PLj7dwr5sAMe9UlyBud_-rFQqaTgfyCn-1&index=2

Bom dia! Infelizmente, não sei falar quase mais nada em português. No entanto, fico muito feliz de estar aqui com vocês, na bela cidade de São Paulo, no I Congresso da Rede Jesuíta de Educação do Brasil e VI Congresso Inaciano de Educação. Esta conversa que teremos é uma oportunidade para nos educarmos na cidadania global. Vou dar a vocês apenas algumas primeiras reflexões e, como estou falando em espanhol, peço que me avisem se eu falar muito rápido.

Antes de entrar no assunto, gostaria de começar com outra frase que sei em português: muito obrigado! E digo muito obrigado, porque são vocês, com seu trabalho, na sala de aula ou na administração da

escola, como líderes, que tornam possível que a educação da Companhia de Jesus exista aqui no Brasil.

A educação da Companhia não se limita apenas aos livros ou documentos que temos; envolve o que vocês fazem, diariamente, nos nossos Colégios, nos atendimentos (nem sempre fáceis) aos alunos e famílias. Também, na forma como vocês respondem, a criatividade, a paciência que colocam em tudo e o entusiasmo com que trabalham. Isso é o que faz a educação da Companhia de Jesus. São vocês, com seu trabalho, que seguem mantendo nossa tradição viva. Por isso, em nome da Companhia de Jesus, repito de todo coração: muito obrigado!

Vamos falar em desafios. Um dos desafios que nós temos que perceber é que o mundo é a nossa casa. A casa comum de todos os seres humanos. Trata-se de uma consciência nova a adquirir, pois nem sempre foi assim. Antigamente, enxergávamos o mundo apenas como nações, antes como impérios ou tribos. No entanto, na atualidade, percebemos que também somos habitantes deste mesmo planeta e que todos pertencemos a essa família humana comum. Para compreender essa nova realidade, contamos com uma tradição educativa. Nossa tradição é como um rio e todos nós (eu sou colombiano) que pertencemos à bacia do Amazonas podemos entender que nossa tradição é como a grande corrente desse rio que nos impulsiona. É uma tradição

que nos ajuda a desafiar e inspirar, ou seja, temos onde nos segurar para aceitar e aprofundar os desafios de hoje.

Eu gostaria de começar por uma retrospectiva muito breve sobre a cidadania global dentro de nossa tradição educativa. Lembremos aquelas famosas palavras de Ribadeneira: “todo o bem da cristandade e do mundo inteiro depende da boa educação da juventude”. Apesar de ele ter dito isso há vários séculos, continua sendo válido na atualidade. A educação não acontece magicamente. Vocês sabem que o trabalho é duro, no dia a dia, mas existe a possibilidade de a humanidade avançar e melhorar. Por isso, continua vigente.

Se a gente quisesse usar as palavras do Pe. Arrupe ou Kolvenbach: o objetivo de nossa educação é a formação de homens e mulheres *com* os demais e *para* os demais, ou como dizia o Pe. Bonifácio, antigo Jesuíta da Companhia: “a educação da juventude é a renovação do mundo”. Por isso, a Companhia de Jesus continua acreditando na educação e fazendo dela um apostolado, porque ela é essa parceira no caminho para nos acompanhar como humanidade e crescer juntos.

Esta é uma tradição viva porque a correnteza nunca se detém. Lembremos o famoso filósofo grego Heráclito, que afirmava: “Ninguém pode entrar duas

vezes no mesmo rio (...)"'. Da mesma forma, poderíamos dizer que a tradição inaciana é como uma correnteza que nos leva e sempre é nova. Sim, é a mesma, no entanto é sempre nova. Por isso, vocês veem aqui alguns dos grandes fatos desses últimos anos de caminhada, como os documentos que têm sido publicados, os diferentes eventos, os congressos, os colóquios, os seminários, para que vocês vejam que nós continuamos avançando, e estar nesta tradição inaciana é ter disposição para o caminho, como Santo Inácio, pronto para continuar, nunca satisfeito com as coisas como elas estão.

Falavam-nos da santa audácia, como também o faz o Padre Geral Sosa. Ele se refere à audácia do impossível, que é parte da nossa tradição. Vejam o que diz a Congregação Geral 34: o jesuíta, e isso pode ser aplicado a qualquer educador inaciano, nunca está satisfeito com o conhecido, o provado, o já existente. Sentimo-nos constantemente impulsionados a descobrir, redefinir e atingir o *magis*. É um caminhar, como esse rio Amazonas que nos leva com sua correnteza sempre para frente e nos renova. Por isso, as fronteiras e os limites não são obstáculos ou finalizações, mas, pelo contrário, são novos desafios. Nós temos grandes desafios na educação que são diferentes dos que tínhamos há dez anos e diferentes dos de vinte anos atrás e, com certeza, são diferentes dos desafios que teremos em cinco

ou dez anos. Por esse motivo, não podemos dormir, não podemos nos vangloriar com as realizações da Companhia de Jesus no passado, deve ser uma tradição viva.

Atualmente, estamos num contexto em que as novas gerações estão constituídas por cidadãos do mundo, porque essa é a sua realidade. Eu trabalhei muitos anos em colégios na Colômbia e muitos dos meus alunos hoje estão em todas as partes do mundo. Eu vou à África, Ásia, Europa ou aqui mesmo, em São Paulo, e me encontro com eles. Colombianos que, em diferentes situações, tiveram que ser cidadãos do mundo, apesar de, infelizmente, não os termos preparado para isso. No entanto, se hoje não prepararmos as gerações que vocês têm na sala de aula para uma cidadania global, não é porque não sejamos visionários, e sim por sermos cegos, já que isto é uma realidade. Por esse motivo, devemos educar nossos estudantes, as famílias e a todos nós dentro dessa realidade e perspectiva.

A pergunta é: como podemos conseguir uma educação para a cidadania global nos nossos colégios? Aqui, a Congregação Geral 35 pode nos ajudar, porque nos diz que servir hoje à missão do Cristo, que é o que devemos fazer em nossos colégios, é prestar especial atenção ao seu contexto global. Somos um corpo universal com uma missão também universal. Por isso, fico feliz porque vocês já com

cinco anos nesta rede de colégios ainda querem continuar caminhando como rede, abrindo-se ao mundo. Este tema da cidadania global nos abre e nos faz reconhecer que somos diferentes, que falamos línguas diferentes, mas vivemos em um mesmo mundo e teremos o mesmo destino a depender de como nós nos tratemos entre nós e de como tratemos o mundo.

Reparem a importância desse processo de renovação. No Rio de Janeiro, tivemos esta reunião e este congresso de delegados, no ano de 2017, chamado “Unidos em Rede Global: Um Fogo que Acende Outros Fogos”. Vejo que aqui há alguns dos participantes que estiveram naquele congresso, e isso é maravilhoso! Foi muito importante, porque naquela reunião fizemos uma agenda global e resolvemos levar a sério a ideia de sermos um corpo universal com uma missão universal. Foi ali que percebemos, junto com o Padre Geral, também presente, que o mundo é nossa casa comum. Somos membros de uma mesma humanidade e juntos respondemos pelo mundo. A contaminação gerada por um país afeta todos no mundo; a maneira como tratarmos o meio ambiente afetará as pessoas que moram no Japão e as que estão também no Brasil, na China, na Patagônia. Por isso, temos que pensar e atuar local e globalmente. Cidadania global não significa renunciar a ser locais, pertencer e

ser ativos participantes de um contexto local e nacional, mas nos acrescenta outra camada, outra dimensão, justamente, a dimensão global. Por isso, no Rio de Janeiro, nós celebramos o encontro com rostos de todas as partes, diferentes, mas com a mesma esperança e os mesmos objetivos.

Naquele momento, nós dissemos que é muito bom poder falar, ter esses momentos de encontro e afirmamos: vamos trabalhar! Por conta disso, e para podermos caminhar juntos, fizemos uma agenda global com quatro áreas temáticas, treze compromissos e oito prioridades. Entre esses compromissos temos o compromisso ou o acordo n. 12, que diz respeito à formação da cidadania global. Dissemos que nos comprometeríamos, nos colégios da Companhia de Jesus, a trabalhar pela cidadania global e a educar os nossos estudantes para que sejam cidadãos globais responsáveis. Ou seja, isto que vocês estão fazendo é também uma resposta àquela agenda global.

Observem, também, que é muito importante o que falou o Padre Geral na Bolívia. Ele disse aos professores que deixaria um dever de casa: conheçam os acordos do Rio e coloquem esses acordos em prática. Ele assumiu que os colégios vão se guiar por essa agenda e que temos que fazer os planejamentos com base nessa agenda. Não se trata de um documento para fixar nas paredes ou guardar

numa gaveta, mas para ser vivenciado e servir de sustentação na nossa tarefa educativa. Então, vamos trabalhar! Vamos para as tarefas.

Eu gosto muito do jeito como dizem as coisas na África. Observem este ditado: “se você quiser ir rápido, vá sozinho. No entanto, se quiser chegar longe, vá com outros”. Trabalhar em rede, muitas vezes, é mais lento, no entanto nos permite chegar muito mais longe e o que nós queremos na Companhia de Jesus é chegar longe.

Eu sou professor, ainda estou na sala de aula, leciono na Universidade de Loyola em Chicago e sei que, mesmo sendo profissionais da aprendizagem, como seres humanos, temos dificuldade de aprender. É muito mais fácil repetir o que sempre fazemos, o que conhecemos. No entanto, isso não nos leva muito longe. Eu sempre digo aos professores e tento aplicar na minha própria vida: se estou fazendo as coisas do mesmo jeito há cinco anos, isso é um indicativo negativo. Se estou fazendo as coisas que fazia há dez anos, é péssimo e, se faço as coisas como fazia há quinze anos, estou morto. Porque não podemos, como dizia o Pe. Arrupe, oferecer respostas velhas a problemas novos. Essa ideia é parte da nossa tradição. Então, temos que ir longe e caminhar juntos. Por isso, estou feliz que vocês estejam aqui reunidos com alegria para poder caminhar juntos.

No Rio de Janeiro, o Padre Geral comentava o tema da cidadania global e nos dizia: “Como podem nossos colégios acolher e oferecer uma formação para a cidadania global que, respeitando as particularidades locais das culturas, evidencie nosso potencial e compromisso universal? Deveríamos ter a capacidade de elaborar programas educativos que nos ajudem a pensar e atuar, local e globalmente, sem dicotomias”... Essa é, de certa forma, a visão da cidadania global da Companhia de Jesus. Nós queremos que nossos estudantes, simultaneamente, sejam cidadãos do Brasil e sejam ativos e participativos nas suas cidades de origem, no seu contexto local e que, ao mesmo tempo, sejam capazes de olhar e atuar globalmente. Alguns podem dizer que isso é uma ilusão; sabemos que não é, porque no decorrer dos séculos assumimos grandes desafios que outros acreditavam ser impossíveis de realizar e nós temos vencido com a colaboração de muitas pessoas, com humildade, simplicidade, mas com o entusiasmo dos que sabem que com Deus tudo é possível.

Nesse sentido, o Pe. Sosa, no Rio de Janeiro, realizou diferentes ponderações relacionadas a essa temática. Ele nos convida a trabalhar e a consolidar a cidadania global e, no Escorial, onde houve um congresso com Fé e Alegria, ele insistiu no olhar global sobre o que significa Educação. Por isso, a

Companhia de Jesus tem muito clara hoje essa necessidade. O Padre Geral disse que temos enormes possibilidades de alentar a esperança em nosso mundo, contribuindo na formação de homens e mulheres justos, verdadeiros cidadãos do mundo, capazes de gerar diálogo e reconciliação entre os povos e com a Criação. Ele falou isso no Brasil, portanto sinto muito, mas vocês têm muita responsabilidade, a tarefa para vocês é muito importante. Claro, vocês vão dizer: como vamos fazer isso? Como vamos entender a cidadania global? (...) Ser cidadão global não significa que o pequeno e o local não têm importância. O pequeno e o local são muito importantes. Um cidadão global somente pode ser assim, na nossa perspectiva, quando coloca atenção no seu entorno local.

Concordamos em que o Congresso do Rio e a fala do Padre Geral nos deixaram um desafio. Mas já pensamos no que estamos fazendo? Como estamos respondendo? O secretariado constituiu uma força-tarefa com pessoas de distintas partes do mundo, com diferentes vozes, e ele nos propõe uma definição inicial. O objetivo é começar uma conversa sobre a seguinte definição que vou ler enquanto vocês tiram suas conclusões: “cidadãos globais são aqueles que procuram continuamente aprofundar sua consciência sobre um lugar, sobre o seu lugar e responsabilidade local e global, num mundo cada

vez mais interconectado. Aqueles que se solidarizam com os outros na busca de um planeta sustentável e um mundo mais humano como verdadeiros companheiros na missão de reconciliação e justiça”.

Que impressão isso deixa em vocês? Como se sentem com essa proposta? Sentem-se inspirados? Eu, particularmente, gosto muito porque acho que nos ajuda a entender que, para formar o cidadão global que pretendemos, temos que entender essa ideia primeiro. Portanto, se queremos que eles sejam cidadãos globais, temos que mostrar o que é ser um. Eu gosto porque significa que aprofundamos nossa responsabilidade e consciência de que todos nós compartilhamos este planeta, que estamos unidos e formamos uma família humana estando comprometidos em buscar um planeta sustentável e um mundo mais humano. Tudo isso dentro da missão da Companhia de Jesus de reconciliação e justiça.

Então, é muito importante e, como já disse a vocês, é um dos propósitos desta força-tarefa. Como já disse, a força-tarefa esteve integrada por pessoas de todas as partes do mundo. Caterina foi quem liderou a equipe. Representando o secretariado, está Ciara, de *Educate Magis*, Pedro, da Rede de Colégios Jesuítas do Brasil, mas também vocês podem comprovar a participação do pessoal do Serviço Jesuíta a Refugiados e de Fé e Alegria. Esta é, possivelmente,

a primeira vez que fazemos um trabalho conjunto entre todas as nossas redes educativas, em que todos fazemos parte de situações muito diferentes. A nossa realidade, da América Latina, é muito diferente da realidade europeia, ou da Índia, ou da África ou da China. No entanto, sempre procuramos as coisas que temos em comum. Aqui, existe um trabalho em rede. Observem que justamente por isso é que queremos chegar longe. Depois, vocês poderão ver que haverá uma página na *web* www.educatemagis.org em que estarão todos os materiais criados pela força-tarefa com informações gráficas que mostrarão que essa proposta de cidadania global começa na nossa tradição educativa, ancorada nesse rio que falamos desde o início.

A viagem continua, por isso essa definição e o trabalho que nos propõe a força-tarefa são um ponto de partida, um caminho para navegar juntos. O Padre Geral, no Rio de Janeiro, disse que, no tema Cidadania Global, deveríamos ser proativos, não apenas esperar que os outros definam para nós de que se trata a cidadania global, mas nós mesmos deveríamos participar e contribuir. Não seremos os únicos, mas, se quisermos contribuir com base na nossa tradição, no que somos, podemos fazê-lo. Isso será publicado em www.educatemagis.org. É uma proposta do secretariado para ajudar todos os colégios locais e regionais a caminhar juntos. Nesse *website*,

encontrarão diversos materiais que poderão ajudá-los(as) a iniciar discussões, materiais para os pais de família, os estudantes, os conselhos diretivos, as reuniões de professores. Há muitas coisas que podem contribuir e em cuja realização essa força-tarefa tem colocado muito entusiasmo.

Estamos trabalhando no contexto das Preferências Apostólicas Universais. Para lembrar a vocês de que se trata, a última Congregação Geral pediu ao Padre Geral, Pe. Sosa, que definisse para a Companhia algumas Preferências Apostólicas Universais, ou seja, uma série de orientações para que todos os jesuítas que estejam trabalhando, no que seja (pode ser num colégio, num observatório astronômico, numa paróquia, num centro social com refugiados, em qualquer lugar), tivessem as orientações necessárias.

Há quatro preferências, sendo a primeira mostrar o caminho que nos conduz a Deus. Quer dizer, que todas as tarefas do nosso apostolado, invariavelmente, têm que observar de que forma podemos ajudar as pessoas a encontrar Deus, mostrar o caminho em direção a Ele. A segunda, caminhar com os pobres. Todas as nossas obras apostólicas têm que fazer isso. Como podemos caminhar com os mais pobres e esquecidos do mundo, os mais vulneráveis? Trabalhando com o grupo social em que trabalhamos. Claro, existem colégios nossos que têm

grupos sociais de classe média ou média alta ou algo mais alta ainda, mas todos precisam unir-se para caminhar com os mais pobres, os depreciados, os marginalizados. A terceira, colaborar no cuidado da casa comum; todos temos que colaborar com esse cuidado, e a quarta, acompanhar os jovens na criação de um futuro que promova esperança.

Nesses dias, alguém me dizia que ficava impressionado com algo que, acredito, já vi em muitas partes do mundo: muitos jovens não têm esperanças, vivem com fatalismo, com certa depressão sobre a vida, e o que queremos é mostrar a eles a esperança e acompanhá-los. Devemos lembrar o que o Padre Geral disse, que temos que ouvir os jovens, sem dizer a eles o que eles têm que fazer. Ouvir para saber o que pensam, veem e dizem. Aprender com eles é um desafio para nós como educadores porque muitas vezes é difícil aprender e ainda mais aprender com eles. Por exemplo, convido vocês a pensar no que aprenderam com seus alunos nos últimos meses. O que aprenderam?

Então, essas preferências (Preferências Apostólicas Universais) nos dão uma orientação. Vocês podem me questionar: “por que vocês não se organizam?”, “a Companhia de Jesus, no Congresso do Rio, abordou alguns assuntos...”, “têm as Preferências Apostólicas Universais, tem o PEC no Brasil, tem o PEC na América Latina, tem uma grande quantidade de

documentos, dentre muitas coisas...”. Nós concordamos, é verdade, mas a boa notícia é que tudo é como o rio Amazonas, é uma correnteza grande, com muitas coisas, mas que nos conduzem ao mesmo lugar. Os temas que tratamos no Congresso e as Preferências Apostólicas estão totalmente alinhados. Quando eu falava isso com o Padre Geral, ele me dizia: “claro, é o mesmo Espírito”. O que aconteceria se no Congresso de Educação disséssemos uma coisa e, depois, nas Preferências disséssemos outras? Diríamos que o Espírito Santo está louco. Mas, não, o Espírito Santo está nos levando pelo mesmo caminho. Não são exatamente iguais, mas nos levam, em diferentes níveis, ao mesmo destino.

No âmbito da cidadania global, o Papa nos diz algo extremamente importante: “Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar”; se continuarmos o caminho em que estamos neste momento, não existirá um final, ou pior, perceberemos que o final está muito perto! Continuando... “Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos.” É um grande desafio cultural, espiritual e educativo. É verdade que esses desafios às vezes podem parecer que abundam, porque existem desafios em todos os lugares, mas essa é uma das vantagens de trabalhar em rede. Você não têm que responder por todos os desafios; podemos nos

ajudar, porque alguns são bons para determinada coisa e outros são bons para outras e, junto com a rede, vão se construindo respostas complexas para problemas também complexos. Portanto, a cidadania global deve ser um enfoque global. Nossa proposta é promover uma educação em que os estudantes se vejam como membros de uma região, de um país e do mundo, simultaneamente, apreciando a responsabilidade pelo bem comum e se transformando em agentes de mudança em todos os níveis.

A educação na cidadania global é parte constitutiva da nossa formação integral hoje, e falar de Formação Integral sem falar de Cidadania Global não é possível. Atualmente, essa é a realidade, apesar de, antes, não enxergarmos dessa forma. Hoje é nossa forma de dar uma resposta à Missão Universal, à reconciliação com o outro, com a Criação e com Deus; disso é o que nos fala a Companhia de Jesus. Nesse sentido, a cidadania global, se assumida com a responsabilidade, deve chegar até o currículo e o plano de estudos, até a cultura escolar e a pedagogia, porque nos faz ter outro olhar, nos faz fazer as coisas de maneira diferente.

No entanto, devemos ressaltar que nem tudo se resume a cidadania global. Ela é um instrumento constitutivo ou, como se diz agora em educação, um tema transversal que diz respeito a todos os elementos constitutivos de uma proposta educativa. Por isso é tão importante. De certa forma, poderíamos dizer que a cidadania global hoje é nosso humanismo, já

que a Companhia de Jesus sempre teve uma educação humanista. Os jesuítas adotaram, aceitaram e modificaram o humanismo da sua época na sua proposta educativa, e esse humanismo, hoje, passa por ser cidadãos do mundo. Por isso, esse é um convite tão maravilhoso! Eu não sei como vocês se sentem, mas espero que se sintam inspirados, um pouco incomodados (porque coisas novas podem nos incomodar), mas existe certo tipo de inconformismo que é bom. Espero que se sintam dispostos a enxergar uma possibilidade enorme de contribuir com um mundo melhor, de reviver e viver nossos melhores sonhos, de aceitar o desafio de construir, como irmãs e irmãos cristãos, esse mundo que queremos.

Em novembro deste ano será lançado um documento novo da Companhia de Jesus sobre educação, que se chama “Colégios jesuítas: Uma tradição viva no século XXI”. O documento está neste momento sendo traduzido para os três idiomas oficiais da Companhia. Nós procuramos com isso, como diz o subtítulo, um exercício contínuo de discernimento. Entendemos que não podemos dizer que está tudo pronto, pelo contrário temos que estar constantemente no exercício da reflexão e discernimento, e esse documento pretende nos ajudar com isso. Ele traz elementos como os identificadores dos Colégios da Companhia de Jesus que são as fontes principais da educação da Companhia de Jesus. Também, traz uma grande

quantidade de exercícios para os colégios que escolhemos para estar nesse exercício contínuo de discernimento, como o que vocês estão fazendo neste momento. Esse documento deixa claro que a cidadania global é um elemento fundamental da nossa proposta educativa, ou seja, está na mesma orientação do Congresso do Rio de Janeiro e das Preferências Apostólicas Universais.

Esse documento será utilizado no II Colóquio de Jacarta, organizado pelos jesuítas em julho deste ano (2021)³, e nós vamos utilizar também para o Colóquio Virtual. No presencial, haverá umas quinhentas pessoas de todos os colégios da Companhia de Jesus do mundo. Infelizmente, os organizadores não podem receber mais participantes, mas todos podem participar do congresso virtual, que será feito por meio do *website* www.educatemagis.org. Por isso, convidamos vocês a fazer ecoar a voz do Brasil pelo mundo nesse congresso virtual, onde iremos estudar o documento e discutir caminhos para sua compreensão. Também servirá para que, depois, quando estivermos no Colóquio de Jacarta, possamos ter isso como um ponto de partida e seguir em frente. Falta muito pouco para isso.

3. A data do evento foi alterada por conta da pandemia da Covid-19.

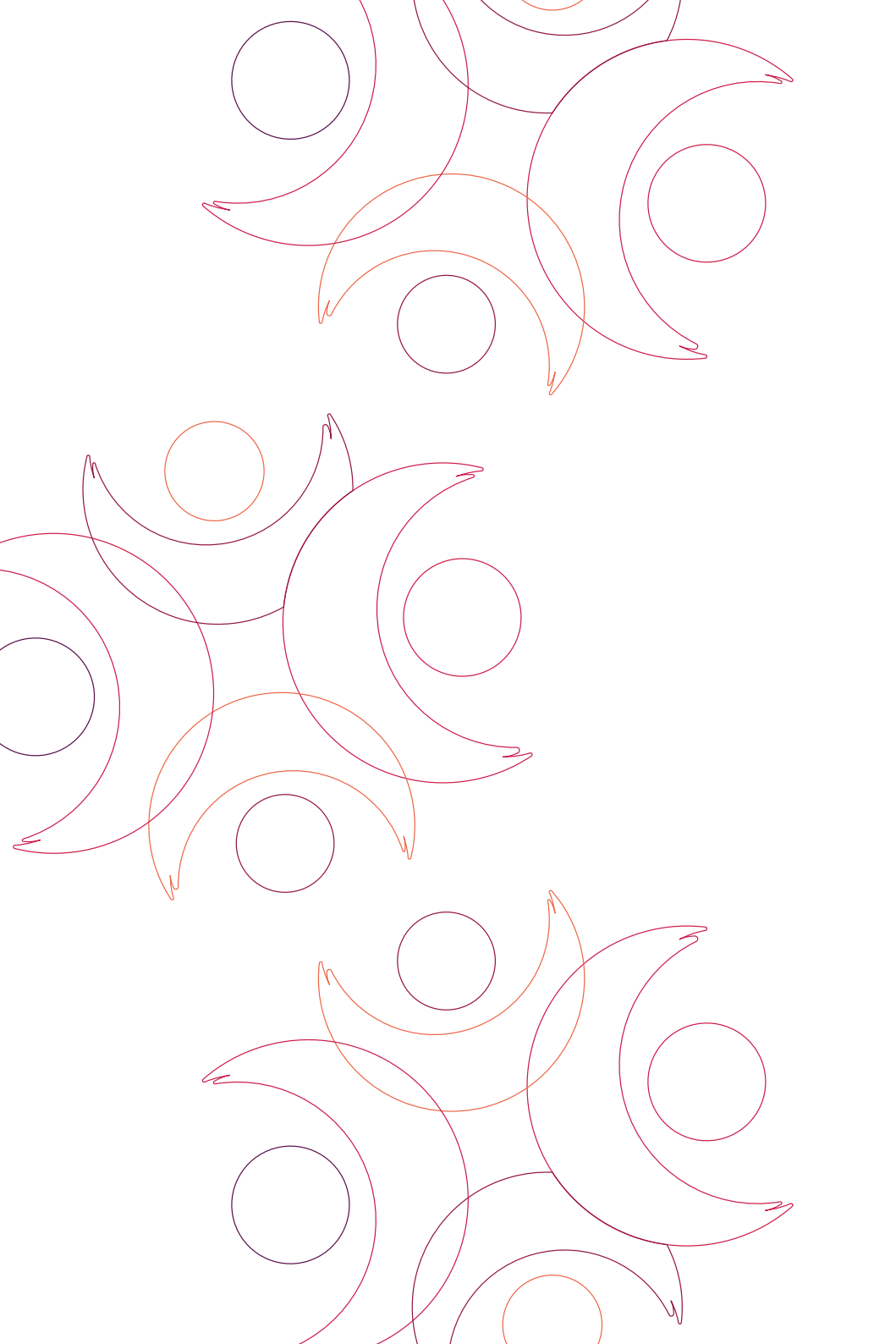
Estamos numa nova fase, caminhando como uma rede global a serviço da missão. Temos dado alguns passos nos colégios. Em 2020, teremos o Colóquio de Jacarta⁴. Em 2023, teremos o segundo seminário, que será na Índia e, em 2026, teremos o segundo Congresso, como o do Rio de Janeiro, em lugar a ser determinado. Esses ciclos são para nos ajudar a caminhar e a entender que tudo continua, que a história não para, que temos que seguir com esse discernimento em todo momento.

O próximo é o II Colóquio, em Jacarta, de 29 de junho a 3 de julho⁵; o enfoque é “Educando para a Profundidade e a Reconciliação”, que é outra forma de abordar a missão da Companhia, as Preferências Apostólicas e a Cidadania Global. O objetivo é refletir e explorar juntos, como rede global, a nossa responsabilidade em tudo isso. Contamos com vocês, com a sua participação no Congresso Virtual, e fico muito feliz de pensar que estamos juntos nesse caminhar. Sintamo-nos com ânimo e unidos na missão e trabalhemos com entusiasmo pela Cidadania Global.

Quero terminar como comecei: muito obrigado!

4. A data do evento foi alterada por conta da pandemia da Covid-19.

5. *Idem*.



Desafios e Práticas Inovadoras em Educação para a Cidadania

(Prof. Dr. Fernando Reimers, Diretor do Programa
de Política Educacional Internacional
da Escola de Educação de Harvard)



https://www.youtube.com/watch?v=7g6Y_OAMtgk&list=PLj7dwr5sAMe9UlyBud_-rFQqaTgfyCn-1&index=5

Bom dia! É um prazer estar com vocês nesta manhã. Muito obrigado por terem me convidado. Também lhes agradeço as perguntas que me enviaram. Na verdade, acho que a ideia de construir situações de aprendizagem na formação integral dos estudantes não é uma ideia nova. Desde a época em que Pestalozzi se propôs educar crianças pobres em zonas rurais da Suíça, ele compreendeu duas coisas: primeiro, que toda educação tem que estar baseada numa prática e que a educação eficaz não pode apenas ser uma educação que coloca o aluno como um observador do mundo, e, sim, precisa criar situações que deem a ele uma prática.

No caso de Pestalozzi, ele falava de uma prática de trabalho, de converter a escola num centro produtivo; isso se deve a que aprender a trabalhar permitiria ao estudante se fazer responsável pela sua própria vida. Também ele tinha certeza de que, naquela época, há três séculos, não haveria outra forma de financiar uma instituição interessada em educar alunos pobres. Por outro lado, Pestalozzi entendia que a educação requer não apenas uma prática, mas uma prática social em comunidade com outros. Trabalhar com o outro é o que nos permite sair da nossa própria compreensão do mundo, ser desafiados com compreensões diferentes, ter curiosidade por outras formas de compreender e, eventualmente, compreender evoluindo.

Essas ideias de Pestalozzi também são as ideias de John Dewey, duzentos anos depois, que destaca, também, a importância de a educação dar aos estudantes a possibilidade de atuar no mundo. A proposta é que, sobre a reflexão do fazer, aprendam construindo um conhecimento próprio, um conhecimento que ultrapasse o simples reconhecimento de ideias, fazendo dessas ideias algo que sirva para o resto das suas vidas.

Essas ideias também são as de Maria Montessori, que se interessou, inicialmente, por crianças com necessidades especiais, que, naquele momento, estavam isoladas em instituições onde recebiam

muito pouca estimulação. Ela percebeu que promover o desenvolvimento delas requereria a estimulação dos sentidos e que isso era essencial para dar-lhes uma prática rica.

São essas também as ideias de Paulo Freire, e isso não é acidental, porque Paulo Freire foi muito influenciado por Anísio Teixeira, um dos criadores da Escola Nova Brasileira, aluno de John Dewey na Universidade de Colúmbia. Portanto, a ideia de educar de uma forma que permita às pessoas desenvolver capacidades, se fazer encargo da sua própria vida e contribuir com outros para melhorar as suas comunidades é uma ideia que tem pelo menos três séculos.

Então, qual seria a novidade? A novidade é que o contexto social em que todos vivemos é cada vez mais um contexto local, ao mesmo tempo que global. No Brasil, está-se vivendo uma situação em que a realidade dos quatro milhões de venezuelanos exilados, muitos deles pessoas em condições de vulnerabilidade, afeta a consciência e a experiência de cada brasileiro. Vocês os veem pedindo nas ruas, fazendo qualquer coisa para sobreviver. Essa é uma das maneiras como a globalização aparece nas nossas vidas, na realidade dos refugiados, daqueles que têm que abandonar seus países de origem, porque a degradação ambiental, ou a violência política, ou outra razão colocam suas vidas em risco.

As pessoas saem de seus locais de origem para poderem sobreviver. Então, esse é um dos exemplos de como um processo global afeta nossa realidade local. Outro exemplo muito claro é a forma como nos relacionamos com o ambiente, com o planeta em que vivemos. Trata-se de uma relação que degrada ou destrói esse ambiente, o que torna cada vez mais difícil manter a vida na Terra. É uma atividade local; por exemplo, o camponês que incendeia um bosque para poder cultivá-lo está envolvido em uma tarefa de sobrevivência, mas as consequências desse ato não são apenas locais, são também globais.

Dessa forma, propor que a escola deva ajudar os estudantes a conhecer, a compreender e a desenvolver um afeto em que eles se importem com as coisas, desenvolver a capacidade de influenciar a realidade que é local e global ao mesmo tempo é simplesmente educar para a vida. Não existe outra vida neste mundo onde as pessoas possam se isolar dos processos globais que influenciam a realidade local e global. Ao mesmo tempo, acredito que, como pensavam Rousseau, Pestalozzi, Dewey ou Paulo Freire, a escola deve dar aos estudantes a possibilidade de trazer para ela problemas reais e, desenvolvendo uma capacidade de trabalhar sobre eles, conseguir a sua compreensão.

O livro *Empoderar Cidadãos para o Século XXI*, como eu explicava na conferência já gravada, que vocês

receberam dois meses atrás, tem o propósito de começar com grandes perguntas, com grandes questionamentos, desafios como aqueles relacionados com os objetivos do milênio sobre como conseguir um mundo sem pobreza, sem fome, onde todas as pessoas tenham boa saúde e bem-estar. Esses desafios, que são de todos nós e também dos estudantes, desde crianças, acredito que são o material natural de uma escola que busca empoderar as pessoas para a vida. Tentar isolar os estudantes desses desafios seria como tentar colocá-los em outro planeta, em outro mundo, numa realidade que não existe. Contrariamente a isso, trazer esses desafios para dentro da escola pode ajudar a compreender como essa prática está relacionada com o mundo que os alunos veem fora da escola.

Atualmente, essa ideia não é aceita por todos os educadores. Quando estávamos desenvolvendo este currículo, que foi feito inicialmente para uma rede de escolas privadas de elite em nível mundial, no processo de desenvolvimento, discutíamos o trabalho com os educadores das instituições e lembro que uma das educadoras, com muitos anos de experiência e muito bem preparada, nos disse: “mas isso é um absurdo! Não podemos ensinar a um estudante do Ensino Médio sobre pobreza”. Eu disse a ela: “por quê?”, e ela respondeu: “porque seus pais não vão aceitar isso”. Minha pergunta seguinte

foi: “como você sabe disso? Você tem provas?”, e ela disse: “talvez os alunos não compreendam”. Nesse momento, perguntei: “como você sabe isso?”, e ela me disse: “Eles podem se deprimir”. Eu disse: “Depende de como você ensinar isso”.

No final, acabamos incluindo o tema da pobreza no currículo de uma forma apropriada para a idade dos estudantes de Ensino Médio de uma maneira que não os constrangesse, mas que os ajudasse a compreender com base no seu próprio nível de desenvolvimento. Buscamos que se desenvolvam o afeto, a motivação e a capacidade que farão o estudante descobrir que este não é um tema sobre o qual ele não pode fazer nada, mas que existem ações ao seu alcance e que ele pode se envolver nesse assunto. Por isso, acho que trazer esses desafios para a escola, no fundo, é ajudar a repensar para que educamos e como educamos.

Acredito que, depois de lecionar durante muito tempo, é fácil se isolar do resto do mundo fora da escola e isso leva a prática educativa a se desconectar da vida no mundo real e a desenvolver algumas ideias sobre como aprendem as crianças, que não estão fundamentadas no conhecimento científico. Por exemplo, sabemos que esse conhecimento estabelece claramente que a noção de que existem coisas que não podem ser aprendidas em certa idade não está baseada no que nós sabemos

sobre desenvolvimento. O que sabemos é que tem que haver uma sequência apropriada que permita aos estudantes desenvolver um conhecimento sobre a base dos pré-requisitos para esse conhecimento, mas tudo pode ser ensinado em diferentes idades se for feito de forma apropriada.

Acredito que introduzir desafios do mundo real na escola é uma maneira de nos obrigar a repensar o sentido da educação e como educamos. Também de nos obrigar a examinar nossos próprios conhecimentos e a buscar evidências e pesquisas atualizadas sobre como as crianças aprendem e sobre como ensinar, para poder transformar o ensino. Nesse sentido, acredito que trazer esses problemas para as escolas que ainda não tratam essas temáticas é uma forma de atualizar a educação, sua finalidade e métodos.

Em resposta a algumas das perguntas que me enviaram, posso dizer que acho que realizar essa tarefa requer um enorme esforço de desenvolvimento das capacidades dos professores e dos diretores das escolas. Porque é verdade que a maior parte deles teve possibilidades limitadas de adotar um currículo como esse que vocês receberam. Currículo que na versão em língua inglesa vendeu mais de 20 mil exemplares e do qual tenho recebido um *feedback* muito interessante por dois motivos: primeiro, porque vem de professores e diretores de escolas nos

Estados Unidos e, depois, porque concordam em afirmar que não têm como adotá-lo em suas instituições, apesar de ele ser muito inovador.

Eu perguntei por quê, e eles me disseram: primeiro, não é o momento de ensinar isso e, segundo, os professores não têm capacidade para fazer isso. Então, penso que essas duas realidades (não existe tempo para isso nem capacidade) são, na verdade, o resultado de uma escolha. Nós arranjamos tempo para as coisas que consideramos importantes e, quando uma escola diz que não tem tempo de ajudar os meus estudantes a conhecer, a compreender e a desenvolver o interesse pela pobreza, o que está dizendo é que existem outras coisas pelas quais estão se interessando e, portanto, não têm tempo para isso. E, quando se diz que os professores não têm a capacidade para fazer isso, o que se está dizendo é que desenvolver essas capacidades não é suficientemente importante para nós, como investir nesse assunto o tempo e os recursos necessários.

Mas imaginemos que uma escola, ou uma rede de escolas, como a de vocês, decidisse que tem interesse em trazer problemas reais do mundo, problemas que ajudem os estudantes a compreender como ele é (profundamente local e profundamente global ao mesmo tempo) e a partir daí decidir: o que devem aprender os estudantes, qual o espectro

de suas capacidades, o que significa uma formação integral. Não como uma construção geral, mas traduzido em quais são as capacidades concretas que queremos que as crianças desenvolvam. Como a capacidade de se colocar no lugar do outro, a capacidade de estabelecer metas próprias, a capacidade de refletir sobre a sua experiência, a capacidade de se comunicar com os outros, a capacidade de negociar diferenças.

Acho que essa tarefa de traduzir metas desse tipo é muito ambiciosa em expressões concretas de competências que tenham os egressos de nossas instituições de ensino fundamental ou médio. É uma tarefa indispensável e enormemente gerativa, e muito difícil para a maior parte de nós. E por que uma tarefa difícil? É uma tarefa que se beneficia de duas coisas: prática social, aprender a ser atuando, e fazer isso em companhia, dentro de uma escola ou de várias escolas, para juntos ir aprendendo como fazer cada vez melhor.

O processo que descrevi na conferência que foi gravada em vídeo e que vocês receberam é o de construir uma rede de escolas que permita apoiar processos de formação continuada, orientados a desenvolver a capacidade dos professores, para levá-los a práticas pedagógicas inovadoras e a adotar um currículo mais desafiador, mais rigoroso, que permita desenvolver o tipo de capacidade que, no

final, nos permita atingir os objetivos. É uma das formas de construirmos uma estrutura e um processo que permitam essa prática pedagógica num contexto social que tem uma escala maior do que a escala de uma professora em sua sala de aula ou de uma professora com três colegas na sua escola. Esse é o valor que eu vejo numa rede que funciona de verdade como ferramenta de formação pedagógica.

Para o tema dos desafios emergentes no século XXI, eu poderia sugerir quão útil seria ler um informe produzido todos os anos pelo Fórum Econômico Mundial, que se chama “Quais são os Principais Riscos com os quais a Humanidade se confronta” e atualiza esses riscos. No entanto, está claro que os dois riscos mais importantes para a sustentabilidade e para as possibilidades de vida em paz são, por um lado, a degradação ambiental e, por outro, a mudança climática.

É verdade que não temos demasiado tempo para desacelerar a velocidade com a qual nosso planeta está se aquecendo. Não tenho certeza se conseguiremos fazer o necessário, mas estou convencido de que, se tentarmos, será fundamental que as escolas se questionem se essa é uma de suas metas, um de seus nortes. Quais capacidades temos que desenvolver em nossos estudantes para reduzir as mudanças climáticas e o aquecimento global? A resposta não é universal. Não é fácil como dizer temos que ensinar essas cinco unidades, e pronto. É uma resposta que tem que ser muito contextualizada.

Se vocês reparassem no sul de Honduras, por exemplo, onde existe uma quantidade enorme de pessoas que arriscam sua vida cruzando o México e os Estados Unidos, poderíamos nos perguntar: por que elas fazem isso? Existem duas razões: primeiro, por terror à violência que pode tirar a vida delas e porque não há como sobreviver lá. Essas duas coisas estão relacionadas. Não existe uma forma de viver já que, durante décadas, se explorou a agricultura na região do sul do país da forma equivocada. Se pensássemos no que deveríamos fazer em Honduras para desacelerar a mudança climática, diríamos que as pessoas têm que aprender como ganhar seu sustento, para poderem cuidar da sua vida. E como podemos fazer isso de maneira que não se continue deteriorando a natureza? A resposta a essa pergunta é que em outras partes do planeta pode ser diferente, porque o impacto que a questão climática tem nessa comunidade pode se dar por outros mecanismos. Portanto, devemos buscar formas contextualizadas que nos permitam decidir quais são as capacidades que devem ser desenvolvidas em uma população de crianças de determinada região.

O segundo desafio muito importante é a desigualdade social e a exclusão. Mesmo de forma objetiva, é verdade que a humanidade toda, inclusive os mais pobres, está em melhores condições absolutas do

que já estiveram seus avós há duas gerações. O fato de que os benefícios da globalização tenham sido distribuídos de forma desigual gera instabilidade. Por exemplo, se observarmos a China, perceberemos que os 800 milhões de chineses que moram na zona rural são menos pobres do que trinta anos atrás. No entanto, quando eles percebem como vivem as pessoas nas zonas urbanas, têm a sensação de que, com razão, os benefícios do progresso chinês não têm sido repartidos de forma equitativa. Isso leva as pessoas a se sentirem vulneráveis, não representadas, excluídas por aqueles que têm se beneficiado e pelas instituições que as representam. Isso gera instabilidade social e política. O mesmo caso se dá no Brasil, e essa instabilidade política é uma das bases, junto com a desigualdade, da violência criminal e de outros tipos. Levam as pessoas a fazer escolhas políticas desesperadas, pensando que não têm nada a perder. Pensando que “para mim a democracia não me ajudou muito” e, se vier um líder que me diga “eu vou me importar com você, eu vou cuidar de você, tirando tudo, tirando toda a sua liberdade e para fazer isso vou ter que regredir, voltar para aqueles mecanismos de repressão, de tortura”, muita gente sente que não tem nada a perder e não tem memória do que foi viver nessa época. Essa realidade é um risco que vocês vivem no Brasil e o risco que explica a tragédia da Venezuela. É um risco que existe em muitas

partes do mundo, infelizmente. Temas muito importantes relacionados com a educação, uma vez que temos esses líderes messiânicos que conquistaram o poder, as pessoas acreditam que não vão ser representadas por ninguém, o que vem depois é que esses mesmos líderes dizem: “aqui é a lei do mais forte”, “não tem nenhum sentido sustentar todas essas instituições, que foram construídas depois da Segunda Guerra Mundial, para tentar ordenar um pouco o mundo, para tentar prevenir catástrofes como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto”. Isso gera a instabilidade política e a possibilidade de conflito em que a gente vive hoje, neste momento.

Bom, esses são alguns dos desafios emergentes sobre o que vocês me perguntavam. Acho que eles não devem ficar de fora da tarefa de uma escola. Então, eu falei da construção em rede, dos desafios da formação integral dos estudantes. Sem dúvida, preparar os estudantes para que entendam esses objetivos requer muito mais do que apenas possam reconhecer e nomear os objetivos; requer que eles se importem com isso, que no seu próprio esquema de vida exista um lugar para que se questionem e pensem qual é sua responsabilidade sobre esses desafios.

Esse tipo de questionamento está relacionado com o que hoje se chama “desenvolvimento de

competências socioemocionais”. Sabemos que o ser humano não é um ser dissociado, que aprendemos com a cabeça, o coração e as mãos, ao mesmo tempo. Isso quer dizer que a cognição não está separada do afeto nem das relações com os outros. Portanto, uma boa educação deve produzir pessoas integradas e, ao mesmo tempo, deve ser uma educação que permita que as pessoas existam de forma integralizada. O que quer dizer isso? No mundo, existem lugares onde as crianças vão para a escola e os professores, para manterem a disciplina, cometem abusos de diferentes formas, como bater nelas. Existe violência física e psicológica. Os estudantes são ridicularizados, e não existe nenhuma justificativa para isso. Qualquer um de nós aprende melhor no lugar onde sabe que é aceito, que é querido do jeito que é. Isso tem a ver com a forma com a qual as pessoas se relacionam dentro da escola. Com aquilo que os estudantes experimentam e observam. Então, de que serve uma escola que fale da importância da inclusão se na prática as crianças não veem isso na escola? Se não há uma pessoa com alguma deficiência física ou cognitiva, por exemplo, eles não demoram muito para perceber que esse discurso é hipócrita, vazio de conteúdo, um discurso politicamente correto, mas que não tem nada a ver com como funcionam as relações entre as pessoas dentro da escola. Por isso, quando pensarmos no currículo, devemos pensar não apenas

nos conteúdos, nos livros que as crianças possuem, mas em como está estruturada a escola, como é a experiência de vida e qual é a prática social que as crianças poderão ter na escola, já que o currículo é tudo o que têm.

Na sugestão que enviei para vocês por vídeo, defendo que uma equipe interessada em repensar como fazer uma educação para formar cidadãos globais deve repensar todos esses elementos do currículo. Nas competições das Nações Unidas, nas quais participam muitas escolas jesuítas, sinto muito prazer ao ver estudantes que vêm de diferentes partes do mundo. São dez ou quinze os que vêm de cada escola e a gente percebe, na composição dos estudantes, que eles refletem uma origem socioeconômica bastante privilegiada no geral. Então a pergunta que eu me faço quando vejo esses estudantes é: será que nesses colégios inicianos não há maior diversidade socioeconômica ou étnico-racial entre eles? Porque todos os que vêm são filhos de famílias abastadas. O que acontece nessas escolas, já que parece existir algum tipo de barreira, que torna possível que cheguem a essas instâncias apenas os que têm mais privilégios? Acho que é esse tipo de exame, de auditoria ou de exame de consciência, que qualquer educador que esteja tentando formar integralmente deve se fazer. Que significa construir na minha escola oportunidades para que todos se sintam incluídos, queridos, respeitados?

Para que as pessoas aprendam, de verdade, do outro, numa situação de igualdade? Não serve muito um esforço por criar diversidade, por exemplo, do tipo étnico-racial, se no cotidiano da escola os estudantes que recebem maior atenção dos professores são os que possuem determinadas características, por diferentes razões. Acho que isso é o que significa formar integralmente dentro de uma escola.

Tenho falado do que significa desenvolver uma consciência inclusiva no Brasil e imagino que vocês conhecem a tarefa extraordinária de Rodrigo Hübner Mendes, um dos empreendedores sociais mais sensacionais que já conheci. Um homem tetraplégico que apenas pode mexer a cabeça e que em sua cadeira de rodas (e ajudado para movimentar o corpo) tem feito mais para promover a inclusão de crianças com incapacidades no Brasil do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Ele tem feito isso de uma forma muito simples, identificando onde existem boas práticas que possam nos inspirar e das quais possamos aprender. Ele tem encontrado muitas práticas boas em escolas públicas, em escolas privadas brasileiras e de fora do Brasil. O que ele tem feito com isso é comunicar ao restante do país o que é possível fazer e, assim, estimular um pouco a consciência: “se isso pode ser feito por uma escola tão pobre, o que é que eu posso fazer com os recursos que tenho?”.

Finalmente o trabalho colaborativo requer uma prática social para os estudantes e para quem ensina e, sem dúvida, o desenvolvimento de capacidades para transformar o mundo requer colocar os estudantes nessas práticas desde o primeiro dia na escola. Fazer o que eles puderem produzir e, sobretudo, colocá-los para trabalhar em tarefas mais ou menos extensas. Não em atividades muito curtas, pequenas, mas em atividades que permitam que eles se envolvam com problemas, com ideias, com a geração de soluções durante um tempo suficiente para terem que pensar sobre isso, para terem uma aprendizagem profunda sobre essas coisas.

A empresa de pesquisas Gallup fez, anos atrás, uma enquete entre 20 mil graduados de universidades dos Estados Unidos com duas perguntas muito simples. Primeira: você se sente capaz dentro do que está fazendo? Você sente que sabe, que é bom no seu trabalho? E segunda: você se sente satisfeito com o que faz? Claramente, dentre esses 20 mil graduados, em diversas cidades, alguns se sentiam mais capazes que outros e outros que eram mais felizes do que outros. Depois, faziam uma série de perguntas sobre as experiências que tiveram na universidade relacionadas com o curso que tinham feito, quais eram as notas que tinham obtido, enfim tentaram estabelecer uma relação entre esses dois resultados, o ser capaz, o ser feliz e a experiência na universidade. Descobriram que os três fatores

relacionados com esses resultados foram: ter sido aluno de, pelo menos, um professor, na universidade, que o conhecesse profundamente e que o tivesse desafiado a fazer coisas que não se sentia capaz de fazer. Quem teve essa experiência na universidade, anos depois, teve duas vezes e meia mais possibilidades de dizer que era bom no que fazia e que também era feliz. A segunda experiência, muito poderosa, era ter feito pelo menos um curso que se relacionasse com o mundo de fora da universidade. Um curso que trouxesse ao estudo académico temas do mundo real. Finalmente, a terceira experiência era ter participado de um projeto, de uma atividade que fosse além dos requisitos mínimos do curso, que fosse além de um semestre.

As pessoas que tiveram essas três experiências dentro da universidade, cinco, dez ou vinte anos após se graduarem, tinham 12,5 vezes mais probabilidade de dizer que eram boas e felizes. Isso quer dizer que, entre as que não tinham tido essa experiência, uma se sentia feliz e capaz, mas, para o grupo que tinha tido essa experiência, 12,5 se sentiam felizes e capazes. Uma diferença muito grande. No entanto, de todas essas 20 mil pessoas, apenas 6% tiveram essas três experiências na universidade. Essas três experiências, se analisarmos à luz do que conhecemos hoje em dia sobre pedagogias que permitem o que se chama aprendizagem profunda ou aprendizagem

integrada, se percebe que condensam, de forma muito simples, como produzir uma boa educação.

A grande questão para aqueles que lecionam nas universidades seria: por que não atuamos no que sabemos que funciona? Não conheço as escolas da rede inaciana no Brasil, quantos egressos dessa escola, se fizéssemos a pergunta cinco, dez ou quinze anos depois: você conheceu, durante sua educação, algum professor que se interessasse suficientemente por você, para incentivá-lo a fazer coisas que você achasse que não conseguiria fazer? Você teve pelo menos uma experiência que foi além do mínimo que se pedia no curso? Você teve pelo menos um curso que permitisse que você conhecesse o mundo fora da escola? Desejaria pensar que mais de 6% dos egressos responderiam que sim, mas não sei realmente se é assim. Dessa forma, espero ter respondido às diversas perguntas interessantes que vocês me fizeram. Caso alguma tenha fugido da minha memória, por favor podem me lembrar.

Perguntas Realizadas Durante a Conferência

Como articular o local e o regional, o nacional e o global, visando à formação para a cidadania global?

A resposta seria: com um pouco de imaginação, mas vou dar um exemplo extraído do curso que vocês acabam de receber sobre cidadania global. Uma

das coisas que tentávamos fazer nesse curso era permitir que os estudantes descobrissem as semelhanças e as diferenças entre eles e os outros e desenvolvessem uma curiosidade pela diferença, um apreço pela diferença.

Então, desenvolvemos uma unidade em que os estudantes refletem sobre suas brincadeiras. Ela se inicia com uma conversa na sala de aula em que os estudantes perguntam, entre si, quais as brincadeiras de que mais gostam e por quê. Depois, pede-se que cada um pergunte aos pais quais suas brincadeiras de infância. Esses resultados são levados para a escola e se comparam com os jogos de hoje. Uma análise comparativa é feita depois que essas crianças se conectam com crianças de outros países que realizaram a mesma atividade e compartilham os resultados dessa análise.

Essa é uma maneira de começar a colocar os alunos para pensar: o que significa ser uma criança hoje? O que significava ser criança quando seus pais eram crianças? O que significa ser criança em diferentes lugares do mundo. Com base nessa unidade, durante o decorrer do ano, essas crianças podem estudar, por exemplo, o trabalho que têm que fazer outras crianças, em outros lugares. Estudar, por exemplo, as necessidades do trabalho infantil e descobrir que existem crianças mais privilegiadas que outras,

crianças com mais tempo e mais oportunidades para brincar do que outras. A existência de crianças que têm que contribuir com a manutenção da família muito mais do que outras. Isso é um exemplo que permite que qualquer grupo de crianças reflita sobre quem elas são, que circunstâncias têm como criança, como essa situação se parece ou não com a de outras crianças na sua comunidade ou em outras comunidades, países e, a partir daí, desenvolver essa ideia de quais são as nossas semelhanças, quais são as nossas diferenças.

O mesmo pode ser feito estudando comidas ou qualquer outro aspecto da sociedade. Acredito que é absolutamente possível desenvolver um currículo que construa essas possibilidades de estabelecer pontes contínuas entre o hiperlocal, o nacional e o global. Também acredito ser importante utilizar tecnologias para dar às crianças a possibilidade de se comunicarem com outros estudantes de diferentes lugares. Imaginem seus alunos colaborando em projetos com pessoas de outras cidades do Brasil ou do mundo.

Poderia aprofundar a reflexão sobre as capacidades cognitivas de ordem superior diante do Educar para a Cidadania Global: por que tais capacidades ou competências são necessárias?

A ideia de uma hierarquia de capacidades foi estabelecida por Benjamin Bloom no ano de 1956. Ele disse, por exemplo, que nas capacidades cognitivas podemos pensar numa hierarquia que começa com o reconhecimento dos fatos, que evolui para a compreensão dos fatos, que permite avaliar os fatos, que permite sintetizar o conhecimento, e é necessário desenvolver um pensamento complexo. Isso requer chegar muito mais além de reconhecer os fatos. Quando falamos de competências superiores, estamos falando de uma compreensão profunda das disciplinas.

Pensem, por exemplo, no estudo da história. O que significaria ensinar história nos níveis mais superficiais? Significaria ensinar uma cronologia de fatos, fazer com que os alunos consigam reconhecer datas, personagens, para que possam declamar ou ter alguma ideia na cabeça de algumas relações temporais entre acontecimentos ou descrever os fatos. Mas isso não significa realmente compreender quais são os processos políticos, culturais, e as relações entre nações que fizeram a história evoluir da forma que evoluiu. Por isso, conhecer e reconhecer não é desenvolver a forma como um historiador pensa.

Desenvolver capacidade cognitiva de ordem superior é favorecer esse pensamento mais complexo que permite ao aluno reconhecer interpretações diversas de um mesmo fato histórico. Viver com atenção

essas interpretações e estabelecer vínculos entre o conhecimento dessa disciplina e o de alguma outra. Existem dois belos exemplos do que significa promover capacidades cognitivas de ordem superior no ensino da história. Existe uma organização, que tem base em Boston, mas faz trabalhos globais, que se chama *Facing History and Ourselves* [Enfrentando a História e a Nós Mesmos]. Essa organização começou tentando ensinar para as crianças por que ocorreu o Holocausto, por que foram exterminados 6 milhões de judeus durante o nazismo na Alemanha.

Existe uma forma superficial de ensinar isso, de dizer “isso foi o que ocorreu”, mas o que a *Facing History* tenta fazer é ajudar os estudantes a reconhecer quais foram as raízes mais profundas desse fato, quais foram os acontecimentos que o envolveram. Não apenas os personagens históricos mais conhecidos, mas as pessoas comuns. Quais foram as ações de resistência a esse fato, quais foram as pessoas que fizeram o que esteve ao seu alcance, quais foram as ações de cumplicidade do restante da humanidade, aqueles que viraram o rosto para aquilo que estava acontecendo. Isso significa desenvolver um pensamento complexo e, finalmente, levar os alunos a reconhecer, no presente, quais são as situações análogas. Por exemplo, um conceito muito importante é formar o que eles chamam de

upstanders. Trata-se de pessoas que têm a responsabilidade de entender que a história influencia as pessoas, mas são as pessoas que fazem a história, e as ações dos indivíduos podem fazer uma enorme diferença nos acontecimentos históricos.

Então, a *Facing History* ajuda os estudantes a estabelecer essas conexões entre um passado que pode ser muito longínquo e o presente. Estabelecendo relações, por exemplo, entre o silêncio cúmplice de todos os que se fizeram de bobos quando ocorria o genocídio nazista e o silêncio cúmplice de todos nós, que nos fazemos de bobos diante das crianças migrantes que estão enjauladas na fronteira dos Estados Unidos, tratadas como animais. Isso significa desenvolver um pensamento complexo e esta é uma organização que tem desenvolvido materiais de ensino, pedagogias para poder ensinar dessa maneira.

Há um professor australiano, cujo nome esqueci neste momento, que desenvolveu um projeto que se chama Big History Project [O Grande Projeto da História]. Existe uma novidade na forma como ele ensina a história. Ele afirma: “É muito importante olhar para períodos muito mais longos na história do que normalmente estudamos e fazer isso de uma forma interdisciplinar”. Ele tem uma unidade muito bonita sobre a Revolução Americana e uma seção na qual entrevista neurocientistas.

Eles falam de qual é o efeito da cafeína no funcionamento do cérebro. Ele descobriu que foi quando os revolucionários John Adams e Paul Revere tiveram a ideia de deixar de pagar os impostos que consideravam injustos a uma coroa para a qual eles não tinham voz que se descobriu o café por parte dos impérios. Nesse momento, ele é trazido para as colônias para substituir o chá e o cérebro das pessoas começa a funcionar de forma diferente da que funcionava quando tomavam chá. Achei muito interessante estabelecer essa relação e ela foi feita de uma forma muito bonita.

Então, na verdade, acho que não apenas para conhecer processos globais, como o da globalização, mas também para estar bem educado, é necessário desenvolver um pensamento complexo, um pensamento interdisciplinar profundo dentro de cada disciplina e entre as disciplinas. Além disso, poderíamos dizer que num mundo em que é cada vez mais fácil encontrar fatos na internet, na verdade o conhecimento simplesmente dos fatos dá muito poucas possibilidades às pessoas. Isso não quer dizer que possamos ensinar a disciplina sem fatos; eles são necessários para ensinar o pensamento profundo sobre eles, mas os fatos sozinhos, o aprendizado de cor, o reconhecimento fazem com que seja difícil desenvolver a inteligência no mundo da informação.

Como conscientizar as famílias diante de uma visão utilitarista de educação para a formação a outras dimensões além do cognitivo?

A boa relação com as famílias é indispensável em qualquer forma de educação; os pais devem ser bons sócios dos educadores, pois uma boa educação não isola a criança do mundo em que ela se encontra, colocando-a numa bolha. De forma que, nessa boa comunicação, os pais são excelentes aliados dos professores. Nesse sentido, saber o que eles esperam é muito importante; por exemplo, em situações de muita necessidade é completamente compreensível que os pais se perguntem: “eu quero que meus filhos tenham um trabalho, que eles ganhem o pão de cada dia?”. Dar uma educação que negue isso seria isolar a criança da sua realidade. É claro que essa educação é a que Pestalozzi descobriu quando tentou educar os camponeses suíços. Ele disse: “do que esses meninos precisam é conseguir um trabalho”. Mas construiu uma educação para que conseguissem um emprego e, ao mesmo tempo, reconhecessem que o ser humano tem enormes potencialidades e que a tarefa da boa educação seria cultivá-las.

Nesse sentido, não acredito que necessariamente exista uma tensão entre preparar as pessoas para as funções mais instrumentais da educação, como

poder ser responsável pela própria vida, e questões mais transcendentais, como que se interessem por temas que vão além de si mesmas e torná-las responsáveis por melhorar as comunidades a que pertencem. Da mesma forma, desenvolver uma consciência para que entendam que as comunidades são cada vez mais amplas. As comunidades de que fazem parte passam a ser de seu entorno imediato para o mais amplo. Por outro lado, a escola pode aprender muito com os pais e convidá-los a construir recursos de ensino, e pode ensinar aos pais. Eles podem aprender uns com os outros e com os educadores.

Às vezes, os pais têm algumas limitações na forma de pensar sobre a finalidade da educação. Um pai que diz “a única coisa que eu quero é que meu filho entre numa boa universidade; qualquer outra coisa não me importa e não me importa que participem de atividades de serviço comunitário” é o resultado de uma prática, e a escola tem a possibilidade de ampliar essa prática do pai para que ele desenvolva uma visão um pouco mais ampla sobre qual é o sentido da vida em geral e da do próprio filho. Então, dessa forma, acho que ter muita comunicação entre pais e estudantes é fundamental.

Existe um educador brasileiro, que não vou lembrar agora, que desenvolveu um modelo que chamou de Lumiar. Quando conheci essa ideia, achei brilhante.

Ele dizia que estava convencido de que em qualquer comunidade existem pessoas que têm coisas para ensinar. Na comunidade mais pobre existem pessoas que têm coisas para ensinar e é muito triste que a maior parte das escolas não tenha espaço para esses saberes. O modelo Lumiar insistia em oferecer dentro do currículo possibilidades para que os pais viessem para a escola para ensinar o que sabiam. Se houvesse na comunidade um sapateiro, ele viria para ensinar as crianças como se faz ou como se conserta um sapato. Se existisse um encanador na comunidade, ele poderia vir até a escola para dar uma oficina sobre o que significa ser um encanador.

Conseguir essa vinculação permite que os pais se sintam incluídos na escola, permite que as crianças vejam seus pais lá. Eles podem até ensinar coisas para os professores. A gente não deve supor que os professores sabem tudo. A experiência e a prática dos professores também são limitadas. Eu, pessoalmente, aprendo muito com pessoas que não trabalham com educação, que se dedicam a outras coisas. Nessas tarefas de comunicação, existe uma enorme possibilidade de fazer uma escola melhor.

Como despertar a juventude para a cidadania global com foco nas questões ambientais e como ressignificar

o papel das redes sociais para a discussão dos temas globais?

Sobre a primeira questão, acho muito importante que a escola ensine as crianças a valorizar a vida, todo tipo de vida, não apenas a humana. Valorizar a vida das plantas, dos planetas, dos insetos etc. Isso pode ser feito de diferentes formas, como tendo animais de estimação, cultivando plantas, tendo jardins na escola. Se começarmos a apreciar a vida, estaremos a um passo, muito pequeno, de podermos ensinar quais são as ameaças à vida. Afinal, a degradação ambiental é isso: uma ameaça à vida, não apenas dos humanos, mas também de outras espécies.

Então, a gente pode inserir no currículo da escola conhecimento sobre as espécies que estão desaparecendo como resultado das mudanças ambientais. Podemos ensinar os estudantes como as formas de consumo de outras espécies colocam em risco o meio ambiente. Que impacto tem sobre o planeta toda a carne que se come no Brasil, mesmo sendo algo para poucos? Qual impacto por ter que sustentar todo esse gado, todos esses porcos que se comem, e que alternativas existem para viver de outra forma? Por isso acho que é fácil, a partir de coisas muito simples, como ensinar a eles a desenvolver

empatia e o amor por todas as formas de vida, não apenas as humanas. É um passo pequeno para ajudar as crianças a entenderem a ameaça que a mudança climática significa para a vida. Elas vão passar a entender o que temos que fazer, o que temos que mudar em nós mesmos para reduzir o impacto das condições que ameaçam a vida no planeta.

Qual o valor das redes sociais? Eu não sei, mas acredito que existe um valor das tecnologias modernas para permitir que os alunos tenham comunicação sobre temas que permitam a eles compreender, por exemplo, quais são as ameaças à vida na sua comunidade e conversar com outros que estão em lugares diferentes para chegarem a uma melhor compreensão de que essas ameaças são diversas. Existem coisas comuns e existem coisas diferentes, isso é muito útil.

Acredito que as redes sociais têm coisas boas e também limitações do ponto de vista de promover um pensamento complexo. As coisas boas são as que permitem aos estudantes se sentirem membros de uma comunidade maior que a deles, se expressarem e sentirem que têm uma audiência. O risco das redes sociais é que podem produzir relações muito superficiais entre as pessoas e entre as pessoas e as ideias. Por exemplo, o Twitter permite se comunicar em até duzentos caracteres

e sabemos que é muito difícil chegar a uma compreensão complexa de alguma coisa em duzentos caracteres. Se o diálogo entre as pessoas é limitado a duzentos caracteres, tenho dúvida se isso vai desenvolver um aprendizado profundo ou uma compreensão complexa de qualquer tema que tenha a ver com cidadania global ou com sustentabilidade, ou com cidadania. Acho que fica claro, temos que ajudar os estudantes a pensar nessas coisas, qual o potencial e quais as limitações, me refiro ao Twitter, nas redes sociais.

Agora, acredito que uma das coisas importantes do mundo em que vivemos é desenvolver a capacidade dos estudantes de estarem abertos àquilo que é diferente, inclusive àquele que pensa diferente, tendo curiosidade e respeito por quem pensa de outra forma. Acredito que é um risco nessas redes sociais o fato de facilitarem a aproximação de pessoas que são parecidas conosco, construindo, de certa forma, câmaras de isolamento onde nos comunicamos apenas com os que pensam igual a nós. O mais trágico que poderia nos acontecer com essa situação seria desenvolver um hábito de decidir em dez segundos quem é amigo, quem é inimigo. Também, um hábito mental de não ouvir a quem considero um inimigo. Vejo isso na forma como acontece a política, em algumas partes do mundo, inclusive nesta, alguns sinais desse hábito. Acho que é terrível, muito destrutivo para uma democracia.

Acho que há uma tarefa muito grande e importante: desenvolver a capacidade de utilizar essas tecnologias para nos comunicarmos de outras maneiras. Elas têm um potencial para a comunicação entre estudantes em lugares distantes. Porém, existe algo que essas tecnologias novas não têm substituído: ter uma comunicação longa e aberta para dar ao outro o benefício da dúvida, enquanto tentamos entender qual é o seu argumento.

De que maneira a educação integral pode contribuir para a defesa e promoção do diálogo, da tolerância, da ética e da alteridade? E como podemos ajudar com eficácia os nossos jovens a fazer as suas escolhas e os seus projetos de vida?

Sobre a primeira pergunta, sem dúvida, para mim, uma educação integral inclui como propósito formar as pessoas eticamente, ou seja, sem uma base ética é muito difícil imaginar que haja uma pessoa completa. Nesse sentido, acho que o que tentamos fazer no livro que vocês receberam e que tinha como norte a Declaração Universal dos Direitos Humanos, foram as metas de desenvolvimento sustentável e, por último, os riscos importantes da humanidade. Tudo parte de uma base ética. É o reconhecimento da igualdade fundamental de todas as pessoas e a

procura por construir um mundo inclusivo que permita a igualdade de todas as pessoas e um mundo sustentável. Isso é uma proposta normativa, indubitavelmente, é uma proposta ética. Acho que qualquer educação requer, conscientemente ou não, uma série de normas que são as que guiam o que está sendo feito. Elas podem ser examinadas ou não, conscientes ou não.

Formar eticamente as pessoas não consiste em fazer um sermão. Essa é a forma mais ineficaz de desenvolver valores. Os estudantes aprendem na forma como convivem e por meio dos exemplos que têm ao redor. Então, uma educação é integral quando permite, em primeiro lugar, construir comunidades com pessoas que se encontram em diferentes contextos. Por exemplo, tenho conhecido histórias em que se proclama a igualdade de gênero e depois na prática todos os que têm o poder são homens. Além disso, eles assediam sexualmente as mulheres que trabalham na escola e, nos piores casos, as alunas.

Então, qual é a lição ética? Proclamar a liberdade de gênero ou dizer que existe uma situação absolutamente patriarcal de subordinação em que as mulheres são objetos de exploração dos homens? Esse exemplo, um pouco violento, mas não desconhecido das instituições educativas, mostra que uma das maneiras de formar as pessoas eticamente é

permitindo a construção de comunidades nas escolas em que as pessoas possam se relacionar de uma maneira que modele os valores que estão tentando ensinar.

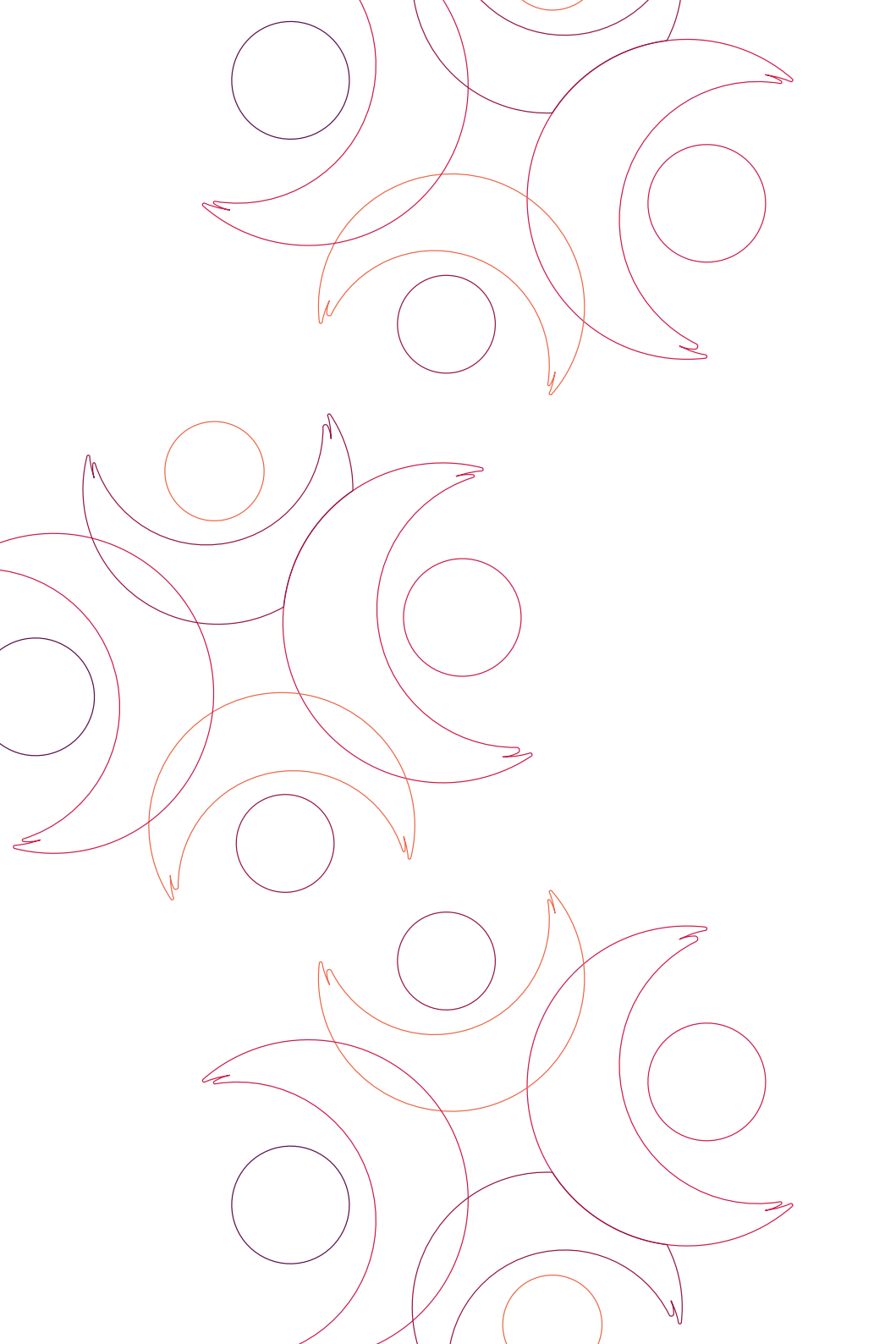
Depois, podem ser criados espaços que permitam às pessoas refletir intencionalmente sobre esses valores. Discutir valores diferentes. Existem coisas simples que as escolas podem fazer. Vou dar mais um exemplo da minha observação das escolas aqui nos Estados Unidos, que é um país muito grande, portanto difícil de fazer uma observação geral. No jardim da infância, existe muita atenção na formação integral das crianças porque é nesse pré-escolar que as crianças aprendem a compartilhar, a respeitar a vez de cada um, a pensar no outro. Nas primeiras quatro séries, ainda se faz isso. Mas, quando você passa para o Ensino Médio, na verdade, a única coisa que importa são os conteúdos e o ingresso na universidade.

Então, os maiores problemas que temos de violência de crianças com crianças acontecem no Ensino Médio. Não existe nenhum motivo natural que leve os jovens adolescentes a se comportarem dessa forma, mas é uma idade em que os adultos resolveram se fazer de desentendidos. As professoras de Pré-escolar entendem que, se uma criança assediar outra, essa responsabilidade será delas, e têm que criar um espaço para que as crianças se escutem

para que reflitam sobre isso. Já o professor de Ensino Médio pensa que é um problema dos pais.

Então, acho que uma das formas como a educação integral pode promover o desenvolvimento da ética é, primeiro, lançando isso como um propósito, como o coração do currículo da formação e, depois, analisando de que maneira nas formas de relação que existem na escola se ensina ética, dando espaço para o pensamento ético. Também, certamente, não dedicando demasiado tempo para fazer propaganda ou discurso sobre a ética. Acredito que os alunos, que têm um pouco de capacidade ética, são tremendamente espertos para descobrir a duplicidade dos adultos que têm um discurso que muitas vezes não corresponde com a sua prática.

Muito obrigado, foi um prazer estar aqui com vocês. Acho que vocês têm o grande privilégio de estar inspirados na obra de um grande homem. Desejo a vocês coragem para poder ter uma prática que corresponda com a visão e o legado de Inácio.



Educação para a Cidadania Global - Formação de Professores

(Profa. Dra. Bernardete Gatti, Pesquisadora da Área
de Educação e Formação de Professores)



https://www.youtube.com/watch?v=D7VQmVy4t7c&list=PLj7dwr5sAMe9UlyBud_-rFQqaTgfyCn-1&index=1

Bom dia a todos! Queria agradecer muito o convite para estar aqui com vocês. É uma honra estar com a Rede Jesuíta de Educação. Tenho boas lembranças de colegas meus, que foram padres jesuítas sempre muito abertos, interessantes e com forte formação. Isso é muito bom! Eu me sinto bem de estar aqui, mas um pouquinho nervosa, porque estou falando com meus pares e não sei se vou acrescentar muita coisa. Mas acho que vou trazer alguns pontos para nossa reflexão, neste momento em que atravessamos globalmente uma série de problemas que dizem respeito também à preservação da humanidade. Então, vamos começar o nosso assunto.

A primeira questão é: do que se trata? De que contexto estamos falando? Porque não adianta discutir, pragmaticamente, esta ou aquela formação, esta ou aquela perspectiva de educação, se não nos situarmos no contexto amplo em que estamos vivendo. Acho que isso é muito importante: sair um pouquinho da nossa cotidianidade e pensar em um contexto mais amplo que nos permita situar as nossas reflexões. O contexto, hoje, da sociedade humana para nós é perceptível no dia a dia.

Estamos numa sociedade humana densa, plural e complexa. Neste século e no século passado, é que conseguimos, na verdade, ocupar todos os espaços da Terra. Essa é uma questão em que precisamos pensar muito, porque a expansão demográfica humana em relação ao contexto de uma Terra que é grande, mas tem o tamanho limitado, não tem mais água do que existe aqui, não tem mais ar do que existe aqui. Somos uma “bolinha” perdida no universo e contida nas suas condições.

Com essa expansão demográfica do ser humano e as necessidades da nossa sobrevivência, manutenção da família, expansão da humanidade, fomos gerando muitas questões para as quais estamos chegando ao limite e que podemos chamar de uma crise. Inclusive nas condições societárias, em que caminhamos, na constituição de nossa sociedade que, na verdade, é ao mesmo tempo global e local,

porque ela está fragmentada e isso aparece no nosso cotidiano e nos subgrupos culturais, criando até mesmo tensões, por causa também dos subgrupos socioeconômicos. Ou seja, nós expandimos a humanidade, mas estamos constituindo uma vida societária extremamente desigual. Temos heterogeneidades culturais múltiplas, temos seleção social extremamente alta e cada vez maior e, com isso, demandas diversificadas.

Claro que isso constitui um grande desafio educacional e ressalta demais, nessa condição, a questão do papel social dos educadores. O nosso papel não é só ensinar, dar aula, se relacionar. Nós temos um papel social que hoje está cada vez mais chamado a ser exercido e, no entanto, temos muitos problemas no exercício desse papel social. Lembrando, então, desse cenário para qualificar um pouquinho melhor: onde nós estamos? Num mundo cibernético!

Queiramos ou não, embora haja nichos onde esse mundo não tenha, ainda, penetração, mas tudo o que guia a funcionalidade da sociedade humana, da ciência, do transporte e de tudo o que nós podemos pensar está ligado à questão cibernética. Nós criamos com isso, também, formas de comunicação inusitadas. Nós sabemos, a todo minuto, o que está acontecendo no último recanto da Terra e até do fundo do mar, em determinadas partes. Isso

não é trivial, as nossas formas de comunicação mudaram, seja por imagem ou som.

Estamos estruturando novos aspectos sociais que criam inclusões e exclusões, e isso tem que ser pensado. Essa inserção, no universo cibernético, que traz novas linguagens, novas formas de vida e de trabalho, cria modos de vida e valores diferentes. Não só por isso, mas também pela necessidade de condições de sobrevivência que criam sub-grupos culturais e socioeconômicos que geram, também, fragmentações nessa complexidade que é a sociedade imensa.

Nós estamos numa sociedade em rede de onde emerge um novo tipo de pessoa, um novo tipo de personalidade, e isso não pode ser desprezado. Nós estamos diante de um mundo que nos deixa em estado de perplexidade.

Há uma dificuldade, hoje, dos sociólogos, dos historiadores sociais de compreenderem o que é essa nossa travessia. Essa nossa travessia se mostra tão diversificada, que nos põe muitos problemas, gera muitas contradições sociais que são trazidas para dentro das redes escolares, que chegam com as “pessoinhas” que estão vindo das suas comunidades influenciadas por situações gerais. Então, essa relação globalização-emergência de necessidades locais cria uma série de fatores que são trazidos

como tensões e contradições também para dentro da escola.

Esse cenário social contemporâneo, sobre o qual devemos meditar no fundo, a cada dia, a cada emergência dos fatos aos quais somos expostos. Com essa sociedade cambiante, porque, hoje, por exemplo, provocado pelas formas cibernéticas de constituir o mundo social e laboral. Observemos o mundo do trabalho; podemos comprovar a existência de novas relações. Podemos pensar que a produção, que nos séculos XIX e XX acabou sendo a indústria que trazia a vida industrial, que trazia esse fator, hoje não estamos mais na era industrial, estamos passando para a era pós-industrial. Basta pensar que a indústria não é o grande empregador, ela é necessária, mas não é o grande empregador.

Aliás, a ideia de emprego está sendo recolocada, porque as funções geradas pelas novas formas de institucionalizar o trabalho e de realizá-lo também trazem novas formas de concepção das relações, seja capital-trabalho, cooperativas-trabalho ou formas próprias de trabalho e até desejo de pessoas que, pelas pesquisas que a gente vê, muitos jovens dizem “eu não quero ser empregado, não quero ter um patrão, eu quero fazer aquilo que eu gosto e oferecer o meu trabalho”. Então, há muita discussão em torno de que a palavra “trabalho” vai substituindo a palavra “emprego”. Isso vai trazer grandes

alterações nas nossas formas de vida e nessa sociedade cambiante.

Não sei quanto vocês adentraram em determinadas indústrias de grande porte que dão sustentação à produção de cimento ou produção de papel. Uma fábrica de papel, hoje, que empregava milhares e milhares de pessoas... não sei se vocês conhecem, mas tem um grande barracão, de mais de 1 km, uma máquina extensa de 1 km. A massa entra aqui numa ponta e na outra sai o papel A4 empacotado. Quantas pessoas trabalhando? Duas pessoas. Claro que isso vai envolver também os programadores, a conservação... tem uma série de coisas, mas alterou-se aquela produção manual operária, ela está deixando praticamente de existir. Em cidades mais avançadas, não tem mais gente que coleta lixo, o lixo é depositado em determinados lugares, a máquina vai, pega e tira, alguém guia a máquina. Varredura de rua é feita também com pequenos tratores que vão limpando, lavando e você não precisa de muita gente, porque uma máquina dessas lava, tranquilamente, uma área com 200 mil habitantes.

Portanto, tudo isso nos leva a pensar nas novas formas de viver que teremos de enfrentar, no bom sentido da palavra, porque vai ser muito importante conviver. É isso que está trazendo esta mensagem, dessas novas formas de estar no mundo.

A escola pública (não todas, mas grande parte) é malfeita, maltratada, não é tão limpa, não tem todos os equipamentos. O que isso pode gerar nessas crianças e jovens quando eles comparam com outras situações? Com colégios bonitos, um atendimento agradável... Nós estamos criando, além da seletividade social, porque a qualidade da educação oferecida nessa perspectiva dos padrões públicos de educação de massa e os padrões particulares de grupos sociais que valorizam a educação e procuram sustentá-la é muito grande.

Isso gera sentimento de injustiça, além de lutas e buscas de diferentes tipos. Pode ser a busca dos alpinistas que procuram se colocar nesse universo vamos dizer positivamente ou a daqueles que querem se manifestar de maneira contrária. Isso porque existe certa angústia que provoca revoltas ou violência de diferentes maneiras, porque há um sentimento da necessidade de ter e há um sentimento da necessidade de pertencer, seja ao grupo que for.

A ideia de pertencimento é essencial dentro do ser humano, de ter seu grupo de proteção. Pode ser a minha gangue, o traficante que me protege, a igreja ou a escola que me acolhe. Como educadores, nós temos que pensar nesse acolhimento cada vez mais. Não é um acolhimento literário, amoroso no sentido amplo da palavra, mas é um acolhimento

efetivo, acolhimento de compreensão e de ajuda. É nesse sentido que temos que atuar: favorecer uma perspectiva de justiça social. Nós não vamos resolver todos os problemas, mas podemos trabalhar na direção da ampliação das possibilidades de construção de justiça social. Isso está posto para nós com muita força.

E o que acontece no cenário dos conhecimentos? Todos vocês sabem, a ciência não para. Além de que a gente passou da perspectiva dos miasmas, das ciências biomédicas, tal como elas se colocam hoje, nesse universo cibernético inclusive, com os dobramentos das ciências humanas, que não sabem muito como se colocar. A psicologia explicativa da subjetividade está em crise. A sociologia está em crise de perspectiva e de construções teóricas. Aqueles grandes modelos teóricos que nós tínhamos construído no século XX, partindo do século XIX, aqueles modelos explicativos, seja da psicanálise, de marxismo ou de outras teorias que foram construídas nesse período, hoje estão meio abalados, porque não dão conta de prever certos movimentos e formas de comportamento e de atitude que emergem e não se enquadram nessas teorias.

Então, estamos também nas ciências humanas procurando alternativas, modos de olhar, e há certa perplexidade. Nós passamos do que podemos chamar de certezas que tínhamos, aquela ciência

dura do século XIX, para a ideia de probabilidade. Até na medicina: o médico quando olha para você joga com probabilidade, um conjunto de sintomas que podem ser várias possibilidades. Ele vai tentar examinar o que tem de mais, o que tem de menos, e joga com probabilidade, não dá certeza. Também não sabe se aquele medicamento que foi testado vai funcionar ou não em você, particularmente, que tem reação orgânica específica. Estamos nesse universo que é um pouco mais relativo e o conhecimento não é mais dado, estou falando da ciência.

Qual o cenário da educação nisso tudo? Vou falar do Brasil, mas nós vamos encontrar, como eu já disse, questões muito semelhantes em muitos outros países, inclusive nos chamados países desenvolvidos onde existe um *gap* social enorme. Estados Unidos, por exemplo, têm nichos de pobreza imensos e a União Europeia, da mesma maneira.

Vamos ver aqui no Brasil o que está acontecendo, vamos olhar para nós aqui. Vou falar de dados educacionais, vamos sair do nosso conforto local. Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), dados de 2017. Falando do país, ANA é uma prova simples. Eu fui alfabetizadora. Comecei minha carreira como alfabetizadora, professora primária. Quem conhece alfabetização sabe que a prova é simples, factível, bem-feita, não tem nada de esotérico, nem de firulas

para pegar alunos, nada disso, ela é bem justa. No terceiro ano, uma em cada quatro crianças brasileiras não sabia ler ou fazer operações aritméticas simples. Depois de três anos de escolarização, 45% não sabiam escrever corretamente um texto simples. Então, a gente começa a se perguntar o que está acontecendo nas escolas, em quais escolas, porque, afinal, nós temos duzentos dias letivos. Em princípio, os professores dessa faixa etária têm que ficar no mínimo quatro horas por dia com esses alunos...

Então, o que está acontecendo nesse processo de alfabetização? Como é que esses professores estão sendo formados para trabalhar com essas crianças? Seja na educação infantil, que precede os primeiros anos, ou nos primeiros anos do Ensino Fundamental. A taxa de abandono no Ensino Fundamental foi de 18% em 2017, ou seja, 18% dos que chegam a adentrar no sexto, sétimo, oitavo ano, não terminam o Ensino Fundamental. Olhem, 18% em milhões, são muitos milhões. Dos que terminam o Ensino Fundamental, uma parcela não vai para o Ensino Médio e também não vai para o mundo do trabalho. Há uma faixa de uns 17% de jovens na idade do Ensino Médio que não estão nem de um lado nem do outro e se convencionou falar que são os “nem-nem”. Dos que vão (para o Ensino Médio) 48% não concluem. Essa é a população que está vindo aí... brasileira.

Aqui em São Paulo, nós temos um indicador um pouco melhor, mas, em termos de Brasil, estamos “perdendo o carro”. As verbas para Ensino Superior superaram em muito as verbas destinadas à Educação Básica. Começamos pela cabeça e não pelos pés e pernas. Estamos sem pés.

A análise do analfabetismo funcional, que é sempre feita pela Ação Educativa, associada ao Instituto Montenegro, constatou que, dos adultos de 21 anos ou mais, 27% já são analfabetos funcionais, ou seja, aprenderam alguma coisa, mas não têm o hábito de ler ou quase não leem bem. Nós temos ainda no Brasil, tínhamos em 2015, porque o IBGE ainda não fez as novas estimativas, 8,5% da população analfabeta. Hoje nós somos 210 milhões. Olha os milhões que são analfabetos.

É muito duro falar isso, mas o empenho que nós tivemos, e foi um empenho grande, para tirar o Brasil do analfabetismo dos anos 50, já que entramos nos anos 50 com 55% da população analfabeta. Nós somos um país de educação muito tardia, o único da América Latina, nunca houve na verdade, na nossa cultura, seja na Colônia, no Império, Primeira República, as ditaduras... Nós fomos atravessando e a educação básica, a educação do povo que crescia vertiginosamente, tivemos momentos de crescimento extremamente altos da nossa população. Foi muito descurado, embora houvesse

intenções políticas em vários momentos de tentar reverter essa situação, mas as políticas, pelo que vemos, não foram efetivas.

Há uma interpretação que as pessoas dão para isso de que nós somos um país muito grande, que o desejo de centralismo das coisas neste país acaba prejudicando a realização das práxis. Entre Brasília, Rio Grande do Sul, Amazonas e recônditos de vários estados, você não chega lá. Então, esse desejo de centralização e com as ditaduras que nós tivemos, talvez as políticas, mesmo que com boa vontade, não foram nada efetivas e, nessa trajetória, a formação de professores nunca foi cuidada.

Nós temos documentos analisando a situação de pobreza, tanto da formação dos professores, quanto do salário deles. Até no século XIX tem documentos falando disso, dos proventos vindos da matriz nossa, de Portugal, não dava para pagar o subsídio literário, que era subsídio do trabalho dos professores. Nós vivemos essa questão. Vou falar uma coisa que todo mundo fala: “Ah, o professor no início do século XX ganhava como um juiz”. Na verdade, o juiz é que ganhava pouco, porém o juiz cresceu, mas o professor ficou, especialmente o professor da rede pública. Então, é um raciocínio que precisa ser ponderado com a evidência real do valor do salário.

Portanto, nesse sentido, as políticas ligadas aos professores são mais discursos que propriamente realização, tanto que o currículo de formação de professores, que foi criado em 1938, quando instauraram as licenciaturas, não mudou até hoje. A mesma concepção bacharelesca com uma “tinturinha” fraquinha, genérica, de educação, que não permite formar um professor. Tanto que nessa fragmentação formativa, também instaurada nas áreas disciplinares, se você perguntar para uma pessoa que fez licenciatura em biologia, ela não vai falar: “eu sou professor de biologia”. Ela vai falar: “eu sou biólogo”. Tem vergonha de falar que é professor. “Sou matemático”. Não, você é professor de matemática, matemático é outra coisa. E nós continuamos desse jeito.

Por mais que pesquisadores e educadores venham batalhando com isso desde os anos 60, falando: “assim não dá, assim não dá para formar professores”. Não há uma identidade nessa formação, ela forma um ser fragmentário, que eventualmente vai desenvolver uma identidade no exercício da sua profissão. Agora está se discutindo uma nova possibilidade com a Base Nacional Comum para Formação de Professores. (...) Nós estamos retardados nisso, em mudar essa formação. Ela não tem, realmente, um foco, falta foco.

Os cursos de pedagogia que nunca foram destinados a formar alfabetizadores, eram destinados a formar gestores, orientadores educacionais, supervisores, planejadores, foram transformados arbitrariamente no grande formador de professores da Educação Infantil e dos Primeiros Anos do Ensino Fundamental pelas Diretrizes Curriculares da Pedagogia, em 2006, fechando as escolas normais superiores e as escolas normais do Ensino Médio que estavam fazendo essa formação, embora elas sejam admitidas pela LDB.

Os cursos de pedagogia não se ajustaram para formar alfabetizador, os estudos que nós temos feito nacionais, e que também professores da USP fizeram recentemente capitaneados pela professora Garrido, mostram a ligeireza na formação que existe no curso de pedagogia, fragilidades imensas. Entretanto, essa pessoa que se forma em pedagogia vai lidar para criar ambiências de aprendizagem com bebês! Olha que coisa delicada: vai atuar na Educação Infantil e vai ser aquela professora, aquele docente que vai se responsabilizar pela estruturação da leitura e da escrita nas nossas crianças, o que não é trivial. Por quê? A escrita é uma coisa arbitrária e não é fácil você dominar o “lh”, saber que “ç” funciona de um jeito, “ss” de outro e o “s” pode ter som de “z” e de “s”. A criança enfrenta tudo isso, mas olha o resultado.

Então, a nossa situação e a discussão para mudar os cursos de pedagogia encontram barreiras imensas. Não sei até quando nós vamos caminhar nessa direção. Vamos ver o que acontecerá nos próximos anos, mas o nosso cenário educacional e o da formação de professores, que caminha em paralelo, não são o que a gente possa dizer: “estamos nos preparando sim, estamos preparando a nossa população para o enfrentamento das condições que estão emergindo aí e já estão chegando para a gente enfrentar a cada dia na sala de aula com nossos alunos”. Preparar um professor não é trivial, nunca foi e hoje é muito menos. Essa consciência precisa ser despertada e há pessoas lutando por isso, mas esbarram no mercantilismo, nas acomodações, que nós precisamos abalar um pouquinho e olhar para aquilo que se está fazendo sem ter medo de dizer: “olha, isso aqui não está funcionando”.

É muito difícil para o ser humano reconhecer um problema seu, no qual ele está envolvido, que não é só seu, é político-social, mas eu posso encarar. Grupos de professores de licenciatura deveriam encarar isso e falar: “olha, isso aqui que estamos fazendo não leva o nosso licenciando a ter condições de entrar numa sala de aula e saber com quem ele está falando, onde ele está, em que contexto ele está”. Porque lidar com uma criança de sete, oito, nove anos é uma coisa e, com um adolescente de dez, onze, doze é outra.

Não existe nas formações de professores o estudo da Psicologia do Desenvolvimento Humano. Então, esses professores não sabem com quem estão falando, não têm condições de aquilatar isso. Então, até quando nós vamos continuar com esse tipo de formação frágil, ainda mais com os desafios que temos que enfrentar atualmente?

Então, o nosso cenário social, o científico e o educacional que aí estão postos nos fazem pensar que temos que assumir novos pressupostos, porque falta nas nossas formações um conjunto de ideias que permitam que digamos: essa educação tem uma finalidade.

Não se discutem finalidades da educação em nenhum curso de licenciatura. Nunca tivemos uma política nacional de educação. Tivemos programas aqui, ali, mas uma política integrada, uma política de Estado, pensando em vinte, trinta, quarenta anos, isso nunca tivemos. Cada um acha que vai ser o grande reformador do mundo. Cada um que assume, seja Ministério, Secretaria, começa do nada como se nunca ninguém tivesse feito nada e não tem prospecção de futuro a não ser as suas ideias próprias. Nós não planejamos com evidências, com dados e com finalidades. Para que pensar em fazer educação? Por que a educação é importante? Então, temos que pensar no papel social da escola,

no objetivo da educação escolar e no papel dos professores nesse contexto e com essa finalidade.

Qual é o papel social da escola? Estou jogando um pouco aqui, mas é ensinar educando. Não é chegar lá e fazer o aluno decorar fórmula de matemática, fórmula de física. Aliás, isso nem faz muito sentido hoje. Você aprende isso de outra maneira, mas nem isso os professores aprendem para poder trabalhar o ensino de “n” maneiras diversificadas do mesmo assunto, porque as crianças e os adolescentes não aprendem do mesmo jeito.

O nosso papel é garantir a aprendizagem, mas aprendizagem com sentido, uma aprendizagem que faça sentido. Todo conhecimento, por mais abstrato que pareça, tem um sentido social, pois ele nasceu de necessidades sociais. Nem a matemática veio do céu inspirada por Deus, isso é outra coisa, ela veio da mente humana em choque com questões que foram colocadas na história. Então, por que elas foram colocadas? Por que é importante saber o triângulo equilátero, suas propriedades e tal? Não adianta falar mais com as crianças de coisas sem sentido.

Tudo tem sentido, e a formação de professores precisaria tratar do sentido dos conhecimentos para poder garantir a aprendizagem, ensinar educando, porque cada conhecimento tem valor. Quando estamos falando de “educando”, estamos falando de

valores, estamos falando de atitudes que não se ensinam com discurso. O discurso pode até vir, mas o que passa valores são as relações e os comportamentos que os professores têm com seus alunos, respeitando a dignidade de cada um, fazendo-os compreender a dignidade do trabalho deles, e isso não é simples.

Então, estamos falando de muita coisa, porque temos que propiciar o desenvolvimento humano das crianças e jovens. Quando falamos de desenvolvimento humano, não estamos falando só da cabeça para cima. Nós passamos muito tempo e estamos ainda nisso: “Ah, o cognitivo”! Agora fica aí: “Ah, o socioemocional”. Parece até que é uma entidade, não é? Uma coisa esquisita... não se ensina o socioemocional, é coisa muito estranha. Nós somos integrados. Se ele pensa com sentimento, todo conhecimento me emociona de uma maneira ou de outra, ele é emocionado. Não vou entrar na neurociência, porque os hormônios atuam tanto quanto os raios elétricos que comandam os nossos elétrons, que estão atuando aqui. Então, todo conhecimento é emocionado. Quando eu vejo uma árvore, quando eu vejo um carro, quando eu vejo um metrô, quando eu vejo essa tela, é emocionado, e as nossas aquisições de conhecimento são relacionais. Portanto, são emocionadas. É integrado, não é separado.

Então, estamos diante da questão de formar desenvolvimento humano das crianças e jovens e, essencialmente, a construção de uma civilização. Vamos olhar que civilização nós estamos construindo. Eu tentei falar disso um pouco. Nós podemos trazer isso também, porque nosso universo é próximo. É isso que nós queremos ou queremos caminhar numa outra direção, reconstruindo essas relações?

Qual é o papel da educação escolar? Eu fui puxar Neidson Rodrigues, um texto de 1991, filósofo da educação, professor da UFMG, que morreu muito cedo, mas ele tem um texto que eu achei que bate com essas questões que nós estamos enfrentando. “Educação escolar é para desenvolver o processo mínimo para que todos os indivíduos de uma determinada sociedade histórica completem a sua adequada formação humana para que se torne um ser social, ou melhor, um ente cultural.” Há filósofos da educação que estão discutindo que se tornar um ente cultural é se tornar um ente espiritual, avançando um grau na ideia do cultural. “Tal afirmação parte do suposto de que sem a educação básica os indivíduos historicamente existentes são seres culturalmente incompletos.”

Então, na acepção desses filósofos a que eu estou me referindo, seriam seres espiritualmente incompletos, logo, parcialmente interditados para o pleno gozo de todos os recursos disponíveis na vida

social, papel da educação escolar. E o papel dos professores das equipes educadoras? Claro, é garantir que isso aconteça, mas nós temos que ter essas finalidades, esse ideário dentro de nós, e não um ideário fragmentado. Sendo assim, eu tenho que ensinar matemática, vocês têm que aprender matemática, eu vou cobrar... Sim, têm, mas dentro de um espírito mais amplo e integrado com outras disciplinas, porque é tão importante a matemática, a história, no Ensino Médio é a sociologia, a filosofia. Nesse sentido, há um chamamento de uma profissionalização dos professores que garanta a eles uma formação intelectual, ética (que diz das finalidades educacionais, dos valores e atitudes) e relacional (que diz da didática e da comunicação).

Há uma discussão em torno do novo paradigma da educação. Nós precisamos mudar o paradigma, sair dessa finalidade: tem que se formar para ir a uma escola superior boa, para ganhar dinheiro, ser rico, ter uma casa, comprar o carro do ano. A ideia é trabalhar com uma perspectiva de uma escola justa. Essa é uma análise de João Carlos Tedesco, sociólogo argentino, muito importante: "... uma escola justa e para ter uma escola justa precisamos de professores que assumam esse compromisso", com cada um dos seus alunos, e precisamos de gestores e formadores de professores, que também assumam esse compromisso, ou seja, tem professor

que leciona na licenciatura e não sabe que está lecionando licenciatura. Pesquisas que nós fizemos com o PIBID, aquele projeto da CAPES, os professores escreveram em seus depoimentos: “eu não sabia que lecionava na licenciatura”. Queria saber o que ele está fazendo lá, porque ele olha só o quadradinho dele: vai lá, dá a aulinha dele e vai embora. Essa fragmentação que nós estamos vivendo é muito perigosa. Não pensar nas relações que você está construindo e onde você está.

A escola justa é aquela que não exclui, que inclui e qualifica. Não é só deixar a criança na escola se arastando pelos anos. Ela não manda a criança embora; nós estamos mandando a criança embora: 18% não concluem o Ensino Fundamental, 45% não concluem o Ensino Médio. Trata-se de construir uma escola justa, que é aquela que inclui, não exclui, e que qualifica. Aquela escola em que o aluno aprende e se educa para a vida cidadã. Essa é a demanda forte.

O desafio que está colocado no fundo dessa questão é a preservação da vida neste planeta. Como é que eu vou fazer para que as pessoas economizem água ou lidem bem com a água, cuidem da saúde, se elas não têm os conhecimentos necessários para saber o que é importante para preservar sua própria vida, a dos seus filhos, e a dos outros? Eu preciso conhecer algumas coisas para me convencer

de que isso é importante. Não jogar lixo na rua parece coisa trivial, mas desrespeitar isso acaba com a nossa vida numa cidade: lixo amontoado, rato, barata e doença. Por que estão surgindo novamente esses vírus no mundo inteiro, os quais a gente julgava ter superado, e outros vírus novos? Estão descobrindo coisinha muito parecida com leishmaniose, mas que não é, e que está matando pessoas.

Educar é importante para a preservação da vida e de uma vida com dignidade. Nós temos interfaces nessa perspectiva da formação humana, conhecimento, educação e educadores, mas também temos as políticas educacionais, que muitas vezes nos cerceiam e nos levam por um caminho que nem sempre é o caminho da integração humana, da cooperação, do trabalho em equipe.

Vejam a disputa criada com as avaliações nacionais; de um lado, um discurso “vamos superar as desigualdades” e, do outro, avaliações com *ranking* em que há uma disputa acirrada. O que prevalece na cabeça dos jovens? O *ranking*! Estamos formando para a competitividade, não para a cooperação. Então, temos políticas que estão dissonantes do discurso e disso nós temos que começar a tomar consciência. Vou só lembrar, então, que nesse contexto de complexidade em que as escolas hoje se situam, nesse conjunto de mudanças sociais, estão

transformando a natureza das escolas. Portanto, estão demandando uma nova formação para os professores encararem de forma diferente. Estão demandando de nós uma consciência alargada, sair do nosso pequenino mundo de necessidades e alargar um pouco a nossa consciência, especialmente nós, que somos educadores.

Hoje a questão ética, juntamente com as novas demandas, está colocada na frente de tudo. Não é ético eu ficar reprovando sistematicamente meus alunos se meu trabalho é fazer com que eles aprendam. Uns anos atrás, um colega meu, que dava aula de matemática, disse: “reprovei 90% dos meus alunos”. Então, eu falei: “você não serve para ser professor, vai embora”. O que eu posso falar? Ele não está lá para fazer os alunos aprenderem? Termos alunos que não aprendam do jeito que seria interessante, tudo bem, mas chegar a um absurdo desses? Precisamos pensar no que é ético na nossa profissão. Essas novas análises que vêm surgindo e estão sendo discutidas levam a um chamamento humanista, não aquele humanismo clássico, que deu no que deu; não vou entrar nessa discussão, mas um humanismo renovado.

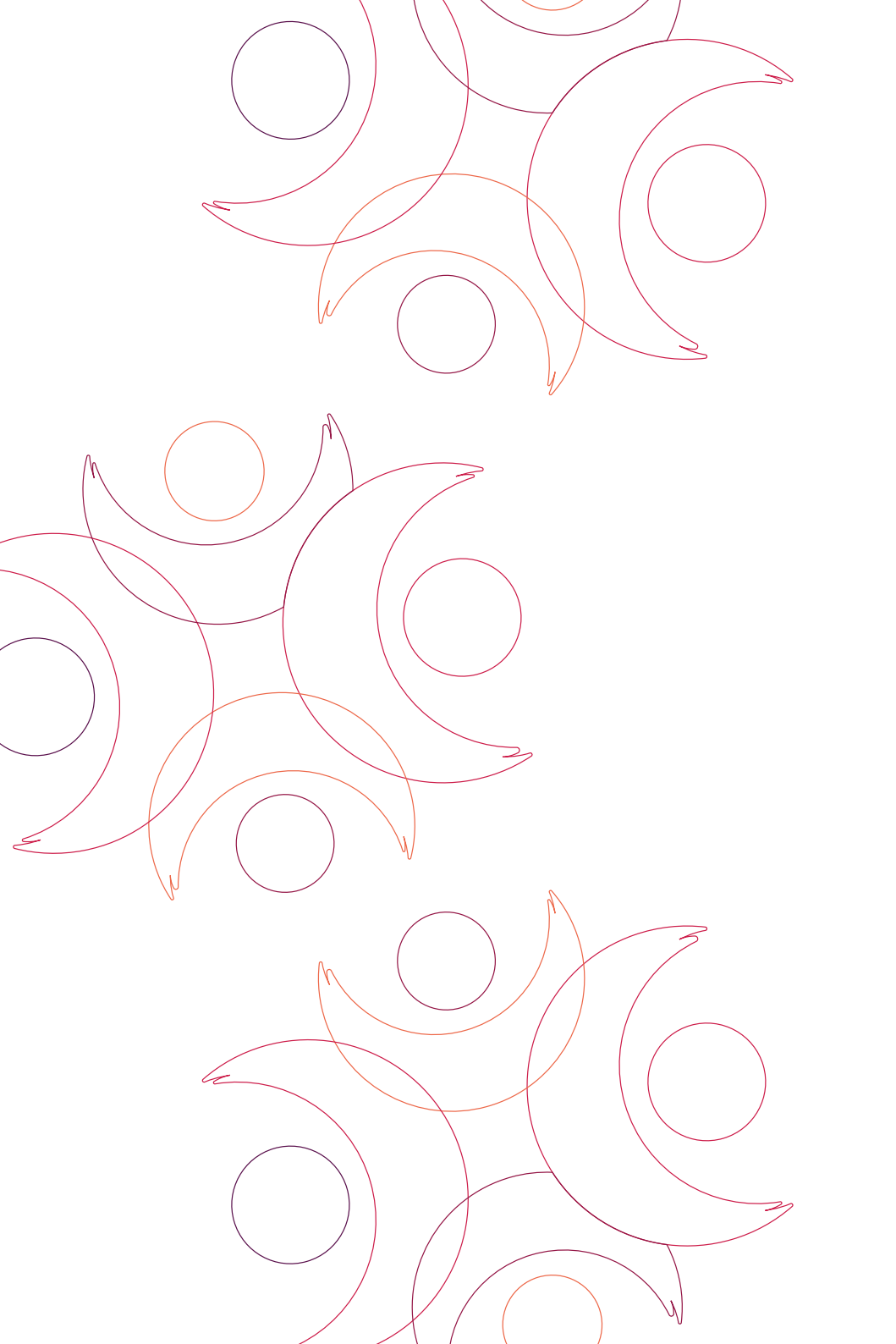
José Sérgio Carvalho, professor da Faculdade de Educação da USP, num texto brilhante, discute essa questão. Ele analisa, mostrando que há um

esvanecimento do sentido existencial da experiência escolar. Eu diria que há um esvanecimento no sentido existencial da formação de professores, seja formação inicial ou formação continuada. Estamos caminhando para a coisa técnica, tecnológica. Vamos virar uma máquina daqui a pouco, mas a demanda social não é de máquina, a demanda social será de humanidade, e nós precisamos estar conscientes disso. Ele diz o seguinte: "... um dos mais claros sintomas de crise nesse âmbito pode ser detectado pela dificuldade atual em se imputar à experiência escolar qualquer sentido existencial". Converse com os adolescentes. Muitos adolescentes não veem sentido na escola. Às vezes, não entendem nem o que o professor está falando nem sabem por que ele está ali, naquela fragmentação de dez, doze, quinze professores.

É a partir do ideal educacional humanista que a educação assume o objetivo da formação do espírito, a busca de cada um pela constituição da sua *humanitas*. Na importância da vinculação da educação, há um empreendimento de cunho ético, palavras dele, voltado para o florescimento de uma vida interior que tem que ser recuperado, ou seja, a escola tem que superar as suas funções econômicas ou meramente reprodutivas.

Vou terminar com o filósofo francês Garin, que tem discutido muito a questão desse novo humanismo.

Só para deixar bem claro o que eu estou querendo dizer. Ele diz que o sentido último da formação humanista é seu potencial caráter emancipador, a liberdade no mundo e a consciência de si mesmo, não a consciência e a liberdade de um indivíduo, apartado da pluralidade dos homens que habitam um mundo comum, mas, antes, a formação de um ser singular que se constitui por meio de sua vida em relação com a humanidade, com sua obra, na história, ou seja, a construção de uma responsabilidade consciente. Ele conclui dizendo: “O ideal humanista de educação se apresenta, nesse sentido, como um tempo de formação, no qual cada novo habitante do mundo é reconhecido como um sujeito de aprendizagem; e como espaço de formação no qual, a partir do diálogo com uma pluralidade de vozes e linguagens que herdamos do passado, constituímos-nos como sujeitos do presente”. Deixo essa mensagem para vocês. Muito obrigada!



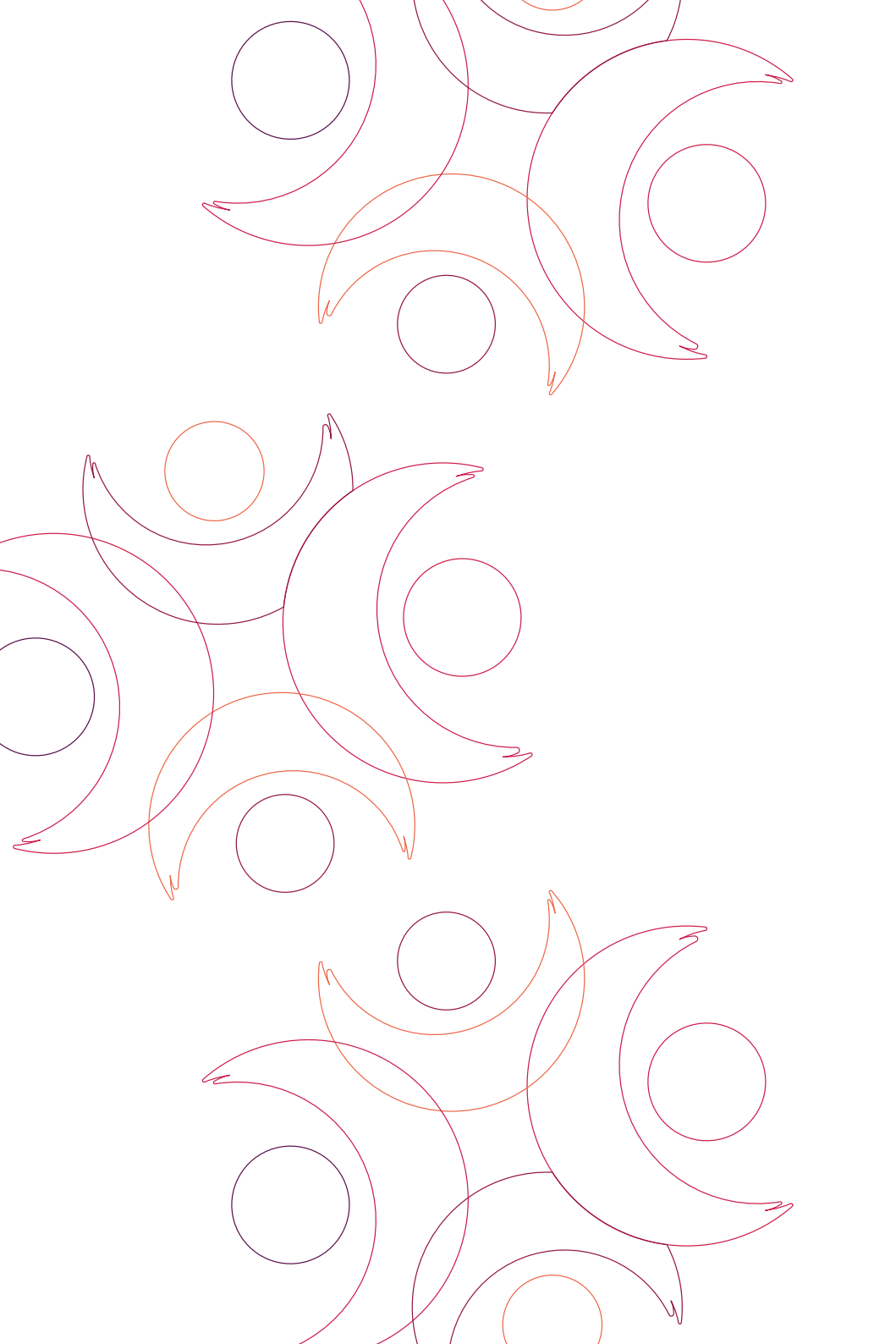
Mesa de Reflexão: A Promoção de uma Educação para a Cidadania Global - Traçando Rotas

(Participantes: Pe. José Alberto Mesa, S.J.
e Profa. Dra. Bernardete Gatti
Mediação: Pe. Luiz Fernando Klein, S.J.)



https://www.youtube.com/watch?v=f9hfaASjMLM&list=PLj7dwr5sAMe9UlyBud_-rFQqaTgyCn-1&index=3





Educação de Qualidade para Todos: Desafio aos Centros Educativos¹

Luiz Fernando Klein, S.J.

Introdução

Essa contribuição visa apresentar e motivar a campanha que a Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina (CPAL)² está lançando para promover o direito universal a uma educação de qualidade.

Desde o início da longa tradição educativa institucionalizada de 471 anos, a contar da fundação do Colégio San Nicolò, em 1548, em Messina, a Companhia de Jesus tem assumido como “ponto de honra” a educação dos mais pobres e vulneráveis. Ela não se conforma de ver, por vezes, que o seu nome esteja associado à educação dos abastados

1. Palestra proferida no I Congresso de Pedagogia Inaciana da Rede Jesuíta de Educação do Brasil, realizado de 2 a 5 de outubro de 2019, no Colégio São Luís, em São Paulo.

2. Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe. Disponível em: www.jesuitas.lat. Acesso em: 9 dez. 2020.

e bem-estabelecidos, conforme outrora alguns a tenham identificado.

Na verdade, na predileção pelos mais pobres, a Companhia se esforça por assumir o estilo de vida de Jesus Cristo e a primazia que sempre deu, por gestos e palavras, aos desconsiderados e descartados dos bens indispensáveis para uma vida digna. Desde as Constituições da Ordem dos Jesuítas, elaboradas por Santo Inácio de Loyola, passando pelas orientações das Congregações Gerais, órgão máximo de governo da Companhia, dos Superiores Gerais, e de documentos educativos, a atenção aos pobres é sempre descrita e enfatizada.

Os documentos educativos da Companhia sublinham que os pobres não são apenas um tema importante a considerar, mas constituem o horizonte, a perspectiva, o foco de todo o trabalho realizado. O Pe. Peter-Hans Kolvenbach, durante o seu generalato, desejava que em nenhuma sala de aula de instituição jesuíta deixasse de ressoar o clamor dos pobres.

Quando a Companhia de Jesus depara, atualmente, com a realidade de 263 milhões de crianças e adolescentes no mundo fora da escola – um entre cinco! – e que 758 milhões de adultos não sabem ler nem escrever³, sente que é preciso insurgir

3. *Informe de Seguimiento de la Educación en el mundo. La educación al servicio de los pueblos y el planeta: creación de futuros*

vigorosamente contra a inoperância do sistema educativo em tantos países, a falência dos resultados das aprendizagens, o aviltamento da classe docente, e a falta de políticas públicas que desbloqueiem o acesso escolar aos mais necessitados.

Ao firmar a *Carta sobre o Neoliberalismo na América Latina* (14.11.1996), os Provinciais Jesuítas descreveram a sociedade desejada: “onde toda pessoa possa aceder aos bens e serviços que merece por ter sido chamada a partilhar a vida como caminho comum para Deus. Não reclamamos uma sociedade de bem-estar, de satisfações materiais ilimitadas. Clamamos por uma sociedade justa, onde ninguém fica excluído do trabalho e do acesso aos bens fundamentais para a realização pessoal, como a educação, os alimentos, a saúde, a família, a segurança”⁴.

1. A Campanha

A Companhia na América Latina propõe uma campanha de metas audaciosas, de larga amplitude e

sostenibles para todos, em Unesdoc. Digital Library. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000248526>. Acesso em: 9 dez. 2020.

4. *O Neoliberalismo na América Latina: Carta e Documento de Trabalho dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina* (14.11.96), n. 17.

de longa duração, com dois principais objetivos: 1. sensibilizar e conscientizar pessoas, grupos, entidades, empresas, instituições e governos a assumirem como própria, e de modo habitual, a defesa e promoção do direito universal para uma educação de qualidade; 2. associar-se a pessoas e coletivos empenhados na incidência pública junto aos governos a fim de contribuir para a formulação de políticas em favor do direito universal para uma educação de qualidade.

A ideia da Campanha foi proposta pelo Presidente da CPAL, Pe. Roberto Jaramillo, e acolhida com muito interesse pela *EduRed*, o consórcio das três redes educativas da Companhia na América Latina: AUSJAL, com trinta universidades e em torno de 254 mil estudantes, em catorze países; Fé e Alegria, com cerca de 1.400 escolas e 1.500.000 beneficiários, em vinte e dois países; e FLACSI, com oitenta e nove colégios e 135 mil alunos, em dezenove países⁵.

A Companhia não está propriamente “inventando” essa mobilização, não está partindo do zero, mas tratando de articular-se em rede com muitas entidades

5. AUJAL: Associação das universidades confiadas à Companhia de Jesus. Fé e Alegria: Movimento de Educação Popular e Ação Social. FLACSI: Federação Latino-Americana de Colégios Jesuítas.

e organismos dos governos, das igrejas e da sociedade civil que, embora não tenham seu foco operacional restrito ao educativo, comungam da mesma indignação ética para reverter a iniquidade educativa.

2. Marcos de Referência

Para iluminar o processo mobilizador, a *EduRed* publicou o livro *A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade*, disponível no Centro Virtual de Pedagogia Inaciana, em português e em espanhol.

O DUEC, cognome do livro, de 140 páginas, contém três seções. A primeira apresenta o documento “Derecho a la educación para todas las personas”, elaborado em 2012 por Global Ignatian Advocacy Network (GIAN). Com cinquenta e nove itens, o texto trata da educação como direito humano e bem público; o fundamento na dignidade humana e na preferência de Jesus pelos excluídos; a missão educadora da Companhia de Jesus na perspectiva de valores e de qualidade; e alguns fatores determinantes para uma educação para todos: políticas públicas, família, sociedade e Estado.

A segunda seção do livro consta de três discursos programáticos do Pe. Arturo Sosa, atual Superior

Geral da Companhia de Jesus, às três redes educativas dos jesuítas na América Latina. A tríade começa com o discurso no 1º. Encontro Mundial de Delegados de Educação (JESEDU), realizado em outubro de 2017, no Rio de Janeiro: “A Educação da Companhia: Uma Pedagogia ao Serviço da Formação de um Ser Humano Reconciliado com Seus Semelhantes, com a Criação e com Deus”. Dia 10 de julho de 2018, em Loyola (Espanha), o Padre Geral discursou na criação da International Association of Jesuit Universities (IAJU) aos reitores de duzentas universidades jesuítas do mundo: “A Universidade, Fonte de Vida Reconciliada”. Finalmente, no El Escorial (Madri), dia 29 de setembro de 2018, o Pe. Arturo Sosa dirigiu-se aos cerca de quinhentos participantes do 47º. Congresso Internacional de Fé e Alegria com o tema: “Educamos nas Fronteiras, Fé e Alegria, Movimento Global”.

A terceira seção do DUEC é uma compilação de 61 trechos de discursos dos recentes Padres Gerais, de orientações das últimas Congregações Gerais da Ordem, de outros autores, de reuniões e instâncias de educação da Companhia. Para estimular a apropriação e socialização do pensamento da Companhia sobre o tema, depois de cada texto há guias para o estudo pessoal e trabalho em grupos.

Documentos igualmente iluminadores para a campanha são os conclusivos de dois congressos internacionais do movimento de Educação Popular Fé e

Alegria, patrocinado pela Companhia de Jesus. O 35º. Congresso teve lugar em Madri, em 2004, que tratou da sensibilização para a transformação social⁶, e o 36º. em Caracas, em 2005, comemorativo do jubileu de ouro da instituição, que refletiu sobre a educação como bem público⁷.

3. Desafios de Articulação

Os centros educativos da Companhia de Jesus, *EduRed*, e toda ação que a partir da CPAL é promovida em prol do DUEC, são estimulados a exercer uma cidadania global, rompendo seus estreitos limites institucionais para aprender e colaborar com organismos nacionais e internacionais empenhados no resgate educativo.

O movimento “Educação para Todos” vem sendo conformado nas conferências da ONU sobre educação, em Jomtien (Tailândia, em 1990), em Dakar (Senegal, em 2000) e finalmente em Incheon (Coreia do Sul, em 2015). Nesta última havia 1.600 participantes de 160 países, entre os quais 120 ministros que, ao final, declararam: “comprometemo-nos a fazer mudanças necessárias nas políticas de educação

6. Em Federación Internacional Fe y Alegría.

7. *Idem*.

e a concentrar nossos esforços nos mais desfavorecidos, especialmente aqueles com deficiências, a fim de assegurar que ninguém seja deixado para trás”⁸. As conclusões e os acordos revelam notável semelhança com a visão jesuíta humanista da educação, seus objetivos, valores e o processo de desenvolvimento.

Uma visão mais abrangente leva os centros educativos a se familiarizarem e se comprometerem também com a *Agenda 2030*, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em 2015, com *17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. O ODS n. 4 refere-se à educação e intenciona “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”⁹.

Além dos documentos produzidos pelos organismos internacionais, o direito universal à educação de qualidade é objeto de várias campanhas organizadas em diversos níveis.

Em 1999, um grupo de Organizações Não Governamentais deu origem, na Espanha, à Campanha Mundial pela Educação (CME) como instrumento para influenciar a referida Conferência de Dakar,

8. *Declaração de Incheon: Educação 2030* (2015).

9. *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*.

pressionar a comunidade internacional ao cumprimento dos compromissos aí firmados e assegurar a educação no centro da agenda dos países.

A CME atua por tríplice via: 1. sensibilização (elaboração de materiais para colégios e grupos de educação); 2. incidência política (pressão sobre os representantes políticos); e 3. mobilização da sociedade para o surgimento de porta-vozes e ativistas do direito universal à educação. Anualmente é organizada a Semana de Ação Mundial pela Educação (SAME), ocorrida entre abril e maio de 2019.

Em 2017, a Unesco lançou a campanha digital “Quem é Responsável”, direcionada para que os jovens se engajem na promoção do direito à educação¹⁰. No ano seguinte, para celebrar o 70º. aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Unesco deu início a outra campanha digital, a “Ação Internacional a favor do Direito à Educação”, acompanhada por um Observatório que contém o perfil dos países sobre o cumprimento dos acordos, e uma ampla biblioteca¹¹.

10. UNESCO, *Our Tight to Education Campaign*. Disponível em: <https://es.unesco.org/themes/derecho-a-educacion/campana>. Acesso em: 9 dez. 2020.

11. UNESCO, *Campaña Derecho a la Educación*. Disponível em: <https://es.unesco.org/themes/derecho-a-educacion/campana>. Acesso em: 9 dez. 2020.

Outra instância importante a considerar é o Fórum Mundial de Educação (FME). Ele visa suscitar uma “cidadania planetária”, oferecendo um espaço de constante diálogo sobre projetos de educação popular e de enfrentamento ao neoliberalismo em distintas esferas de atuação.

Na América Latina atua a Campanha Latino-Americana pelo Direito à Educação (CLADE), que congrega organizações da sociedade civil de dezesseis países do continente para a mobilização social e incidência política, a fim de “defender o direito humano a uma educação transformadora, pública, laica e gratuita para todos e todas, ao longo da vida e como responsabilidade do Estado”¹². Atualmente, o Coordenador da Federação Internacional de Fé e Alegria é um dos membros do seu diretório.

No âmbito da Companhia de Jesus Entreculturas, Fe y Alegría-España e *Educate Magis* levam adiante a campanha iniciada em 2012 em duas escolas da Espanha, hoje estendida internacionalmente: “La Silla Roja”. O objetivo é ajudar a “criar consciência de educadores e alunos para que, como cidadãos globais, atuem e se unam à luta para defender o direito à educação e tomar posição sobre o direito à

12. CLADE, *Campaña Latinoamericana por el Derecho a la Educación*.

educação¹³. Durante este ano, Entreculturas, visando socorrer as crianças migrantes e as escolas vítimas de ataques em diversos países, lançou a campanha “La Escuela es Refugio”. Com essa campanha, busca-se, junto com organizações sociais, que “as escolas sejam refúgio e lugares de paz, livres de violência; lugares de reconciliação e encontro”¹⁴.

GIAN deu início, em 2015, à campanha “Derecho a la Educación. Derecho a la Esperanza” para ajudar a sensibilização sobre a importância da educação como direito humano, dar a conhecer o panorama de iniquidade educativa e despertar a atuação cidadã¹⁵.

4. Decálogo da Educação

A mobilização que está promovendo a Companhia de Jesus se rege por um decálogo de princípios básicos sobre a educação dos mais pobres:

1. A educação é um **direito básico**, prioritário e inalienável de todos os cidadãos, assegurado

13. A página da campanha oferece diversos recursos didáticos para os alunos dos diferentes ciclos de escolaridade.

14. Em *Escuela Refugio*. Disponível em: <https://www.escuela-refugio.org>. Acesso em: 9 dez. 2020.

15. Em *Entreculturas*. ONG Jesuíta para la Educación y el Desarrollo.

pela Organização das Nações Unidas (ONU), desde 1948 (art. 26). É um direito que não se outorga à pessoa porque é inerente à sua condição de ser humano, está baseado na dignidade humana e resiste a qualquer discriminação, seja do nível social, econômico e cultural e da situação moral.

2. A educação é um **bem radical**, porque é raiz a partir da qual se podem alcançar os demais direitos, indispensáveis para uma vida digna e produtiva.
3. A educação, por ser direito básico e radical, é também um **direito universal**. É um direito de todos os seres humanos, sem levar em conta nenhuma consideração, como raça, nacionalidade, credo ou condição social.
4. A educação é um **bem público**, precisamente por ser um direito universal. É responsabilidade do Estado, com a ação complementar e harmônica da família, dos centros educativos e das diversas instâncias da sociedade.
5. A educação é propiciada aos mais pobres tendo em vista a **equidade**, privilegiando os que têm menos e são mais necessitados.
6. A educação oferecida é **integral**, porque considera a pluridimensionalidade do ser humano, nos níveis pessoal e coletivo, material e espiritual.

7. A educação, uma vez que busca a promoção do ser humano, deve ser da **maior qualidade**, não no sentido de comparação, de competitividade, mas buscando sempre a melhor utilização dos recursos disponíveis.
8. A educação que se oferece não é neutral, mas tem em vista a **formação em valores** que promovam a pessoa e a sociedade da qual faz parte.
9. A educação disponibilizada a todo ser humano irá dotá-lo de condições para ser, não só o beneficiário, mas sobretudo o **promotor** do próprio desenvolvimento, de suas **competências e habilidades**.
10. A educação, por mirar a otimização do ser humano, é um **processo vitalício**, não podendo restringir-se à permanência da pessoa no centro educativo.

5. O Trabalho em Rede

Por experiência, os jesuítas sabem que não dão conta de atuar sozinhos numa problemática de tamanha envergadura. Por isso, a *EduRed* trata de mobilizar, para a mesma causa, também no âmbito interno da Companhia, as demais redes

de missão apostólica dos jesuítas no continente latino-americano¹⁶.

Em 1980, quando se dirigia ao pequeno grupo de educadores jesuítas e um leigo, reunidos em Roma para repensar a manutenção ou não de colégios, o Pe. Pedro Arrupe, então Superior Geral, dizia: “Os colégios da Companhia não podem ser, em relação à Província ou à Igreja Local, um caso de *‘splendid isolation’*”¹⁷. Decorridos quase quarenta anos, essa afirmação tem uma perspectiva muito mais abrangente, pois amplia o olhar dos centros educativos para um horizonte além dos muros da Província e da Igreja.

A 35ª. Congregação Geral (2008) percebeu que diante do mundo contemporâneo a ação apostólica da Companhia teria que ser redimensionada, e passar a atuar em redes: a “complexidade dos problemas que enfrentamos – justificava – e a riqueza das

16. São as redes: 1. 46 Centros de Atenção a Migrantes; 2. 17 Centros de Espiritualidade Inaciana; 3. 40 Centros de Reflexão e Ação Social; 4. 13 Escritórios Provinciais de Comunicação; 5. 220 Paróquias e Templos; 6. 95 Rádios. E mais os grupos: Colaboradores na Missão, Juventude e Vocações, Solidariedade ao Apostolado Indígena, Jesuítas pela Amazônia.

17. P. Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã* (Roma: 13.9.1980), n. 25.

oportunidades que se nos oferecem pedem que construamos pontes entre ricos e pobres, estabelecendo vínculos de apoio mútuo entre aqueles que detêm o poder político e os que encontram dificuldade em fazer ouvir os seus interesses”¹⁸.

Por isso, a Congregação exortava a Companhia a promover e apoiar uma “Família Inaciana” ou “Comunidade Inaciana” com uma visão comum de serviço por meio de redes em âmbito local, regional e internacional¹⁹.

Em 2008, inspirada pela mesma 35^a. Congregação Geral, teve início a constituição de uma rede internacional de “*advocacy*” ou incidência²⁰, as Global Ignatian Advocacy Network (GIAN). Essas redes vão sendo conformadas pelas instituições apostólicas da Companhia, preocupadas com um mundo humanizado e conscientes da globalização dos fenômenos sociais. Nasceram cinco redes e desde

18. 35^a. Congregação Geral, Decreto n. 3, n. 28.

19. *Idem*, Decreto n. 6, n. 29b.

20. O Pe. Patxi Alvarez, S.J., Secretário da Companhia de Jesus para a Justiça e a Ecologia anterior, define: “‘advocacy’ ou incidência política consiste em influir na opinião pública e contribuir para alterar as políticas de estados e organismos internacionais, com o fim de proteger as populações desfavorecidas” (*Carta aos Provinciais Jesuítas*, 22.9.2011).

2013 permanecem quatro, sobre: 1. ecologia; 2. direito à educação de qualidade; 3. administração de recursos naturais e minerais; e 4. migrações e deslocados internos²¹.

Cada rede publicou uma declaração de intenção com relação ao seu tema específico. Os signatários do documento de Educação da GIAN firmaram: “comprometemo-nos a investir o melhor de nós mesmos e da nossa fé para incidir em políticas públicas, a fim de tornar-se realidade o direito de todas as pessoas, incluindo de maneira especial o dos atualmente excluídos, à educação de qualidade ao longo da vida. Comprometemo-nos a unir nossos esforços e contribuições a muitos outros movimentos que trabalham para transformar as políticas públicas educacionais”²².

Uma concreção desse desejo de um trabalho global pela educação de qualidade é precisamente a campanha DUEC que a CPAL agora está impulsionando.

21. *Promotio Iustitiae*, Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, 2013, n. 110. Mais informações sobre a GIAN em *Introducción a la Red de Advocacy Ignaciana*, publicado pelo Secretariado de Justiça Social e Ecologia da Cúria Geral dos Jesuítas.

22. GIAN, “Direito à Educação para Todas as Pessoas”, em *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*.

6. Conversão Necessária

A Companhia de Jesus, ou seja, *EduRed* e todas as redes apostólicas dos jesuítas no continente latino-americano tratam de transpor os limites operacionais, ir além dos seus muros e somar-se às entidades – da sociedade civil e das Igrejas – empenhadas nessa causa do direito universal à educação de qualidade para todos.

Conserva a maior importância o magistral estudo do Pe. Gabriel Codina, S.J., intitulado *Fe y Justicia en la Educación*, no qual elenca argumentos contra e a favor dessa pretensão e sugere meios para implementá-la. A posição contrária, determinista, considera que “os valores que os alunos trazem para nossas instituições educativas, os interesses dos pais de família, as influências da sociedade e da mídia sobre nossos alunos, para não falar das limitações políticas, econômicas e culturais supramencionadas, devem fazer-nos abrir os olhos para não ampliar as margens limitadas e reais dentro das quais nos movemos e não sobrestimar nossas forças”. A posição favorável à implantação da justiça invoca o potencial do ser humano e da comunidade que pode esquadriñar a realidade e descobrir brechas por onde introduzir as inovações necessárias. “Ainda que as estruturas sejam paralisantes, afirma Codina, e as margens por onde se podem introduzir mudanças estruturais

sejam muito estreitas, o sistema tem fissuras. Ainda há resquícios, espaços livres onde o ar é puro”²³.

A primeira mudança que se impõe é no âmbito interno da instituição educativa, no nível da sensibilização sobre a existência, as dimensões, as causas e implicações da iniquidade educativa. Os atores dos centros educativos são ajudados a ultrapassar a atitude de espectadores assustados diante do noticiário por vezes funesto dos jornais ou da televisão, para ir aprendendo a ser leitores críticos da realidade.

Conscientização é a etapa seguinte a percorrer, uma conversão cultural a realizar-se nas comunidades educativas. Implica a análise criteriosa dos fenômenos educativos, com a indispensável seleção das fontes de informação, no sentido de identificar a raiz e os mecanismos causadores da injustiça educativa. Essa fase de conscientização leva, inevitavelmente, cada pessoa a cair na conta de que, como cidadão do mundo e membro da sociedade, não pode se eximir da quota de responsabilidade em prol dos mais necessitados. Dizia o Pe. Arrupe: “temos que nos tornar ‘voz’ dos ‘sem-voz’, estudando, para isso, as situações em que eles se encontram e sabendo representá-los onde não podem

23. G. Codina, *Fe y Justicia en la Educación*, 1986.

ser ouvidos; e tratando, sobretudo, de ‘dar-lhes voz’ e plataforma por meio da educação”²⁴.

Todos somos interpelados ao esforço de questionamento social, como diz a 36ª. Congregação Geral dos Jesuítas: “Quem tem satisfeitas todas as necessidades e vive longe da pobreza também necessita da mensagem de esperança e reconciliação, que liberta do medo dos migrantes e refugiados, dos excluídos e dos que são diferentes, e isto abre à hospitalidade e à paz com os inimigos”²⁵.

Pessoas sensibilizadas e conscientizadas serão o apoio imprescindível para a instituição educativa se persuadir de que o tema da justiça educativa faz parte de sua agenda cotidiana, e de modo algum é um tema a ser considerado eventualmente. O clamor da injustiça educativa leva os educadores a rejeitarem a costumeira alegação de que a rotina escolar é de tal modo absorvente, que não cede espaço para “outras preocupações”. Uma novidade que sugere a campanha do DUEC é precisamente a “conversão institucional”, ancorada no princípio que reza: “num colégio jesuíta a orientação central

24. “La Educación es obra de colaboración”, em P. Arrupe, *Ante un mundo en cambio*, Zaragoza, EAPSA, 1972, p. 206.

25. 36ª. Congregação Geral dos Jesuítas, Decreto 1, n. 31.

é para a justiça”²⁶, de tal modo que “os pobres formam o contexto da educação jesuíta”²⁷.

A opção pela justiça e o zelo pelos mais pobres não podem ser invocados levianamente, como uma etiqueta a ser colada no projeto educativo. É preciso repelir a cândida expectativa desse intento, ignorando a pressão do meio social, político e cultural e cujo ar respiram a instituição e os atores educativos.

Os objetivos de justiça pretendidos requerem ser visibilizados em práticas pedagógicas e procedimentos administrativos coerentes. O currículo, os temas e a metodologia das aprendizagens, as relações interpessoais, o exercício da liderança, os espaços de participação, assim como toda a gestão do complexo educativo são redesenhados e implementados de acordo com a leitura crítica da realidade e a meta da justiça educativa. Indicadores precisos da instituição verificarão, periodicamente, o impacto das decisões assumidas²⁸.

26. *Características da Educação da Companhia de Jesus* (1986), n. 77.

27. *Idem, ibidem*, n. 88.

28. O Pe. Gabriel Codina, no seu clássico trabalho *Fe y Justicia en la Educación*, descreve e aprofunda três níveis de implantação da justiça nos centros educativos: 1. justiça institucional; 2. justiça no currículo; e 3. justiça nas práticas de aprendizagem.

Contudo, hoje tomamos consciência de que isso não basta. A própria instituição, a institucionalidade como um todo, deverá se preocupar com que as razões para atuar dessa forma, no interior de si mesma, sejam politicamente reconhecidas e atualizadas em favor de todos os que, por quaisquer motivos, não podem estar dentro da instituição ou beneficiar-se dela.

Por isso, a ocupação dos espaços institucionais era algo que deixava o Pe. Arrupe intrigado. Ele sugeria que os centros educativos da Companhia poderiam alargar suas perspectivas e tornar sua experiência pedagógica e seus espaços institucionais mais bem aproveitados em tempos ociosos para “cursos noturnos, ou de alfabetização, ou de treinamento e aperfeiçoamento profissional, atividades sociais, esportivas, artísticas ou recreativas, atividades de comunidades de vizinhos, projetos de promoção humana, etc.?”. Arrupe ainda perguntava: “Não é até certo ponto escandaloso – e em termos de boa inversão financeira injustificável – que, às vezes, os grandes prédios de nossos centros se encontram em rendimento efetivo apenas por 8 ou 10 horas diárias, durante os 200 dias do ano acadêmico, isto é, 20% do tempo, quando podiam ser utilizados para tantos outros fins? Não se poderia aplicar aqui a nossa doutrina da função social dos bens?”²⁹.

29. P. Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*, n. 26.

Paira sobre os centros educativos uma como “hipoteca social”, no sentido de se tornarem responsáveis por fazer frutificar para muitos outros os bens que usufruem.

Certamente, a busca da justiça educativa para os mais necessitados impõe também uma “conversão institucional” quanto aos objetivos, valores, prioridades, procedimentos, serviços e produtos da administração dos centros educativos. Uma avaliação instaurada como rotina permitirá identificar eventuais complicações da gestão com situações e mecanismos de exclusão. Mas isso não basta. O serviço educativo que prestamos na realidade não é bom se não for para todos os seres humanos; caso contrário, continuaremos fazendo o jogo do sistema de exclusão das maiorias, que se compraz em ser uma redoma, mas na verdade legítima e muitas vezes reproduz a iniquidade que o discurso combate e condena.

Por isso, o que os Provinciais Jesuítas da América Latina diziam na *Carta sobre o Neoliberalismo* retém toda a validade para hoje: “Temos uma imensa tarefa pedagógica: em um contexto em que o horizonte do bem comum desaparece e onde cada um busca sua vantagem no mercado, a exclusão social se aprofunda. Devemos empreender um esforço educativo formal e informal para transformar as instituições, empresas e projetos excludentes, as políticas de exclusão e os homens e mulheres que são

atores excludentes, muitas vezes sem consciência disso. Temos que começar examinando a nós mesmos, nossas preferências e os grupos que frequentamos. Nós também podemos fazer parte da dinâmica da exclusão. E devemos também promover mudanças nos excluídos, porque eles, por sua vez, são muitas vezes a contrapartida do tipo de sociedade nacional e internacional que criamos”³⁰.

Não obstante o esforço educativo perseverante e generoso, os centros educativos atinam que a educação para a justiça não consegue deixá-los apaziguar a consciência por estarem servindo apenas os matriculados. Há que transpor o público discente imediato e compadecer-se de tantos que estão impedidos de aceder a uma educação de qualidade. Conforme têm insistido os Padres Gerais, todo o empenho deve ser investido no cumprimento da orientação, desde o Pe. Arrupe, para que o acesso dos alunos aos centros educativos jesuítas não esteja circunscrito à sua condição econômica. Por isso, “o centro educativo em questão deve submeter-se à tensão de aspirar a que nenhum aluno apto seja recusado por falta de meios econômicos. A reivindicação de igualdade de oportunidades em matéria de educação e de liberdade de ensino são

30. *O Neoliberalismo na América Latina*, n. 62.

objetivos que entram de cheio na nossa luta pela promoção da justiça”³¹.

O acesso dos necessitados à escolarização também coloca o tema da sua sustentabilidade, que deve ser enfrentado com denodo pelos centros educativos. O Pe. Kolvenbach foi incisivo ao falar a esse respeito aos educadores de Georgetown: “É uma questão de prioridades. Insto a todos para que abordem o mais importante problema da justiça no financiamento dos colégios. É preciso abordá-lo”³².

À medida que vão avançando na promoção da educação de qualidade para todos, os centros educativos sentem que resultam inócuos os seus esforços se negligenciam a incidência na esfera pública. Essa atuação política transborda da rotina e passa a ser integrante da agenda institucional, como sua responsabilidade social!

Há um aprendizado a ser feito pelos centros educativos: o de, além de sua rotina, passar a incidir com outros na esfera pública sobre as questões políticas. Então repercutirá a afirmação do Papa Paulo VI aos cristãos cétricos quanto à validade da atuação nas

31. P. Arrupe, *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*, n. 8.

32. P.-H. Kolvenbach, *Segundo Centenario de la Enseñanza Jesuítica en Estados Unidos (Georgetown, 08.06.1989)*.

questões da vida em sociedade: “a política é a suprema forma da caridade!”³³.

Na verdade, ao praticar a incidência educativa nos governos, os ativistas – pessoas e entidades – não estão rogando a sua benevolência às causas apresentadas. Pelo contrário, estão pleiteando que lhes seja devolvido por justiça o que de direito lhes pertence. Bem ilustrativa é a afirmação do Pe. Vélaz: “o nosso dinheiro, ou melhor, o dinheiro que os pobres necessitam para educar-se está no erário público. Devemos, portanto, exigir, por justiça, a devida distribuição”³⁴.

“A Educação dos pobres, entre outras consequências incômodas, obriga-nos a ver e estudar as suas necessárias implicações políticas. Somente quando o saber e o poder dos que hoje são pobres equilibre ou supere o das classes atualmente dominantes, estaremos nos aproximando da justiça”, defendia o Pe. Vélaz³⁵.

33. Papa Paulo VI, *Carta Apostólica Octogesima Adveniens* (14.5.1971), n. 46.

34. J. M. Vélaz, *Fe y Alegría, características principales e instrumentos de acción*, 1981.

35. *Idem*, *Comentarios a la Asamblea Educativa de Bogotá*, 1975.

7. Que Passos Dar?

Em outubro de 2017, na primeira reunião mundial que realizaram, no Rio de Janeiro, os Delegados de Educação Jesuíta comprometeram-se “a garantir que os colégios tenham um programa que permita aos estudantes de setores marginalizados e empobrecidos da sociedade participar numa educação de qualidade e assegurar que os colégios que atendem aos marginalizados e pobres vão além de suas experiências para construir pontes com outras pessoas e comunidades”³⁶.

O Grupo Coordenador do GIAN, na reunião que ocorreu em Madri em outubro de 2016, formulou recomendações de atuação ao Padre Geral, aos Presidentes de Conferências de Provinciais e às instituições jesuítas. Frisaram a consideração da promoção do direito à educação de qualidade como ministério apostólico, a inserção do tema nos planejamentos das obras, destinação de recursos humanos e econômicos para fortalecer o GIAN, união de esforços da Companhia com outras organizações que atuam na incidência política e pesquisa

36. I Congresso Internacional dos Delegados de Educação da Companhia de Jesus. Acordos Finais (Rio de Janeiro, 20.10.2017).

sobre o tema nas universidades e outras instituições jesuítas³⁷.

Os centros educativos e as diversas obras apostólicas, como formadores de opinião, podem dar uma ampla divulgação ao livro-base do DUEC, e outros textos referenciais, entre seus diretores, gestores, educadores e estudantes, famílias, antigos alunos e colaboradores, e motivar a sua apropriação por meio dos roteiros de estudo propostos ao final de cada texto. É um trabalho de sensibilização e de conscientização, em vista da mudança de mentalidade e de posicionamento das pessoas.

Como centros de produção de cultura, as universidades podem ajudar a criar na sociedade, mediante seus programas de docência e de pesquisa, uma consciência sobre o significado, o âmbito, a urgência de promover a justiça educativa.

A responsabilidade social das universidades pode se dilatar por meio de diálogos e convênios com atores e instituições empenhados nessa causa ou simpatizantes dela. Identificar autores, entidades, movimentos, foros e campanhas promotoras dessa

37. GIAN, *Declaración con recomendaciones para actuar*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4480>. Acesso em: 9 dez. 2020.

causa para iluminar-nos e às quais eventualmente possamos nos vincular.

No 47º. Congresso de Fé e Alegria, o Pe. Arturo Sosa enalteceu a atuação do Movimento pela Justiça Educativa e estimulou-o a “não renunciar à denúncia quando esta for necessária para propiciar o Bem Comum. ‘Animo-os – dizia – a continuar proclamando que não é possível a qualidade sem escolas inclusivas, seguras, escolas que acolham e integrem, escolas que atendam a diversidade, inovadoras, contextualizadas e pertinentes. Não é fácil este papel, mas Fé e Alegria tem a responsabilidade da defesa da educação como bem público e o fortalecimento dos sistemas e das políticas públicas que garantam a justiça social”³⁸.

Os Antigos Alunos dos Jesuítas foram convocados pelo Superior Geral anterior, Pe. Adolfo Nicolás, no VIII Congresso Mundial de Antigos Alunos Jesuítas, em 2013, em Medellín, Colômbia, intitulado: *Os Antigos Alunos da Companhia de Jesus e sua Responsabilidade Social: A Busca de um Futuro Melhor para a Humanidade. O Que Significa Ser uma Pessoa de Fé Hoje?*³⁹.

38. A. Sosa, *Educamos nas fronteiras* (Madrid, El Escorial, 29.9.2018).

39. A. Nicolás, *Discurso no 8º. Congresso Mundial de Antigos Alunos*, Medellín, 15.8.2013.

O Padre Geral exortava os antigos alunos a fazerem frutificar a educação que eles agradeciam, não como um “benefício exclusivo para alcançar seus interesses pessoais, mas sim como um dom que se transforma em tarefa e compromisso, a favor da juventude de todo mundo que sofre as humilhações da exclusão”.

Pe. Nicolás justificava que por pertencerem à família inaciana, nutrida pela espiritualidade e pedagogia inaciana, os centros educativos jesuítas sentem-se impelidos a seguir oferecendo um serviço de qualidade. “Mas”, acrescentava, “já que, no contexto mundial, nossas instituições numericamente sempre serão uma pequena minoria, sentimo-nos chamados a fortalecer a consciência internacional a respeito da necessidade de uma educação de qualidade para todos, já que ela é um direito de todo ser humano e, consequentemente, uma exigência para as políticas públicas em torno da educação”.

No final do discurso, o Padre Geral informou aos antigos alunos da rede internacional que a Companhia estava pretendendo constituir sobre o direito de educação para todos. E interpelava os antigos alunos: “proponho-lhes como uma das conclusões deste VIII Congresso a convicção expressa por Santo Inácio de que o bem do mundo e o significado da mensagem e vivência cristãs ‘dependem da boa

educação da juventude’ e que, consequentemente, junto com a Companhia de Jesus, vocês também assumam o propósito de gerar uma ampla consciência mundial a favor de uma educação de qualidade para todos”.

De sua parte, até agora, a *EduRed*:

- 1) Lança e dinamiza a campanha, tratando de incorporar as redes e setores apostólicos e motivar outras pessoas e grupos.
- 2) Anima, apoia e registra as iniciativas de difusão e as atividades de incidência política.
- 3) Elabora e difunde material de apoio, textos e vídeos de entrevistas de testemunhos e reflexões nas redes sociais.
- 4) Sugere momentos de avaliação do impacto da campanha.

Considerações Finais

Diante da lastimável realidade educativa, os centros educativos da Companhia de Jesus animados pela *EduRed*, junto com todas as demais redes da CPAL, fiéis ao seu ideário de compromisso com os necessitados, inserem-se na campanha pelo direito universal a uma educação de qualidade. Glosam

o ditado popular “o bem é bom quando é bom para todos!” e o aplicam à educação e à escola.

As obras apostólicas dos jesuítas na América Latina, a partir do consórcio de suas três redes educativas – universidades, colégios e educação popular – mobilizam a si mesmas e a muitas outras pessoas e entidades em defesa e promoção do direito universal a uma educação de qualidade. Não apenas tratam de buscar companheiros para essa missão, mas vão se perguntando quem tem ideais semelhantes com os quais convém associar-se nessa trajetória.

Nesse esforço, os centros educativos estão conscientes da necessidade de uma conversão pessoal e institucional no foco da justiça, de ultrapassar os próprios limites e associar-se a outros ativistas da mesma causa para praticarem uma incidência pública e política eficaz.

Inspire essa caminhada a declaração de ouro da jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai, quando recebia o prêmio Nobel da Paz, em 2014, então com dezessete anos de idade: “Um livro, uma caneta, uma criança e um professor podem mudar o mundo. Com armas, você pode matar terroristas; com educação, você pode matar o terrorismo!”.

Bibliografia

35ª. *Congregação Geral*. São Paulo, Loyola, 2008.

ARRUPE, Pedro. *Ante un mundo en cambio*, Zaragoza, EAPSA, 1972.

____. “Nossos Colégios Hoje e Amanhã” (Roma, 13.09.1980). *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2934>. Acesso em: 9 dez. 2020.

____. “Características da Educação da Companhia de Jesus”. Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, 1986. *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2932>. Acesso em: 9 dez. 2020.

CELA, Jorge. “Público y privado en educación”. *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=404>. Acesso em: 9 dez. 2020.

CODINA, Gabriel. “Fe y Justicia en la Educación”. *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3070>. Acesso em: 9 dez. 2020.

COMPANHIA DE JESUS. 35ª. *Congregação Geral* (2008).

____. 36ª. *Congregação Geral* (2016).

- CPAL. "A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade (DUEC)". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4484>. Acesso em: 9 dez. 2020.
- ____. "DECLARAÇÃO de Incheon: Educação 2030". *UNESDOC. Digital Library*. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Santiago/pdf/ESP-Marco-de-Accion-E2030-aprobado.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2020.
- ____. "Fe y Alegría. Actor Internacional y Agente de Sensibilización para la Transformación Social. 35º Congreso Internacional de Fe y Alegría (Madrid, 2004)". *Federación Internacional Fe y Alegría*. Disponível em: http://www.feyalegria.org/images/acrobat/FIFYA-177-2005-DocumentoXXXVCongreso_7027.pdf. Acesso em: 9 dez. 2020.
- ____. "Fe y Alegría: La Educación es un Bien Público. Mejor Educación y Sociedad para Todos y Todas. 36º. Congreso Internacional de Fe y Alegría (Caracas, 2005)". *Federación Internacional Fe y Alegría*. Disponível em: http://www.feyalegria.org/images/acrobat/FIFYA-186-2006%20DocumentoXXXVICongreso-Caracas2005_8505.pdf. Acesso em: 9 dez. 2020.
- ____. "GIAN: Derecho a la educación para todas las personas". *La Compañía de Jesús y el derecho*

universal a una educación de calidad (DUEC). Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4479>. Acesso em: 9 dez. 2020.

KOLVENBACH, Peter-Hans. "Segundo Centenario de la Enseñanza jesuítica en Estados Unidos (Georgetown: 08.06.1989)". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana.* Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=137>. Acesso em: 9 dez. 2020.

NICOLÁS, Adolfo. "Los Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social. 8º. Congreso Mundial de la Unión de Antiguos Alumnos de la Compañía de Jesús (Medellín, Colombia: 15.08.2013)". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana.* Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=359>. Acesso em: 9 dez. 2020.

O Neoliberalismo na América Latina. Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus na América Latina (14.11.1996). São Paulo, Loyola, 1996.

Promotio Iustitiae. Roma, Curia General de los Jesuitas, 2013, n.110.

SECRETARIADO DE JUSTICIA SOCIAL Y ECOLOGÍA DE LOS JESUITAS. "Introducción a la Red de *Advocacy Ignaciana*". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana.*

Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=192>. Acesso em: 9 dez. 2020.

SOSA, Arturo. "Educamos en las fronteras". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=4251>. Acesso em: 9 dez. 2020.

____. "Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável". *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda-2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2020.

UGALDE, Luis. "La educación como bien público". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com>. Acesso em: 9 dez. 2020.

____. "La Educación Jesuita frente al Compromiso por el Derecho a la Educación de Calidad para Todos y Todas (Madrid: 2016)". *Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana*. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3475>. Acesso em: 9 dez. 2020.

UNESCO. "Campaña Derecho a la Educación". Disponível em: <https://es.unesco.org/themes/derecho-a-educacion/campana>. Acesso em: 9 dez. 2020.

—. "Our Right to Education Campaign". Disponível em: <https://es.unesco.org/themes/derecho-a-educacion/campana>. Acesso em: 9 dez. 2020.

VÉLAZ, José María. "Fe y Alegría, características principales e instrumentos de acción, 1981". *Federación Internacional Fe y Alegría*. Disponível em: http://www.feyalegria.org/sites/default/files/81-02-Velaz-FyA_Caracteristicas_e_Instrumentos.pdf. Acesso em: 9 dez. 2020.

—. "Comentarios a la Asamblea Educativa de Bogotá, 1975". *Federación Internacional Fe y Alegría*. Disponível em: http://www.feyalegria.org/sites/default/files/75-03-Velaz-ComentariosAsambleaEducativa_de_Bogota.pdf. Acesso em: 9 dez. 2020.

Webgrafia

AUSJAL: Asociación de las universidades confiadas a la Compañía de Jesús: www.ausjal.org

CAMPAÑA La Silla Roja: <https://lasillaroja.org/>

CAMPAÑA Mundial por la Educación: www.cme-espana.org

CENTRO Virtual de Pedagogía Ignaciana: www.pedagogiaignaciana.com

CLADE. Campaña Latinoamericana por el Derecho a la Educación: www.redclade.org

CONFERENCIA de Provinciales Jesuitas de América Latina y Caribe: www.jesuitas.lat

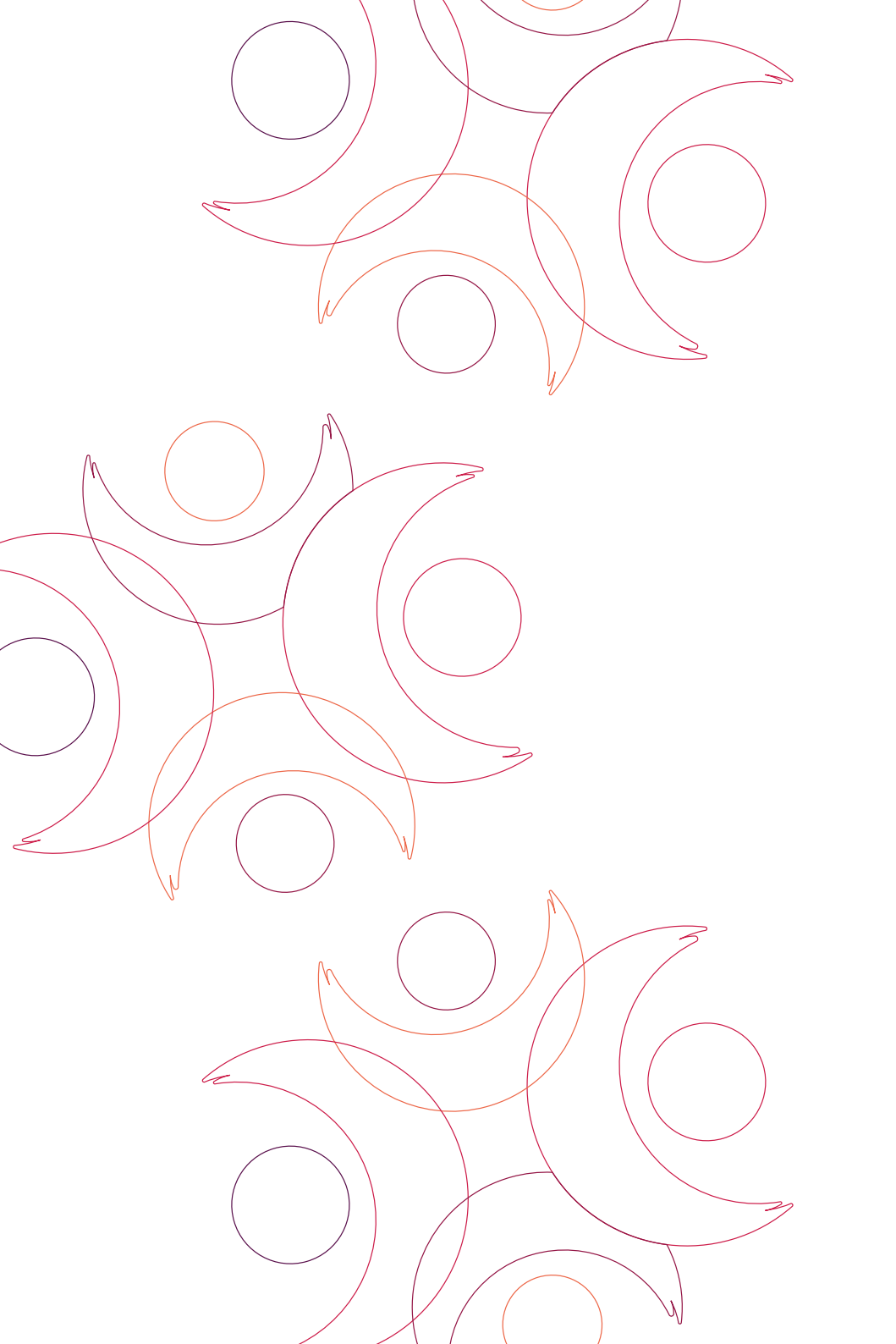
ENTRECULTURAS: www.entreculturas.org

ESCUELA Refugio: <https://www.escuelarefugio.org>

FEDERACIÓN Internacional Fe y Alegría: www.feyalegria.org

FLACSI: Federación Latinoamericana de Colegios de la Compañía de Jesús: www.flacsi.net

FÓRUM Mundial de Educação: <http://www.forum-mundialeducacao.org/>



Oficinas



Introdução

(Rita Mury – Coordenadora Pedagógica
do Colégio Santo Inácio – RJ)

Como as diferentes Unidades da RJE estão colocando em prática os princípios delineados pelo Projeto Educativo Comum (PEC)? Como estão dando visibilidade à formação para a Cidadania Global em seus projetos e propostas curriculares? Tais questões motivaram o delineamento de oficinas oferecidas durante o Congresso.

Visando à participação efetiva dos educadores da rede, as oficinas constituíram-se como espaços de partilha de experiências curriculares em Cidadania Global com base na estruturação e vivência em cada Unidade da RJE. Durante o evento, contamos com dezessete oficinas com duração de 1h30min, oferecidas em três momentos. Assim, cada participante experimentou três encontros distintos de troca e descoberta.

As propostas, elaboradas e coordenadas por educadores, objetivavam retratar a vivacidade dos currículos e o movimento de renovação inspirado pelo PEC nas instituições, considerando seus diferentes contextos.

Cada Unidade foi convidada a participar do evento com até duas oficinas, garantindo a participação de estudantes no seu desenvolvimento ou dando destaque ao protagonismo desse ator escolar. Em sua formulação, colocaram em evidência o caráter inovador que assumiam em cada Unidade e, dessa forma, possibilitaram o aprofundamento na construção de uma rede de colégios por meio da aprendizagem e da troca de experiências.

Oficinas

OFICINA 1

Título: Ciranda das Artes: A Poética do Ser Brincante na Produção Textual

Colégio: Jesuítas

Equipe:

Marcos Monrsi Bavuso Ribeiro

Magali Machado Silva Jobim

Guilherme Augusto de Oliveira

Barbara Fassheber de Moraes

Victor Augusto de Almeida Tirapani

Por meio de dinâmicas lúdicas e de relaxamento, a oficina propõe um mergulho sensorial que favoreça a produção de textos escritos. Pretende possibilitar a experimentação de um instrumento pedagógico que ultrapasse uma visão racionalista da produção textual e impulse o prazer do gesto autoral pelas artes.

OFICINA 2

Título: Debate

Colégio: Santo Inácio – RJ

Equipe:

Marcus Vinicius Borges da Silva Machado

Rodolfo de Souza Braga

A oficina tem como foco o desenvolvimento de habilidades relacionadas à retórica e à oratória, associadas às perspectivas do saber ouvir e colocar-se diante do outro. Propõe a simulação da prática do Debate, com a participação de alunos como vogais.

OFICINA 3

Título: Educação STEM: Uma Proposta Que Integra Internet das Coisas (IOT) e Sustentabilidade

Colégio: Santo Inácio RJ

Equipe:

Marcus Vinicius Borges da Silva Machado

Mauricio Ribeiro Gomes

Charles Esteves Lima

Fundamentado na filosofia de ensino da educação STEM, com base na aprendizagem significativa, na resolução de problemas da vida real e no princípio de “mão na massa”, a oficina, com base em uma metodologia que associa tecnologia educacional e projetos de sustentabilidade, integra o uso de sensores e dispositivos eletrônicos, o conceito de IOT e o controle e monitoramento ambiental no espaço da escola. Pretende apresentar ferramentas digitais e

aplicativos que permitem um monitoramento remoto e telemétrico de variáveis físicas, como a umidade e a temperatura.

OFICINA 4

Título: África – A Cultura Afro-Brasileira: Fazemos Parte Dessa Tribo

Colégio: São Francisco Xavier

Equipe:

Daniela Carla Miraglia Ragazi da Silva

Gislene de Souza Dantonio

Raquel Kassaoka

Pretende-se incentivar um estudo mais aprofundado sobre a História da Cultura Afro-Brasileira, criando espaços com manifestações artísticas que promoverão a releitura da história do mundo africano e da diversidade cultural existente em nosso país. A oficina propõe a confecção da boneca Abayomi e do instrumento de sopro Kazoos, além da exposição de trabalhos realizados por estudantes.

OFICINA 5

Título: Encantos do Cordel e os 4 C's

Colégio: São Francisco Xavier

Equipe:

Kenia de Curtis Sinckevicius

Renata Lencioni Romero

A oficina pretende promover a valorização da cultura nordestina por meio da literatura de cordel. Prevê o contato direto com esse tipo de literatura com base em autores consagrados e de produções de estudantes, propondo a construção de sextilhas vinculadas aos 4 C's e releituras de xilogravuras.

OFICINA 6

Título: Desafios e Aprendizagens na Implementação do PEC: A Experiência do Colégio São Luís

Colégio: São Luís

Responsável: Sônia Maria Vasconcellos de Magalhães

Compartilhar o processo e as aprendizagens da rota de implementação do PEC nos últimos três anos no Colégio São Luís é o foco dessa oficina. O CSL vem realizando um processo orgânico de inovação desenhado com base em quatro grandes áreas: currículo, organização e estrutura, infraestrutura e comunicação. A apresentação da experiência vivida será feita por meio de uma exposição compartilhada, com apresentação de dados e indicadores de resultados do processo e com informação qualitativa sobre a percepção de pais, alunos, professores e funcionários.

OFICINA 7

Título: Lyrics: Letras de Música Tratadas como Texto Poético na Versão para Outra Língua

Colégio: Medianeira

Responsável: Anna Carolina Legroski

A oficina pretende demonstrar uma prática interdisciplinar de literatura e língua inglesa com as turmas de 2ª. série do Ensino Médio. Propõe que os participantes vivenciem as etapas do trabalho referentes à tradução, versão e adequação de uma letra de música em inglês para o português, estimulando a heterogeneidade de níveis de conhecimento da língua inglesa. Contará, ainda, com a exibição de trechos de trabalhos que se destacaram entre as produções dos estudantes.

OFICINA 8

Título: Oficinas Enem: Um Itinerário Formativo Inaciano para Promoção da Cidadania Global em Conexão com a BNCC

Colégio: Antônio Vieira

Equipe:

Gilda da Silva Albuquerque

Flávio Rogério Magalhães

Conhecer a experiência do Colégio Antônio Vieira na promoção de pedagogias formativas críticas, que

articulam conhecimento e sensibilidade na qualificação do desempenho dos jovens no Enem e, em especial, na sua capacitação para atender às demandas do século XXI é o objetivo desta oficina. Além de dar a conhecer a experiência do CAV na concepção, implantação e desenvolvimento de itinerários formativos optativos para o Enem, pretende vivenciar o modelo de uma dessas oficinas.

OFICINA 9

Título: Protagonismo Estudantil e Currículo Vivo: A Experiência dos Núcleos Vieirenses

Colégio: Antônio Vieira

Equipe:

Paulo Reis

Mariana Ruback Santana Pacheco

Ricardo Soares Penido

A oficina pretende dar a conhecer a experiência dos Núcleos Vieirenses, identificando-os como espaço de desenvolvimento do protagonismo estudantil e da formação integral. Propõe, ainda, a construção de diretrizes e de critérios de avaliação da atividade com base em *template* elaborado pelos facilitadores, utilizando as referências do Estudo de Participação Estudantil do Porvir, do Documento Juventudes pela Educação e do PEC.

OFICINA 10

Título: *Stop Motion* como Recurso Pedagógico: Aprendizagem Lúdica e Ativa

Colégio: ETE

Equipe:

Susana Bianca de Andrade

Gabriela Cardoso de Faria

Zorilda Alves de Sá

Eduardo Abranches Silva Lopes

A oficina pretende apresentar a técnica de animação *stop motion* como recurso pedagógico focado na aprendizagem ativa aliada à ludicidade, bem como as possibilidades de sua utilização em diferentes disciplinas. Propõe a apresentação da teoria que embasa a atividade e a oportunidade de compreender sua realização desde o roteiro até a edição da animação.

OFICINA 11

Título: Construindo Pontes: Analisando os Processos Administrativos e Acadêmicos nos Colégios

Colégio: São Luís

Responsável: Sandra Vaiteka

A oficina propõe uma reflexão sobre o ambiente em que trabalhamos, com base na relação entre

as ações dos gestores e professores. Por meio de uma análise situacional, pretende-se que os participantes encontrem “incidentes críticos” em seu cotidiano e pensem nos desenhos dos processos administrativos e acadêmicos que conduzem à análise de seus contextos, propondo soluções para os problemas.

OFICINA 12

Título: Projeto João de Barro: Diálogos Curriculares – Promovendo Ações para o Desenvolvimento da Cidadania Global com Estudantes

Colégio: Medianeira

Responsável: Eliane Barreto Maia Santos

Pretende-se ampliar o horizonte dos participantes sobre as possíveis ações que envolvem diretamente os estudantes como agentes protagonistas de transformação da sociedade, na busca de soluções para problemas que envolvem principalmente a produção de resíduos e questões ambientais. A oficina visa reviver as etapas do projeto desenvolvido com estudantes de 5º. ano. A dinâmica objetiva aproximar os participantes da vivência de todas as etapas do projeto até a confecção da placa de edificação sustentável, que unidas a outras semelhantes formam as paredes da estrutura arquitetural.

OFICINA 13

Título: Oficina de Monitoria Estudantil

Colégio: Catarinense

Responsável: Claudia Maggioni

A oficina pretende socializar a experiência do Colégio Catarinense com o Projeto de Monitoria Estudantil, apresentando seu histórico, fases e processo de organização. O projeto pressupõe o protagonismo do estudante e seu engajamento no auxílio a colegas do próprio colégio ou de escolas públicas.

OFICINA 14

Título: Projeto Cadeira Vermelha *Educate Magis*

Colégio: Anchieta POA

Equipe:

Marcia Peixoto Schivitz

Adriana Cristina Bassi

Valeria da Silveira Machado

A oficina pretende dar a conhecer a experiência do Colégio Anchieta como multiplicador do movimento global Red Chair da plataforma *Educate Magis*, que visa defender o direito de crianças e adolescentes frequentarem a escola. Com base em atividades práticas, propõe a elaboração e defesa de direitos fundamentais das crianças.

OFICINA 15

Título: Character Strengths and Virtues

Colégio: Anchieta POA

Equipe:

Lucila Hotzel Escardo

Adriane Balzarette Caldas

Baseada no projeto intitulado “Character Strengths and Virtues”, a oficina propõe uma atividade prática da disciplina de língua inglesa, em que se evidenciam as dimensões socioemocional e espiritual religiosa, buscando desenvolver as habilidades relacionadas ao autoconhecimento. Pretende apresentar o contexto original do projeto e seu público-alvo, propiciando aos participantes a vivência nos moldes experimentados pelos estudantes.

OFICINA 16

Título: Estratégias Metacognitivas para o Desenvolvimento da Competência Leitora

Colégio: Anchieta – RJ

Responsável: Alexandre Nicolas Soares

Apresentar aos professores, em especial os da área de linguagens, mais especificamente os de língua portuguesa, conceitos relativos à psicolinguística e à psicologia cognitiva que se utilizam das estratégias de Teste de Cloze, Monitoramento do

texto e Elaboração de perguntas (Inferências) para desenvolver as habilidades referentes à Competência Leitora. Assim a oficina será dividida em dois momentos: um mais teórico e o outro prático, para uma melhor vivência, por parte dos professores participantes, das estratégias apresentadas. Ao final, os professores deverão ser capazes de adaptar, replicar e criar novos recursos pedagógicos ao longo de suas aulas, com a certeza da importância de seu papel como mediadores do desenvolvimento das competências e habilidades do educando sob os seus cuidados.

OFICINA 17

Título: Iniciativas e Projetos Globais Através do *Educate Magis*

Instituição: *Educate Magis*

Responsável: Ciara Beuster

¿Buscas herramientas y/o recursos para ayudarte a añadir una perspectiva global a tus clases? ¿Te interesa la educación para la ciudadanía global, pero no estás muy seguro/a de qué es o cómo comenzar a introducirlo en el aula? En este taller exploraremos cómo las escuelas jesuitas de todo el mundo están mejorando su conocimiento sobre la ciudadanía global, implementando proyectos e iniciativas

globales, conectándose con otras escuelas jesuitas y compartiendo sus planes de clases y/o experiencias. Te invitamos a participar en este taller, donde te brindaremos herramientas para añadir una perspectiva global a tus clases y sacar el máximo provecho de *Educate Magis*, la comunidad en línea para escuelas jesuitas de todo el mundo (a oficina será ministrada em espanhol).

Mesas-Redondas e Pôsteres

INTERDISCIPLINARIDADE



Introdução

(Fernando Guidini – Diretor Acadêmico
no Colégio Medianeira)

O Projeto de Formação Continuada da RJE objetiva garantir a formação continuada para o fortalecimento da identidade institucional e do trabalho em rede, envolvendo todos os sujeitos do processo de aprendizagem, considerando: formação integral e humanista, foco sobre o estudante, gestão pedagógica e curricular estratégicas. Em seus objetivos estratégicos: 1. fortalecer a formação do quadro de gestores; e 2. desenvolver programas de formação continuada, a RJE possui dois projetos: o Mestrado Profissional em Gestão Escolar e a Especialização em Educação Jesuíta, ambos em parceria com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Fruto dos estudos desenvolvidos nestes dois projetos ao longo dos anos acadêmicos de 2017 e 2018, o Congresso socializou o conhecimento produzido em forma de mesas-redondas e pôsteres, externalizando junto à comunidade inúmeras pesquisas, com diversidade de focos, objetos, conteúdos e contribuições para a RJE em suas dezessete Unidades de Educação Básica. Nas mesas-redondas, articuladas sobre a temática da cidadania global, discutiram-se gestão em rede, aprendizagem,

identidade e formação humana, currículo e inovação, práticas pedagógicas e inclusão.

Nos pôsteres, um belíssimo retrato da produção acadêmica atualizada em Pedagogia Inaciana, relacionando educação jesuítica e currículo, aprender integral e cidadania global. As aprendizagens sistematizadas evidenciaram traços estruturantes do Projeto de Formação Continuada, além de materializar indicadores das práticas pedagógicas inacianas em curso na Rede.

Mesas-Redondas

MESA 1

Foco: Gestão em Rede

Temática: Sistema de Qualidade na Gestão Escolar / Rede Jesuíta de Educação / *Educate Magis*

Convidados: Mora Podestá (SQGE – FLACSI) / Ir. Raimundo Nonato, S.J. (RJE) / Ciara Beuster (*Educate Magis*)

Mediador: Juliano Oliveira (Loyola)

MESA 2

Foco: Cidadania Global (Estudantes)

Temática: ONU Intercolegial / Encontro de Formação Integral / Intercâmbio na Universidade de Fordham

Convidados: Osvaldo Navarro (Vieira) / Isabela Fernandez Santos (Santo Inácio – RJ) / Nicole Balhestero Willy (São Luís)

Mediador: Paulo Henrique Cavalcanti (Jesuítas)

MESA 3

Foco: Aprendizagem

Temática: Aspectos Formativos e Aprendizagens Conclusivas da Educação Básica

Convidados:

Agripa da Silva Mairink (Loyola)

“O Modo Jesuíta de Gestão em Organizações Escolares e Sua Percepção pelos Estudantes Concluintes do Ensino Médio”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8693>

Roberta Uceda (Medianeira)

“Juventude Contemporânea e Novas Relações Espaço/Temporais: Concepções dos Estudantes do Ensino Médio sobre Conhecimento e Aprendizagem”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7667>

Sandra Vaiteka (São Luís)

“Ações de Gestão e Práticas Pedagógicas: Construindo Pontes e Aproximando Caminhos”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7661>

Mediador: Fernando Guidini (Medianeira)

MESA 4

Foco: Identidade e Formação Humana

Temática: Formação Humano-Social, Espiritualidade e Identidade

Convidados:

André Gan (Santo Inácio – RJ)

“Um Novo Sujeito para o Mundo: A Educação Jesuíta e os Desafios da Formação para o Humano e o Social”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7663>

Márcio Marcelo Sabino da Silva (Jesuítas)

“Espiritualidade e Comprometimento Organizacional no Colégio dos Jesuítas: Uma Análise dos Impactos de Experiências Espirituais”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7677>

Ir. Marcos Epifanio, S.J. (SANFRA)

“Gestão Educacional: Formação Continuada de Professores frente à Identidade Institucional”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7483>

Mediador: Pe. Sérgio Mariucci (BRA)

MESA 5

Foco: Currículo e Inovação

Temática: Inovação Educacional e Criatividade

Convidados:

Mariângela Risério (Vieira)

“Inovação Educacional Disruptiva: A Experiência da Catalunha como um Caminho Possível”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7659>

Maylon da Motta (Anchieta – RJ)

“A Criatividade da Gestão para a Inovação Diante das Novas Práticas Pedagógicas: Uma Análise de Processos Desafiadores para os Colégios Jesuítas no Brasil”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7669>

Mediadora: Ana Loureiro (Santo Inácio – RJ)

MESA 6

Foco: Práticas Pedagógicas

Temática: Avaliação Docente, Reinvenção de Práticas e Currículo Multirreferencial

Convidados:

Daniela Conti (SANFRA)

“Relação Ensino/Pesquisa no Exercício da Docência: Um Caminho de (Re)Invenção Permanente das Práticas Pedagógicas”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8182>

Ana Paula Marques (CAV)

“Constituição de um Currículo Multirreferencial: Caminhos Possíveis”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7658>

Mediadora: Louisa Carla Farina Schröter (Catarinense)

MESA 7

Foco: Inclusão

Temática: Gestão e Práticas Inclusivas

Convidados:

Rosemere Lira (ESAR)

“A Gestão Escolar para além da Prática Bancária”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9017>

Natália dos Santos (Catarinense)

“O Serviço Social Discutindo a Inclusão Escolar de Pessoas com Deficiência sob a Perspectiva da Gestão Educacional”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7668>

Maria Margareth Rodrigues dos Santos (Diocesano)

“Educação Inclusiva: Desafios, Possibilidades e Enfrentamentos na Prática de Gestão Escolar”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7657>

Mediador: JoséTeixeira Zelão (Vieira)

MESA 8

Foco: Gestão Escolar

Temática: Clima Escolar, Comunicação e Liderança

Convidados:

Alessandro Quadrado (Medianeira)

“Gestão do Clima Escolar: A Formação de/em uma Comunidade de Liderança”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7670>

Ana Lúcia Vieira (Santo Inácio – RJ)

“Liderança Inaciana: O Papel dos Líderes em um Colégio da Rede Jesuíta de Educação”

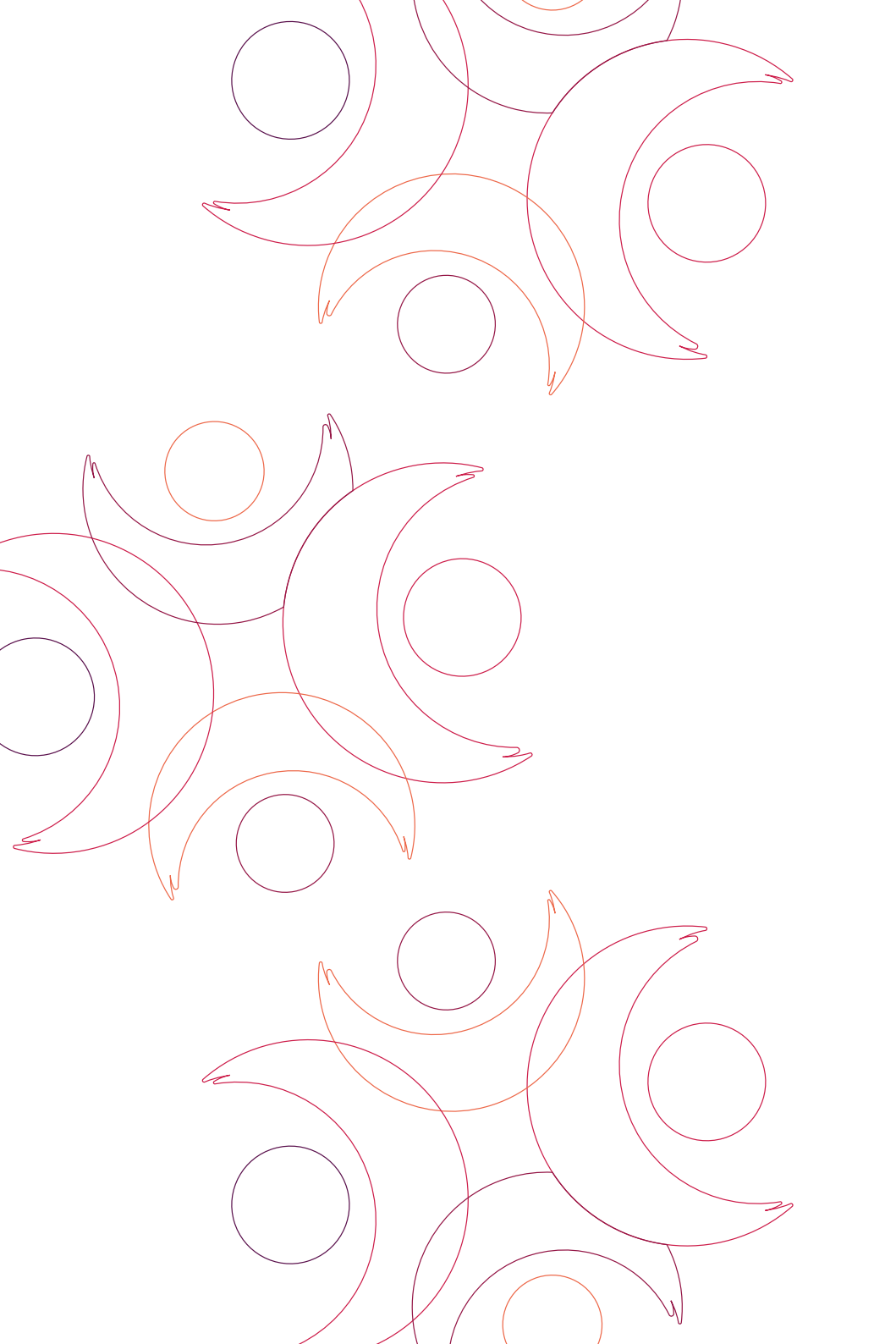
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8878>

Dayse Lacerda (Loyola)

“Comunicação Interna como Estratégia de Gestão Educacional”

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7524>

Mediador: Julival Alves (Diocesano)



Pôsteres

Adriana Erlinda Nolasco Ynoguti (ETE)

Peer instruction, Zona de Desenvolvimento Proximal e Aprendizagem Integral: Uma Combinação Possível em Sala de Aula?

Ana Maria Ribeiro Maia (Santo Inácio – CE)

O Uso da Interdisciplinaridade no Ensino de Química sob o Olhar da Educação Jesuíta

Ana Paula Correia (Medianeira)

A Qualificação do Currículo no Processo de Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental do Colégio Medianeira

Ângela Bigonha Bovarêto Batista (Jesuítas)

O Uso das Tecnologias Digitais como Forma de Promover Ações Que Contribuam para a Educação Integral

Arthur Rodrigues do Amaral Castellões (Jesuítas)

Educação Física e Formação Integral

Claudia Virginia Roque de Carvalho Gomes

(Diocesano)

Educação Emocional e Habilidade Social: Uma Reflexão sobre as Possibilidades para uma Formação Integral em uma Escola da Rede Jesuíta de Educação

Edeluci Fernandes Botelho (Medianeira)

Um Olhar sobre os Materiais Didáticos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, na Dimensão Espiritual-Religiosa

Eliana Maria Bomfim Fonseca (Antônio Vieira)

Desafios do Coordenador Pedagógico na “Articulação Pedagógica” dos Processos Educacionais

Ella Rodrigues de Araujo (Antônio Vieira)

Geometria e Arte: Humanizando o Ensino da Matemática

Eva Rodrigues Lopes Barros (Diocesano)

Formação Integral e a Dimensão Espiritual na Educação Infantil

Fernanda da Silva Franco (São Luís)

Ressignificação de Tempos e Espaços Escolares
para a Promoção da Aprendizagem entre Pares

Joana Ramalia Nobrega Gomes (Santo Inácio – CE)

O Ensino dos Gêneros Textuais sob o Viés Humanista da Companhia De Jesus

Julival Alves da Silva (Diocesano)

O Desafio da Formação Integral no Currículo Escolar:
Análise da Concepção de um Projeto Integrador de Aprendizagens

Leandro da Matta Reis (Loyola)

Experiências de Voluntariado Educativo de um Grupo de Alunos e Antigos Alunos do Colégio Loyola de Belo Horizonte – MG

Poline Czizewski Rodrigues (Catarinense)

A Desaceleração da Infância no Currículo da Educação Infantil

Rosana Milek dos Santos Machado (Medianeira)

O Ambiente Escolar como Espaço Coletivo de Colaboração e Experiências de Aprendizagem

Samia Lima Santos (Santo Inácio – CE)

A Escola como Sinalizadora do Autismo na
Educação Infantil

Soraya Rodrigues Kulichski (Medianeira)

Leis de Newton: Uma Sequência Didática Segundo
o PPI

Sueli Takemori (Medianeira)

Formação Integral no Contexto Extracurricular do
Colégio Nossa Senhora Medianeira

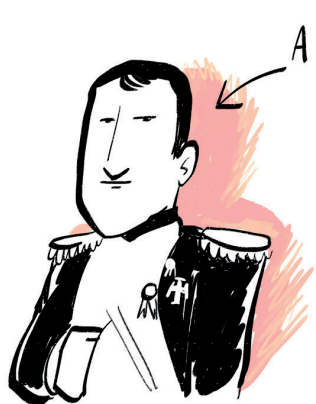
Walter Kudo Maejima (São Luís)

O Foco no Processo de Aprendizagem: Perspectivas
para Utilização de Modelos de Simulação da Orga-
nização das Nações Unidas

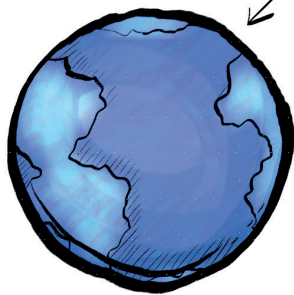
Yann Felipe Spinelli do Horto (Santo Inácio – RJ)

Utilização da Técnica de *Design Thinking*® na Apre-
ndizagem Integral: Um Estudo de Caso no Ensino
Fundamental II do Colégio Santo Inácio

Carta dos Estudantes Participantes do Congresso



A época da educação
fragmentada por
países
já passou



O presente
requer
uma educação
**global
e diversa**

Em primeiro lugar, nós, estudantes e representantes da juventude na Rede Jesuíta de Educação, gostaríamos de demonstrar nosso apreço e gratidão a todos os que se empenharam para que a participação estudantil neste I Congresso da RJE fosse possível. Sobre esse convite, agradecemos especialmente o fato de os alunos terem a oportunidade de testemunhar um avanço no processo educativo, que é justamente a presença dos jovens no evento.

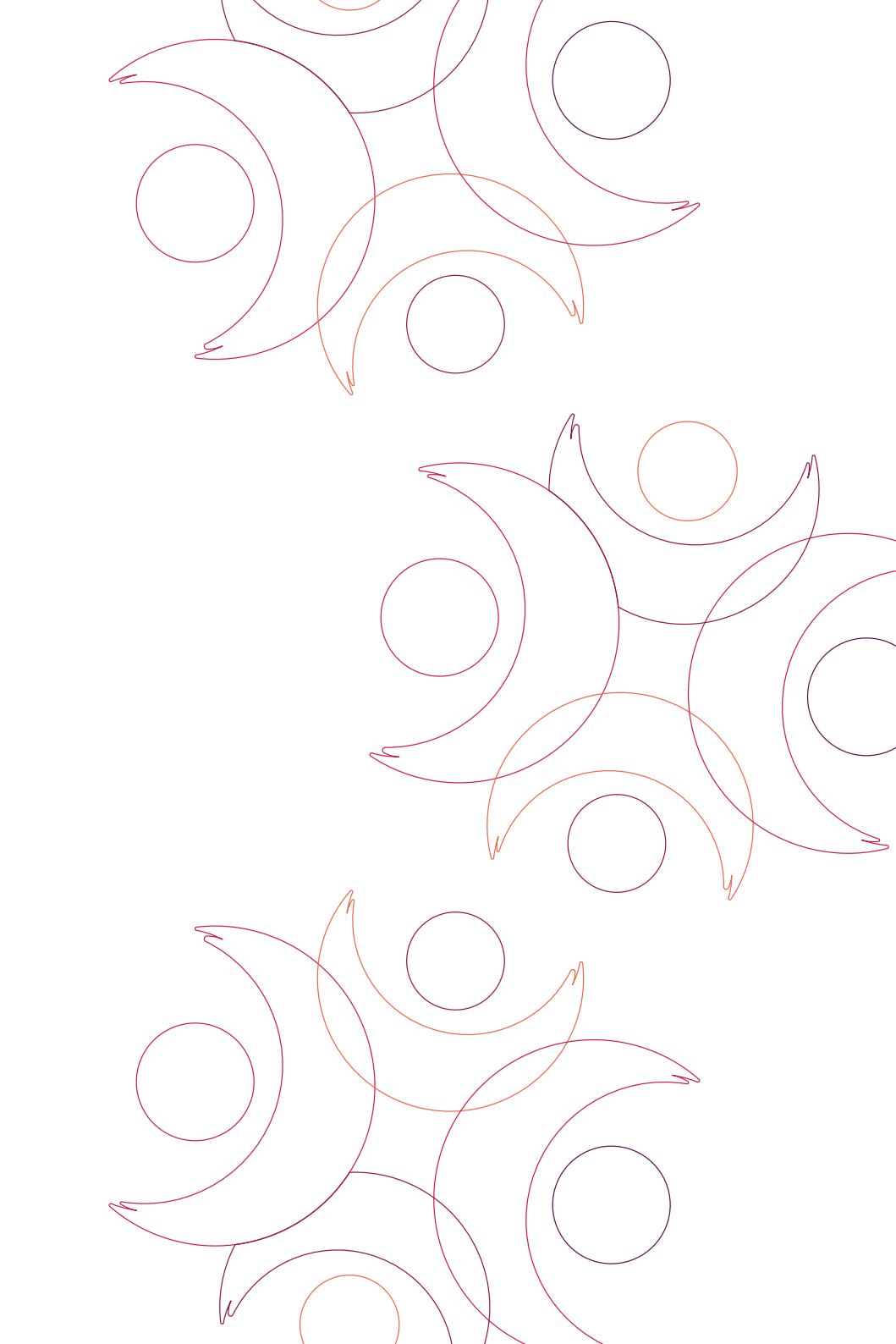
Por consequência de nossa inclusão e participação, viemos por meio deste texto confirmar e reforçar o nosso comprometimento com a cidadania global. Nesse âmbito, reconhecemos a importância de sermos protagonistas das mudanças que nós mesmos queremos ver no mundo.

Em relação à efetivação de nossos ideais, consideramos imprescindível que haja uma troca de experiências entre alunos, famílias e funcionários das escolas de maneira que os projetos e desejos dos alunos sejam não só ouvidos, mas verdadeiramente incentivados e abraçados pelas instituições. Diante disso, cremos que trabalhar em conjunto com professores, coordenadores e diretores seja primordial e fundamental para a criação de vínculos e para a manutenção de uma melhor convivência no espaço escolar. Pensamos, ainda, que mais conexões precisam ser realizadas para que ocorra

uma maior integração entre os alunos da rede. Por isso, julgamos como essenciais a expansão de projetos como a ONU colegial e a implementação de novas atividades que surjam como fruto de uma construção coletiva do corpo docente, discente e a equipe de gestão.

Além disso, é por ter esperança e fé em um mundo não somente conectado, mas também mais unido, que desejamos ser um “fogo que acende outros fogos”, sendo ponte entre os demais alunos e todos os aprendizados que adquirimos até então. Nesse aspecto, assim como os anjos, buscamos e visamos ser mensageiros em prol da disseminação do saber. Logo, podemos começar, por exemplo, apresentando as experiências que vivenciamos aqui no Congresso nas nossas Unidades com a finalidade de propagar tais ideais e propostas acerca da cidadania global. O conhecimento é como a “boa-nova”, que precisa ser anunciada e difundida ao máximo pelo mundo.

Por fim, é com esse olhar sonhador, positivo e determinado que nós, estudantes, temos a ambição de mudar, mesmo que pouco, a realidade ao nosso redor. Temos consciência de que muitas mudanças não serão vivenciadas na prática por nós, porém, se estivermos contribuindo para um futuro melhor das próximas gerações, todo o esforço terá valido a pena.



“Celebrar a vida, reafirmar compromissos,
partilhar experiências e fortalecer a caminhada.
Ações concretas que foram realizadas durante todas
as atividades do Congresso e também nas atividades
preparatórias. Celebrar cinco anos de vida da RJE
pode parecer exagero, mas a caminhada feita mostra
que muitos passos foram dados; que a RJE se constituiu
como espaço colaborativo, de formação,
de engajamento e, acima de tudo, de trabalho
em comum. Por isso mesmo, celebrar os cinco anos
se mostrou necessário e motivo de alegria.”

Ir. Raimundo Barros, S.J.

Diretor-Presidente da Rede Jesuíta de Educação Básica

ISBN 978-65-5504-068-5



9 786555 040685

cód. 100579

